

REVISTA

EDIÇÃO Nº 81 | MARÇO DE 2022

CONEXÃO LITERATURA

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br



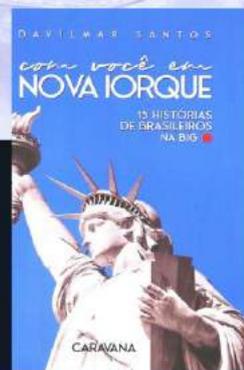
ENTREVISTA COM

DEARO E MANU

ESCRITORES E YOUTUBERS

PÁG. 06

CONHEÇA O LIVRO "COM VOCÊ EM NOVA IORQUE", DO AUTOR DAVILMAR SANTOS PÁGS. 26 e 27



ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
Editorial, pág. 04
Entrevista com Dearo e Manu, pág. 06
Centenário da semana de arte moderna, um júbilo, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 11
Amorosidade docente a luz de Paulo Freire e das memórias de estudante, por Raimunda Alves Melo, pág. 16
Dicas para leitura, pág. 19
Tarsila do Amaral: arte e feminilidade, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 21
Poema "Finura", por Bert Jr., pág. 24
Dica: livro "Com você em Nova Iorque", do autor Davilmar Santos, págs. 26 e 27
Leitura Contraindicada, por Bert Jr., pág. 28
Literatura e metafísica: caminhos inquietos, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 33
Dalvilson Donizete Policarpo - Conheça o autor, sua trajetória e suas obras, pág. 37
Solidão é o novo câncer, por Léo Silva, pág. 44
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, págs. 49 e 50
Resenha "Will", por Rafael Botter, pág. 52
O horror de encantarias em Gurupá (PA): Marcas do monstruoso nas narrativas orais de uma comunidade amazônica, por André Vitor Silva Lima, pág. 56
Poemas de Sílvia Grijó, págs. 66, 67 e 68
Poema "Às vezes", por Adayl Falconi Chiodi, pág. 72
Crônica: Para que festa eu vou?, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 74
Poema "Lembranças presenciais", por Beatriz C. Mattos, pág. 79
Entrevista com a autora Amanda Boaviagem, pág. 80
Entrevista com o autor Davilmar Santos, pág. 84
Entrevista com o autor Allan Vitor de Andrade, pág. 88
Entrevista com o autor Everton Ilkiu, pág. 91
Entrevista com o autor Américo Moraes, pág. 96
Entrevista com o autor Pedro Vinicius Prazo dos Passos, pág. 100
Entrevista com o autor Reginaldo F. de Cerqueira, pág. 105
Conto "O cabelo", por Adayl Falconi Chiodi, pág. 110
Conto "A casa invisível", por Angela Dondoni, pág. 114
Conto "O guerreiro", por Angela Dondoni, pág. 116
Conto "Madame Cécile", por Ciça Ribeiro, pág. 119
Conto "O sobrevivente do aborto", por Idicampos, pág. 124
Conto "Na biblioteca, um conto surreal, por Fernando Gimenez, pág. 128
Conto "O cuidador", por Iraci José Marin, pág. 130
Conto "A imigrante", por Mónica Palacios, pág. 133
Conto "A infância...", por Mónica Palacios, pág. 135
Conto "O chamado do mar", por Ney Alencar, pág. 138
Conto "Peter Pan em Negro", por Ney Alencar, pág. 142
Conto "Instantes", por Míriam Santiago, pág. 145
Conto "A longa noite de Michelle", por Roberto Schima, pág. 149
Apareça: patrocine a Revista Conexão Literatura, pág. 181
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 182



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

FERNANDO PESSOA

"Sentir tudo de todas as
maneiras,
Viver tudo de todos os
lados,
Ser a mesma coisa de
todos os modos
possíveis ao mesmo
tempo,
Realizar em si toda a
humanidade de todos os
momentos
Num só momento difuso,
profuso, completo e
longínquo."

CECÍLIA MEIRELES

"Basta-me um pequeno
gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te
leve..."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

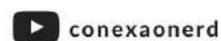
Crédito da foto de capa: Idearo e Manu

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO: ✉ ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

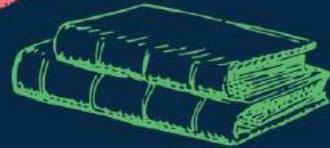
- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



Editor



Ademir
Pascale



EDITORIAL

Queridos leitores!

Nossa edição de março destaca os escritores e youtubers Dearo e Manu. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com eles.

Trabalhando num layout diferenciado e trazendo cada vez mais informações sobre o mundo dos livros, destacamos excelentes dicas para leitura, poemas, entrevistas com escritores, artigos e contos, tudo para que o leitor fique cada vez mais informado.

Para saber como participar da nossa edição de abril/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenham uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Leia acompanhado de
uma boa xícara com
café.



@revistaconexaoliteratura



ENTREVISTA

DEARO E MANU

POR ADEMIR PASCALE



ESCRITORES

Juntos são formados em Publicidade e Propaganda, e hoje comandam 4 canais do YouTube que somam mais de 10 milhões de inscritos: Operação Cinema, Falaidearo, Dearo e Manu e As Aventuras de Mike.

Gabriel Dearo é criador de conteúdos para a internet a mais de 10 anos, ao lado de sua esposa Manu Digilio, são autores da série de livros As Aventuras de Mike.

E YOUTUBERS



EM 2019 SE TORNARAM AUTORES BEST-SELLERS COM O SUCESSO DE AS AVENTURAS DE MIKE NO BRASIL E EM PORTUGAL. EM 2021, CRIARAM UM DESENHO ANIMADO QUE TAMBÉM VIROU UM CANAL NO YOUTUBE.



Dearo e Manu – Foto divulgação

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: É um prazer conversar com vocês. Para iniciarmos, poderiam contar para os nossos leitores como e quando surgiu o canal Falaidearo?

Dearo: O canal Falaidearo surgiu antes mesmo da Manu aparecer na minha vida, eu comecei com esse canal em 2014, na época ele não fez muito sucesso e acabei deixando de lado. Após a Manu aparecer em minha vida, começamos a namorar, a trabalhar juntos e resolvemos voltar com esse canal que tem uma pegada mais voltada ao humor do cotidiano. E assim que voltamos, ele começou a gerar um resultado bem bacana, acho que a Manu me deu sorte né?

Conexão Literatura: Qual o vídeo de vocês mais visualizado até hoje?

Manu: O nosso vídeo com maior visualização é uma paródia que fizemos chamada "Vai Jantar", com mais de 43 milhões de visualizações. Até hoje me surpreendo em como a

galera assiste várias vezes essa paródia. Inclusive, estamos longe de sermos cantores, somos melhores escrevendo livros e fazendo vídeos de humor, juro hahaha.

Conexão Literatura: São vocês que fazem a edição dos vídeos?

Manu: No começo era a gente que editava, mas hoje temos uma equipe com pessoas que nos ajudam nas edições, nos roteiros e produção dos vídeos.

Conexão Literatura: Quando criaram o canal, vocês imaginaram que um dia ele chegaria a ter quase 5 milhões de seguidores?

Dearo: Acho que 5 milhões de cara não imaginamos, sempre colocamos algumas metas. Por exemplo, vamos chegar a 10 mil inscritos, 100 mil inscritos, 1 milhão de inscritos! E com o passar do tempo sempre aumentamos a próxima meta, mas com certeza no começo não tínhamos a dimensão de onde poderíamos chegar.

Conexão Literatura. Além do “Falaidearo”, vocês possuem mais 3 canais: “Operação Cinema”, “Dearo e Manu” e “As aventuras de Mike”. Como é o dia a dia de vocês e como conseguem tempo para administrar os quatro canais?

Manu: Como disse anteriormente, nós temos uma equipe que nos ajuda muito. Apesar disso, é um desafio e tanto administrar todos esses canais, escrever livros e ao mesmo tempo gerir a nossa empresa, e mesmo assim gostamos muito do nosso trabalho.

Conexão Literatura: Vocês são autores de 4 livros que já venderam milhares de exemplares, sucesso entre o público infantil e infantojuvenil: As Aventuras de Mike. Poderiam comentar?

Manu: Pra gente é muito incrível saber que os fãs gostam tanto de As Aventuras de Mike. Nós sempre escrevemos com muito carinho e nos divertimos muito durante o processo de criação das histórias.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Manu: Sim, estamos produzindo mais alguns projetos que ainda são secretos, mas tenho certeza que a galera vai gostar muito!

Dearo: Uma coisa podemos contar, o próximo livro de As Aventuras de Mike já está escrito e em breve vocês poderão ler, já é o meu favorito.

Perguntas rápidas:

Dearo:

Um livro: Essencialismo



Um (a) autor (a): Gabriel Dearo, ele é muito bom.

Um ator ou atriz: Jackie Chan

Um filme: Toy Story

Um dia especial: O dia do meu casamento foi incrível!

Perguntas rápidas:

Manu:

Um livro: Ponto de Inflexão

Um (a) autor (a): Flávio Augusto

Um ator ou atriz: Jennifer Aniston

Um filme: Divertidamente

Um dia especial: Meu casamento hahah

Conexão Literatura: Desejam encerrar com mais algum comentário?

Dearo: Queremos agradecer o convite, foi um prazer conversar um pouquinho com vocês.

Manu: Um abraço para vocês leitores e pessoal da revista Conexão Literatura.

CONHEÇA OS CANAIS NO YOUTUBE DE DEARO E MANU:

[Operação Cinema](#) - [Falaidearo](#) – [Dearo e Manu](#) – [As aventuras de Mike](#)



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

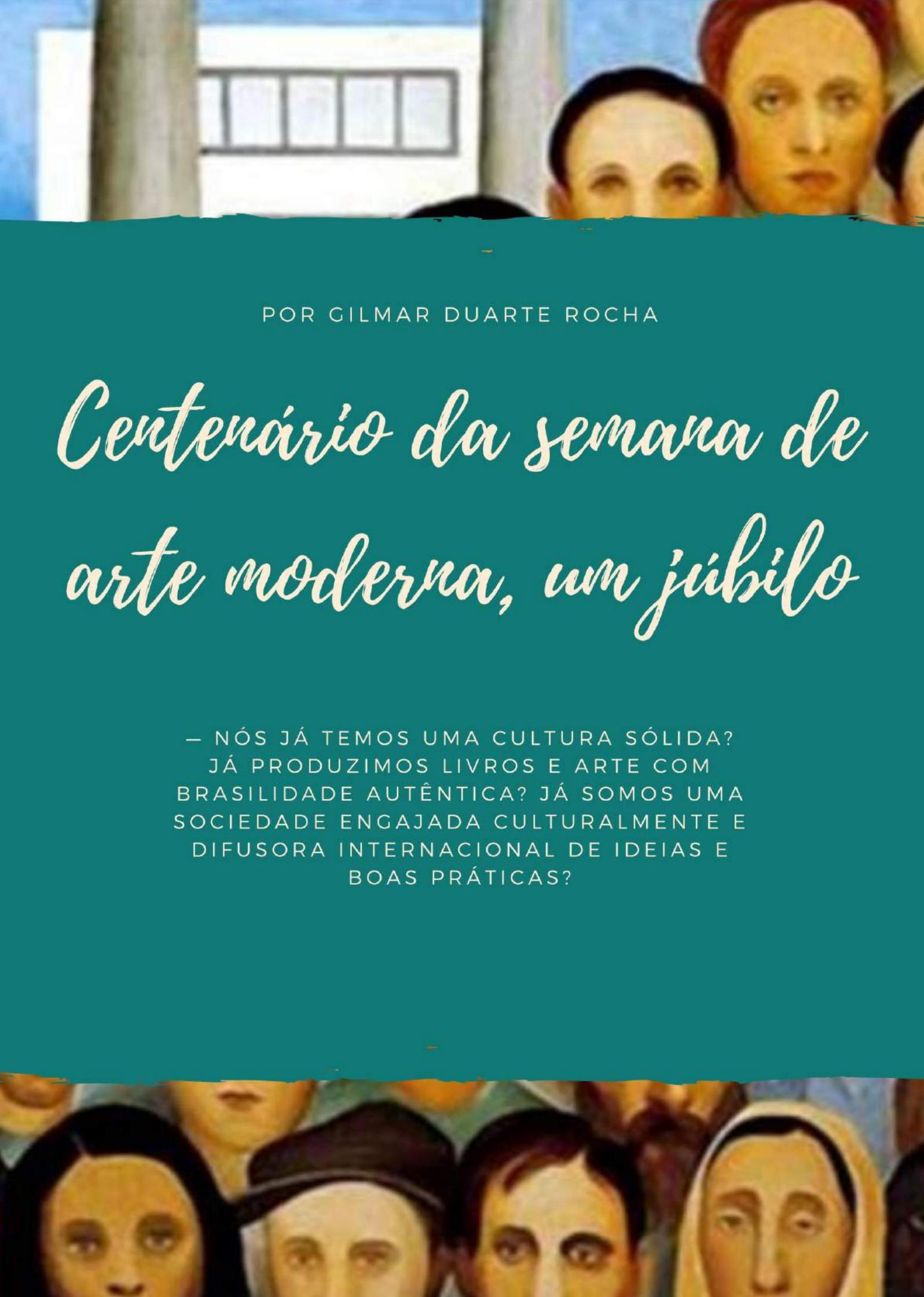
ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI



POR GILMAR DUARTE ROCHA

Centenário da semana de arte moderna, um júbilo

– NÓS JÁ TEMOS UMA CULTURA SÓLIDA?
JÁ PRODUZIMOS LIVROS E ARTE COM
BRASILIDADE AUTÊNTICA? JÁ SOMOS UMA
SOCIEDADE ENGAJADA CULTURALMENTE E
DIFUSORA INTERNACIONAL DE IDEIAS E
BOAS PRÁTICAS?

Acordei hoje pensando se os artistas que fizeram parte do movimento chamado Semana de Arte Moderna, ou Semana de 22, ou Modernismo, estivessem vivos e fossem transportados para o Brasil dos dias atuais, o que eles pensariam do cenário cultural do país cem anos depois? No mínimo, eles pensariam que haviam sido abduzidos para algum planeta esquisito, idealizado talvez pelo escritor de ficção científica H. G. Wells, autor muito em voga naquele tempo e que escreveu livros de ficção fantástica como “A invasão dos mundos” e a “A máquina do tempo”. Se esses artistas modernistas se materializassem em São Paulo — o berço da maioria deles —, não estranhariam muito os grandes edifícios, pois São Paulo em 1922, impulsionada pelo crescimento econômico decorrente da exportação massiva do café e dos parques industriais que se instalavam em profusão nos arredores do atual centro antigo, já era um canteiro de obras de grandes prédios e amplas avenidas. Ficariam maravilhados, com efeito, pelos sofisticados automóveis, pela teia de trens metropolitanos, pelos trajes despojados de homens e mulheres, pelas máquinas (pequenas e grandes) que fazem mil operações automaticamente, pela ausência de fiação externa nas ruas, seja elétrica, telefônica, pela velocidade de comunicação através da parafernália de aparelhos de comunicação, enfim, passariam um, dois ou três dias de profundo êxtase e enlevo.

No terceiro dia, contudo, demandariam algum tipo de encontro para discutir o panorama cultural, já que o tema corria nas veias de todos eles. Ambiente de pandemia à parte, até porque eles acabavam de sair do pandemônio da gripe espanhola, deveriam se reunir com uma dúzia de intelectuais do século XXI e aí começaria uma polêmica (ou reprimenda), com questões viscerais:

— Nós já temos uma cultura sólida? Já produzimos livros e arte com brasilidade autêntica? Já somos uma sociedade engajada culturalmente e difusora internacional de ideias e boas práticas?

Essa indagação provavelmente seria feita por um homem jovem, de cabelos negros, revoltos e partidos ao meio; de olhos grandes e esbugalhados e boca de grossos lábios, esbanjando um riso farto, que punha à mostra dentes grandes, falhados e irregulares. Oswald de Andrade, o nome dele, que não era possivelmente o mais talentoso, mas era seguramente o mais agitador e irrequieto de todos eles.

O que os intelectuais e artistas do Século XXI teriam para apresentar como resposta decerto não atenderia nem uma pequena fração das expectativas daqueles homens e mulheres nascidos na era vitoriana, mas que cresceram sob a influência de mudanças radicais e substantivas no âmbito cultural internacional como o realismo, futurismo, cubismo, dadaísmo, expressionismo e surrealismo.

— Hoje temos aparelhos que cabem na palma da mão e que guardam um mundo de informações em tempo real — responderia, talvez, algum acadêmico dos tempos atuais, meio desconcertado.

Seria flagrante a decepção dos modernistas quando olhassem apenas o conteúdo cultural contido nos inúmeros blogs, site e páginas que aqueles esquisitos e pequenos livros eletrônicos exibiam para eles. Apesar de terem a noção lógica de que o mundo gira, que

as coisas mudam, que nada será como foi outro dia, eles ficariam decepcionados com a falta de questionamentos, de proposição, de substância, de embasamento, de argumento de todos aqueles textos visuais e virtuais.

Os homens de 1922 eram especiais? Eles tinham mais massa cinzenta do que os intelectuais de agora? Carregavam na bagagem mais conhecimentos e mais informações do mundo e da vida? Para respondermos melhor a essas questões, vamos retroagir 100 anos no tempo e nos concentrar na cidade de São Paulo de então.

Entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922, sob o beneplácito do governo do estado de São Paulo, então comandado pelo senhor Washington Luís, ocorria um evento cultural chamado Semana de Arte Moderna, que tinha como palco o Teatro Municipal de São Paulo.

O evento idealizado para servir de pano de fundo político, ganhou, então, uma perspectiva inusitada que os organizadores jamais imaginariam. A programação foi preparada para que em cada dia da semana fosse debatido um aspecto cultural: pintura, escultura, poesia, literatura e música. Mais o que chamou à atenção mesmo e que fez a diferença, foi o propósito que os participantes do evento reuniram numa espécie de manifesto tácito onde se destacavam alguns excertos:

“Os homens devem ser livres para seguir seus sentimentos, suas paixões, por isso passam a não mais usar a estética tradicional”

“Os sentimentos e paixões devem ser o foco da arte. Por isso as obras não devem possuir formas bem delimitadas. A intenção é que a obra se pareça com um movimento interior, um sentimento que passe pelo apetite”

“As obras literárias seguem a mesma ideia. Devem exaltar os desejos carnis, indo contra os valores vigentes da sociedade”

Este último tópico causou muita polêmica durante a sessão de discussão do panorama literário, onde uma poesia composta por Manuel Bandeira, em novo estilo, recitada pelo escritor Ronald de Carvalho, provocou alvoroço entre adeptos do parnasianismo — corrente literária muito em voga na época e que tinha como expoente no Brasil o grande Olavo Bilac —, criando um clima de animosidade que perdurou por anos a fio.

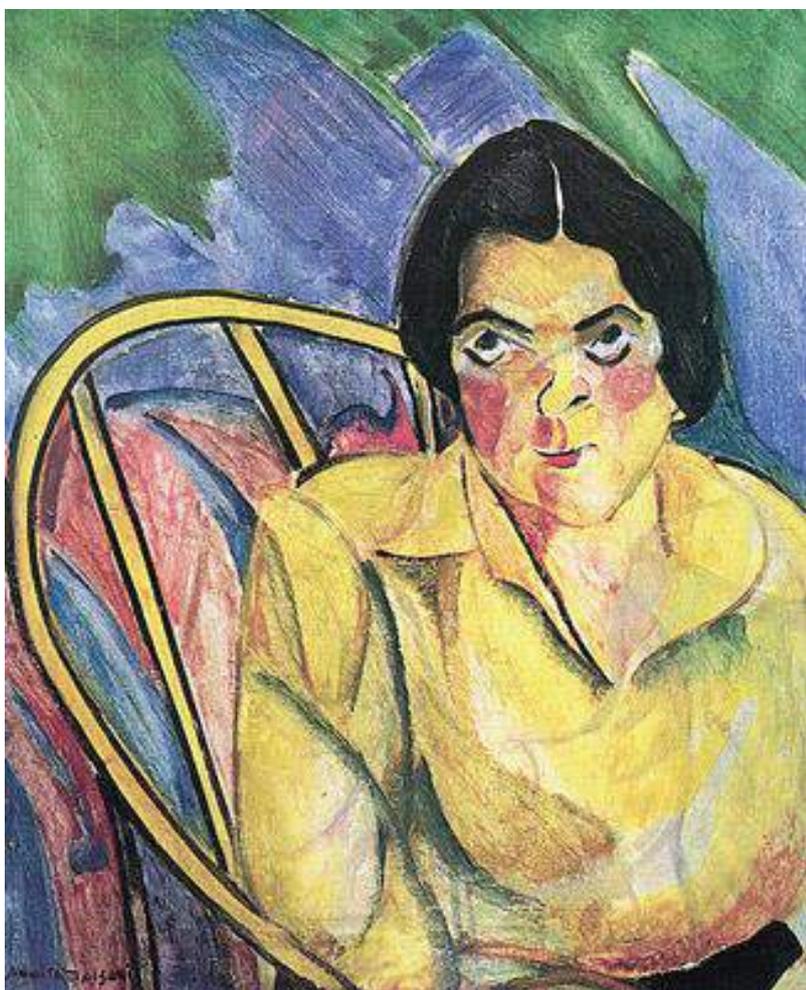
Contestações à parte, o saldo do primeiro grande evento cultural brasileiro foi positivo. Primeiro porque a nata da vanguarda cultural nacional compareceu em peso, fazendo-se presente nomes como Heitor Villa-Lobos, Anita Mafalhti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Graça Aranha, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guiomar Novaes, entre outros. Segundo, porque o encontro de cérebros deixou rastros e influências, como o Manifesto Antropofágico, que viria quatro anos depois, e o movimento literário neorrealista de 30, também conhecido como romance regionalista.

Vê-se, também, clara influência do desassossego cultural de 22 sobre o movimento de poesia concreta, encabeçado pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e o poeta

Décio Pignatari na década de 50, como também sobre a revolução músico-poética-artística chamada Tropicalismo, que subverteria o cenário cultural dos anos sessenta e setenta; reacenderia a chama do movimento de 22 (que caminhava para um certo esquecimento) e daria grandes frutos à cultura brasileira em plena época da ditadura militar.

Então por que comemorar o centenário do Modernismo? Por tudo que citei nestas linhas tortas; pela escuridão cultural que se avizinha à nossa frente e pela importância que a cultura tem na formação de uma sociedade bem-informada, organizada, justa, produtiva e focada nos interesses do país e do bem comum.

Vamos comemorar, sim, o centenário da Semana de Arte Moderna. Com júbilo!



A Boba, de Anita Malfatti

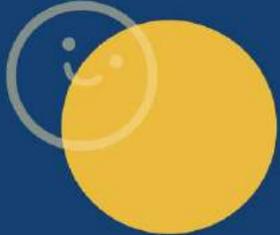
(Foto: Reprodução/Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo)

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

"Esperança" é a coisa com penas
Que se empoleira na alma
E canta um som sem palavras
E nunca, mas nunca, para

- Emily Dickinson





POR RAIMUNDA ALVES MELO



AMOROSIDADE DOCENTE A LUZ DE PAULO FREIRE E DAS MEMÓRIAS DE ESTUDANTE

Freire compreendia que o ato de educar implicava necessariamente em reconhecer o outro como sujeito e não objeto, para ele a “educação é um ato de amor”



Uma das frases mais célebres do educador Paulo Freire, e que me inspira bastante, diz: “Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo”. Freire compreendia que o ato de educar implicava necessariamente em reconhecer o outro como sujeito e não objeto, para ele a “educação é um ato de amor”, sendo que “não há diálogo [...] se não há um profundo amor pelo mundo e pelas pessoas”.

Assim como eu tenho certeza que vocês guardam muitas lembranças da trajetória como estudantes, algumas boas e outras ruins, certamente essas últimas marcadas por momentos de tristeza, humilhação, falta de acolhimento, autoritarismo e medo. As boas lembranças se caracterizam por momentos de acolhimento, afetividade, comprometimento e rigorosidade, sim, como dizia Freire “o professor não precisa abrir mão da rigorosidade para ter amorosidade” pois “não há vida sem correção, sem retificação”, ela é muito importante para o amadurecimento pessoal e crescimento intelectual. A lição de tudo isso é: como pretendo ser lembrado enquanto profissional, pelas lembranças recheadas de amorosidade e gratidão ou pelas feridas que abri no coração das pessoas?

Ao longo de minha trajetória estudantil tive a oportunidade de conhecer vários perfis docentes. Tenho gratidão por todos os professores e professoras que tive, seja pelos ensinamentos planejados, sistematizados e pelo exemplo de ser humano e profissionais exemplares que são ou foram, influenciando positivamente a minha formação, seja pelas lições determinadas através de comportamentos autoritários e violentos que me fazem repudiar esses gestos e me policiar como pessoa e como profissional, pois como Freire creio que: “todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje [...]. Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos”.

Uma das lembranças mais bonitas que tenho é de um fato que ocorreu na segunda série do primário, hoje segundo ano do ensino fundamental. Naquele dia, ela chegou mais cedo. Como de costume colocou os livros e os cadernos sobre a mesa. Percebi que no meio de suas coisas havia um pacote embrulhado com papel de presente.

Após a chamada e a organização da rotina da aula, ela, discretamente, me chamou em sua mesa, eu me aproximei um pouco desconfiada e ela sussurrou em meu ouvido: - "este presente é para você, Raimundinha".

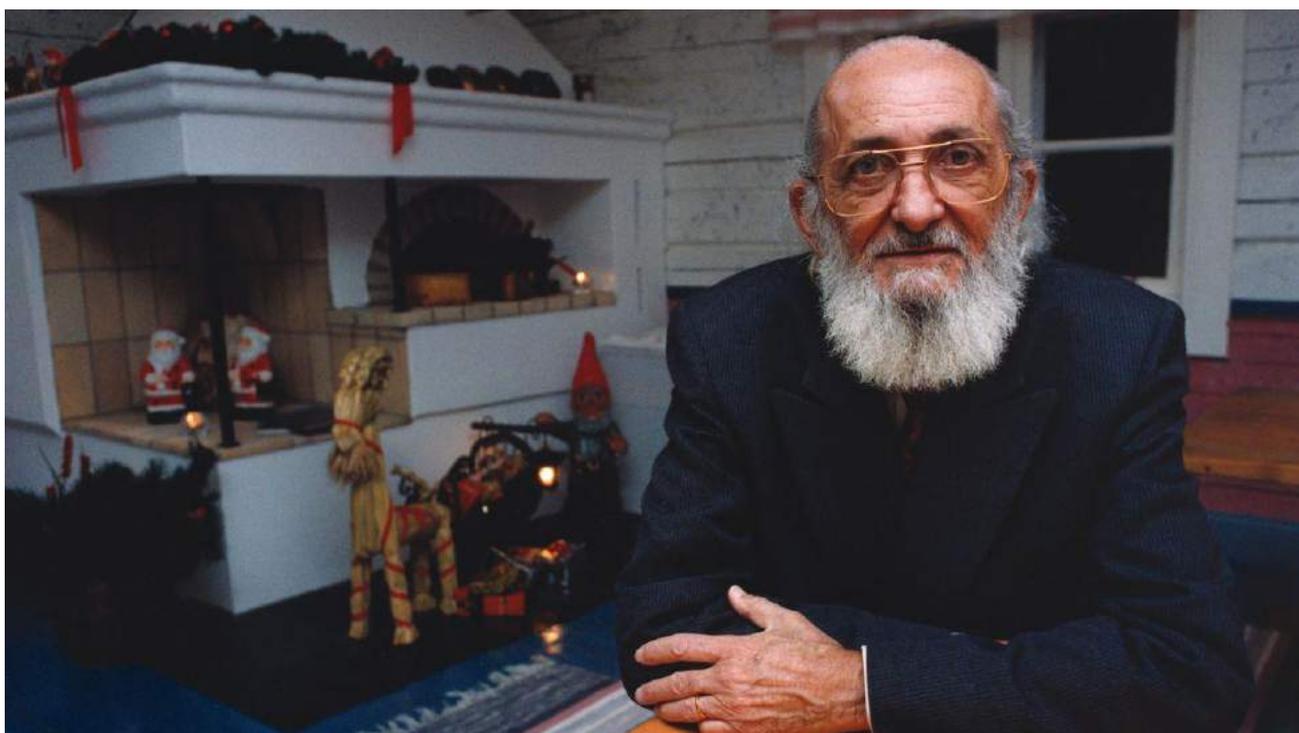
É como dizia Paulo Freire: “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!” E naquele instante, o meu coração se encheu de alegria e satisfação, não me importava muito com o presente, mas o seu sentimento, a sua atenção, a sua preocupação comigo. Indiscutivelmente em meio a tantas dificuldades e frustrações, aquele foi um dia muito bom e até hoje sinto saudade da emoção que senti.

Recebi o pacote, agradei e voltei para a minha carteira. Desembrulhei e vi que se tratava de um kit de material escolar, contendo: cadernos, lápis, canetas e borrachas. Novamente, fiquei emocionada. A professora havia percebido que, desde alguns dias atrás, eu estava escrevendo em um caderno improvisado, construído a partir de folhas resultantes de fax recebidos pela Rede Ferroviária Federal – REFESA, doados por uma amiga de classe. Eu recebia, cortava, montava e costurava o caderno na máquina de costura de Tia Iva. Aquele foi apenas um dos inúmeros gestos de afetividade e responsabilidade social da Professora Guardalupe.

Em silêncio eu passei a admirar ainda mais a sua beleza, uma sua boniteza física, mas principalmente interior, manifestada através de gestos simples, mas capazes de produzir os mais profundos dos sentimentos: o amor, a bondade, a solidariedade, a admiração. Como afirma Freire, “[...] Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” e hoje, mais do que naquele dia eu percebo que Dona Guardalupe era, e ainda é uma professora muito bonita.

A partir daquele episódio passei a me preocupar ainda mais com meu desempenho nas avaliações, com o zelo na produção das tarefas, com o meu comportamento. Sabia que alguém estava prestando atenção em mim e me queria bem. É Dona Guardalupe, Freire afirmava que: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. O seu trabalho como professora contribuiu para transformar a minha realidade e através dessa mudança eu procuro ser parte da mudança da vida de outras pessoas, pois desejo ser uma boa lembrança na memória de meus alunos.

Dona Guardalupe foi e sempre será uma das maiores fontes de inspiração para o exercício da minha docência, uma profissão que deve ser desenvolvida com amor e responsabilidade, pois como afirma Paulo Freire, ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos e amar é, acima de tudo, um ato de coragem.

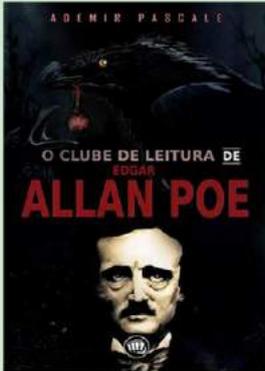


Paulo Freire - Foto: Acervo Pessoal Nita Freire (Foto divulgação)

Raimunda Alves Melo - Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. É graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí e em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (2014). Atualmente é professora da Universidade Federal do Piauí.

DICAS PARA LEITURA

Porque amamos livros



O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe
Ademir Pascale

[clique aqui](#)



Quadrilogia flores
Camila Rocha

[clique aqui](#)



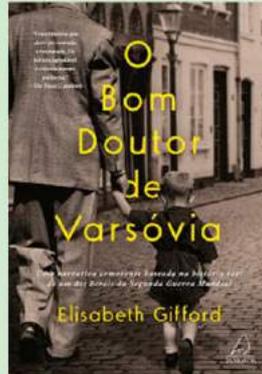
O ano em que não choveu
Jenny Rugeroni

[clique aqui](#)



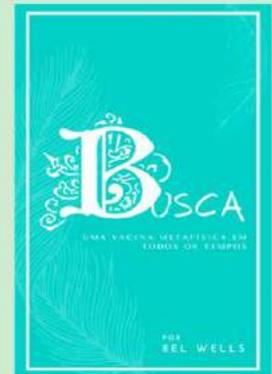
Jardim Poético
Ademir Pascale (org.)

[clique aqui](#)



O bom doutor de Varsóvia
Elisabeth Gifford

[clique aqui](#)



Busca - Uma vacina metafísica em todos os tempos
Bel Wells

[clique aqui](#)

“O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.”
– Mario Quintana

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO

ademirpascale@gmail.com

Tarsila do
Amaral:
arte e
feminilidade

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

TARSILA DO AMARAL



A narrativa de vida de Tarsila do Amaral [é] inserida num contexto de cultura registrado, em grande parte, pela própria Tarsila – em memórias, entrevistas, depoimentos, cartas, autorretratos pintados, desenhos feitos durante viagens –, para delinear como aí, nessas várias linguagens, se desenvolve uma personalidade de mulher artista. (GOTLIB, 2018, p. 12-13)

Tarsila do Amaral (1886 —1973) foi uma das mais importantes artistas brasileiras do século XX. Criou uma das imagens mais conhecidas da arte moderna o *Abaporu*, símbolo do movimento encabeçado por Oswald de Andrade *Antropofagia*, bem como, ela própria foi um dos autorretratos que se tornou um ícone da imagem da feminilidade.

Para Teixeira (1999, p. 54), Tarsila foi uma mulher que nutria em sua obra “a ideia de feminilidade, melhor ainda, a ideia de ser e fazer-se mulher, que se constrói.” A pesquisadora analisou os quadros dos autorretratos da pintora, sobretudo *Auto-retrato I*, de 1924, em que “os dois detalhes, o brinco e a gola, exagerados nos dois últimos autorretratos, desobedeceram a uma expectativa, problematizaram a figura suave e diluída do primeiro retrato, para afirmarem-se pela agressividade da exibição, pondo em relevo certas marcas do ser feminino.” A mulher pintada por Tarsila é a mulher que está nas figurativizações das pinturas. Ao se autopintar, Tarsila representa-se em todas as mulheres. Não à toa, o feminino é uma característica tão valorização nos traços estéticos da pintora.

Tarsila foi uma mulher que viveu de forma abastada. Estudou em São Paulo e na Espanha. Foi filha do fazendeiro José Estanislau do Amaral e de Lydia Dias de Aguiar do Amaral. Casou-se com André Teixeira Pinto, com quem teve a filha, Dulce. Começou “seus estudos com escultura, com Zadig, passando a ter aulas de desenho e pintura no ateliê de Pedro Alexandrino em 1918, onde conheceu a pintora Anita Malfatti. Em 1920, foi estudar em Paris, na Académie Julien e com Émile Renard. Ficou lá até junho de 1922 e soube da Semana de Arte Moderna (que aconteceu em fevereiro de 1922) através das cartas da amiga Anita Malfatti”, de acordo com o site de referência à biografia da pintora (2022).

Conheceu e se tornou amiga de Anita Malfatti, em uma relação amistosa e entremeadada de comparações de estilos, que algumas vezes as colocaram em uma situação de mal-estar, e, muitas vezes, com várias tentativas de apaziguamento por Mário de Andrade, quem nutria uma forte amizade pelas duas. Foi Anita quem apresentou Tarsila ao Grupo dos Cinco.

Também estreitou relações com outros artistas. Estudou com Lhote e Gleizes, com o mestre cubista Fernand Léger, manteve relação de amizade com o poeta franco suíço Blaise Cendrars, o qual apresentou a Tarsila pintores como Picasso, o casal Delaunay, Jean Cocteau, escultores como Brancusi, músicos como Stravinsky e Eric Satie, com o compositor Villa Lobos, o pintor Di Cavalcanti e os mecenas Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado. Tarsila foi uma mulher que pertenceu a uma grande rede cultural no Brasil e na Europa.

Essas experiências artísticas, principalmente advinda da técnica do cubismo, a pintora brasileira expôs em seus trabalhos na chamada fase Pau Brasil, momento em que

ela pintou *Carnaval em Madureira, Morro da Favela, O Mamoeiro* dentre outros. Dessas viagens, Tarsila também fez vários desenhos que mais tarde ilustrariam e inspirariam os livros de poesias de Oswald de Andrade. “Em 1926, Tarsila fez sua primeira Exposição individual em Paris, com uma crítica bem favorável. Neste mesmo ano, ela casou-se com Oswald. Depois do casamento o casal passou longas temporadas na fazenda de Tarsila onde recebiam os amigos modernistas.” (Biografia, 2022, s/d).

Alguns quadros famosos de Tarsila:

- Blue Hat (1922)
- A negra (1923)
- Família (1925)
- O ovo (1928)
- The moon (1928)
- Operários (1933)
- Maternidade (1938)
- Outras

Ainda há os autorretratos famosos de Tarsila, os quais demonstram toda a mulheridade da pintora que ofuscava os salões com seus vestidos e estilos glamourosos que confluíam com sua beleza. Mas, esses quadros e ela própria não foram apenas luxo e elegância, Tarsila apresentou um temário social e engajado ao longo de suas telas, explorou a brasilidade, os traços dos mais variados corpos femininos, bem como fez de sua obra um cenário para falar do trabalho e das questões de classes sociais.

Tarsila foi uma mulher, assim como outras que modificou o palco das artes brasileiras, e mesmo com as influências dos movimentos vanguardistas tão presentes em seu tempo de produção, soube moldar, esculpir e pintar a partir de seu estilo peculiar, e nesse *modo Tarsila de ser*, a figura feminina sem dúvida, estava no centro, como ela, mulher, serviu para seu próprio modelo. E hoje é uma das que nos representa com seus longos brinços, suas cores vermelhas e fortes, como ela, mulher de si.

Referências

Bibliografia de Tarsila do Amaral. Disponível: <https://tarsiladoamaral.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GOTLIB, Nádya Batella. **Tarsila do Amaral: a modernista.** São Paulo: Edições SESC, 2018.

TEIXEIRA, Lucia, **Tarsila Do Amaral, Musa Do Modernismo.** Itinerários, Araraquara, n.14. p. 43-57, 1999.

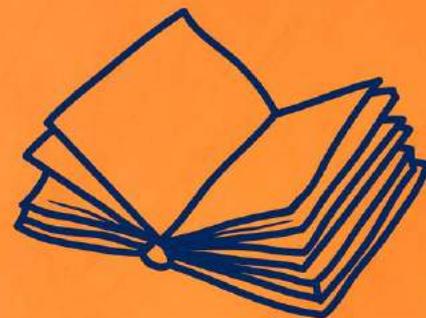
Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA/CNPq). Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

FINURA

POR BERT JR.

escrevi um livro muito fino
foi o que teriam dito
se o tivessem visto
que de tão magro
virou invisível
um livreto
fininho
de poemas que escorrem
pela beira das páginas
feito meias úmidas
penduradas no varal
dos fundos
um livrinho de nada
desses que nada falam
do que se pretende ouvir
que não ensinam
a dizer o mesmo
com galanteios ou xingamentos
um livro sem frases
de bom encaixe
sem receitas prontas
nem nada de útil
que empreste graça
ou beleza
a uma conversa acerca
do que se pensa de nós mesmos
um livro tão tênue
que nele cabe somente
um suspiro
ou um frêmito
e talvez
um anônimo aceno
de cumplicidade

(porém no escuro
junto ao fundo da prateleira
a poesia se revela toda
em homenagem ao fino
da obra)



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Acaba de lançar seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.
Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.

senha - senha - senha - senha - senha



**REVISTA
CONEXÃO
LITERATURA**

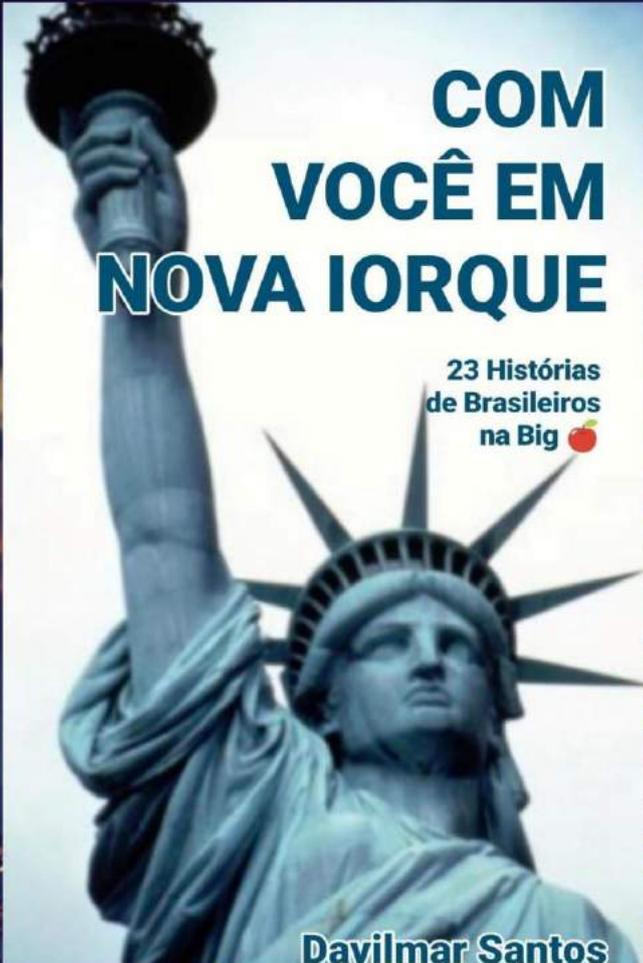


senha - senha - senha - senha - senha



**CONECTANDO
AUTORES E LEITORES**

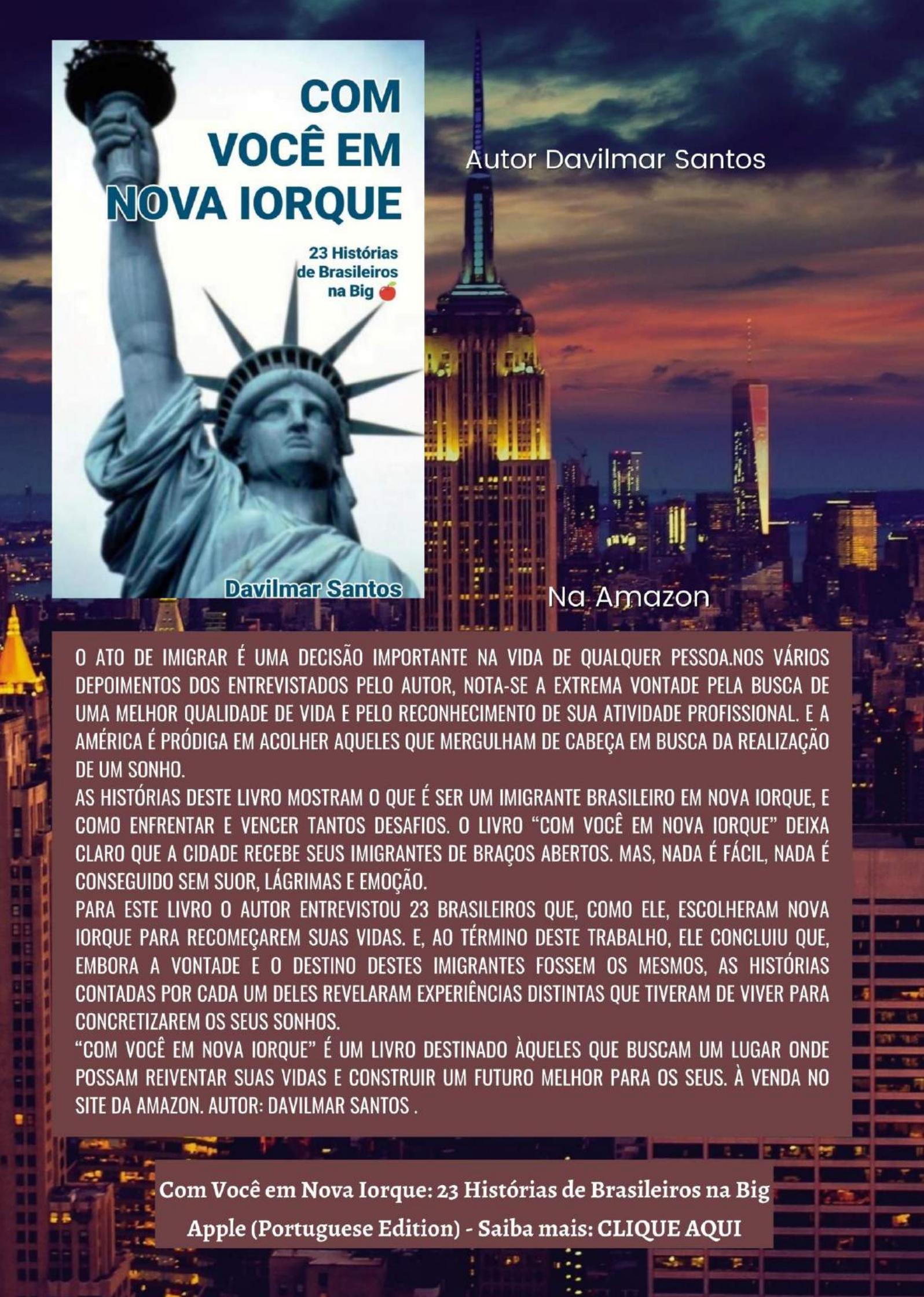
www.revistaconexaoliteratura.com.br



COM VOCÊ EM NOVA IORQUE

23 Histórias
de Brasileiros
na Big 🍎

Davilmar Santos



Autor Davilmar Santos

Na Amazon

O ATO DE IMIGRAR É UMA DECISÃO IMPORTANTE NA VIDA DE QUALQUER PESSOA. NOS VÁRIOS DEPOIMENTOS DOS ENTREVISTADOS PELO AUTOR, NOTA-SE A EXTREMA VONTADE PELA BUSCA DE UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA E PELO RECONHECIMENTO DE SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL. E A AMÉRICA É PRÓDIGA EM ACOLHER AQUELES QUE MERGULHAM DE CABEÇA EM BUSCA DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO.

AS HISTÓRIAS DESTES LIVROS MOSTRAM O QUE É SER UM IMIGRANTE BRASILEIRO EM NOVA IORQUE, E COMO ENFRENTAR E VENCER TANTOS DESAFIOS. O LIVRO “COM VOCÊ EM NOVA IORQUE” DEIXA CLARO QUE A CIDADE RECEBE SEUS IMIGRANTES DE BRAÇOS ABERTOS. MAS, NADA É FÁCIL, NADA É CONSEGUIDO SEM SUOR, LÁGRIMAS E EMOÇÃO.

PARA ESTE LIVRO O AUTOR ENTREVISTOU 23 BRASILEIROS QUE, COMO ELE, ESCOLHERAM NOVA IORQUE PARA RECOMEÇAREM SUAS VIDAS. E, AO TÉRMINO DESTES TRABALHOS, ELE CONCLUIU QUE, EMBORA A VONTADE E O DESTINO DESTES IMIGRANTES FOSSEM OS MESMOS, AS HISTÓRIAS CONTADAS POR CADA UM DELES REVELARAM EXPERIÊNCIAS DISTINTAS QUE TIVERAM DE VIVER PARA CONCRETIZAREM OS SEUS SONHOS.

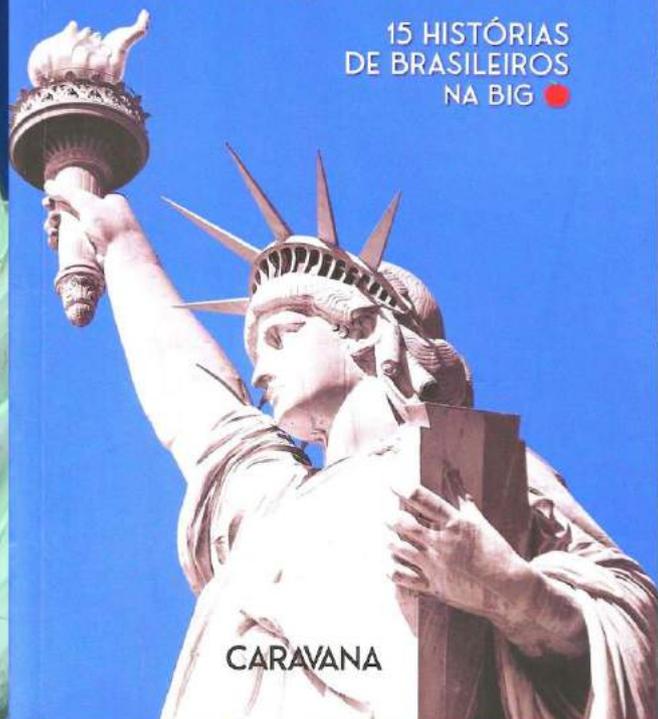
“COM VOCÊ EM NOVA IORQUE” É UM LIVRO DESTINADO ÀQUELES QUE BUSCAM UM LUGAR ONDE POSSAM REINVENTAR SUAS VIDAS E CONSTRUIR UM FUTURO MELHOR PARA OS SEUS. À VENDA NO SITE DA AMAZON. AUTOR: DAVILMAR SANTOS .

**Com Você em Nova Iorque: 23 Histórias de Brasileiros na Big
Apple (Portuguese Edition) - Saiba mais: [CLIQUE AQUI](#)**

DAVILMAR SANTOS

com você em
NOVA IORQUE

15 HISTÓRIAS
DE BRASILEIROS
NA BIG



Autor Davilmar Santos

Na Editora Caravana

O ATO DE IMIGRAR É UMA DECISÃO IMPORTANTE NA VIDA DE QUALQUER PESSOA. NOS VÁRIOS DEPOIMENTOS DOS ENTREVISTADOS PELO AUTOR, NOTA-SE A EXTREMA VONTADE PELA BUSCA DE UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA E PELO RECONHECIMENTO DE SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL. E A AMÉRICA É PRÓDIGA EM ACOLHER AQUELES QUE MERGULHAM DE CABEÇA EM BUSCA DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO.

AS HISTÓRIAS DESTES LIVROS MOSTRAM O QUE É SER UM IMIGRANTE BRASILEIRO EM NOVA IORQUE, E COMO ENFRENTAR E VENCER TANTOS DESAFIOS. O LIVRO “COM VOCÊ EM NOVA IORQUE” DEIXA CLARO QUE A CIDADE RECEBE SEUS IMIGRANTES DE BRAÇOS ABERTOS. MAS, NADA É FÁCIL, NADA É CONSEGUIDO SEM SUOR, LÁGRIMAS E EMOÇÃO.

PARA ESTE LIVRO O AUTOR ENTREVISTOU 15 BRASILEIROS QUE, COMO ELE, ESCOLHERAM NOVA IORQUE PARA RECOMEÇAREM SUAS VIDAS. E, AO TÉRMINO DESTES TRABALHOS, ELE CONCLUIU QUE, EMBORA A VONTADE E O DESTINO DESTES IMIGRANTES FOSSEM OS MESMOS, AS HISTÓRIAS CONTADAS POR CADA UM DELES REVELARAM EXPERIÊNCIAS DISTINTAS QUE TIVERAM DE VIVER PARA CONCRETIZAREM OS SEUS SONHOS.

“COM VOCÊ EM NOVA IORQUE” É UM LIVRO DESTINADO ÀQUELES QUE BUSCAM UM LUGAR ONDE POSSAM REINVENTAR SUAS VIDAS E CONSTRUIR UM FUTURO MELHOR PARA OS SEUS. À VENDA NO SITE DA AMAZON. AUTOR: DAVILMAR SANTOS.

Com Você em Nova Iorque - Editora Caravana-BH

SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI

A blurred background image of a person in a light blue shirt reading a book. The person's hands are visible, holding the pages. They are wearing a green watch on their left wrist. The scene is set in what appears to be a library or bookstore, with other people and bookshelves faintly visible in the background.

LEITURA CONTRAINDICADA

Um dos dissabores da vida é ter que lidar com coisas que não compensam o investimento em tempo e/ou dinheiro. Volta e meia isso acontece conosco. Escolhemos um dos pratos mais caros do cardápio e, logo à primeira garfada, constata-se que o camarão veio borrachudo, ou que o molho de javali trouxe junto a catinga do bicho.

POR BERT JR.

A indústria cultural não está livre de decepções desse tipo: como leitores, a maioria de nós já terá tido contato com narrativas decepcionantes. Muitas vezes, porém, o problema está em se projetar uma expectativa fora do razoável. Esperamos de um best-seller que tenha o efeito de uma pedra filosofal, ou de uma peça de humor que não incomode pela irreverência. Em tais casos, é natural que o desapontamento ocorra. Convém, portanto, saber que algumas leituras podem não ser as mais indicadas, a menos que se queira flexibilizar critérios e transpor limites no sentir e pensar.

A seguir, alguns exemplos de leituras contraindicadas e para quem.

1. Se você é fã do best-seller *Mulheres de quem os lobos correm*, provavelmente não irá gostar do livro que o ex-marido da autora acaba de lançar: *Homens que nadam pelados com barracudas*. De acordo com esse genuíno libelo em prol da mais ampla liberdade masculina, para que chegue ao grau máximo de afirmação pessoal o homem contemporâneo deverá vencer definitivamente o seu mais antigo fantasma: o medo da castração. Nadar pelado com barracudas é o método indicado para que o macho da atualidade adquira total autoconfiança. O livro contém um passo-a-passo detalhado sobre como reagir com galhardia ante situações de desfechos imprevisíveis e que comportam riscos à masculinidade. Embora não divulgue dados estatísticos sobre o índice de sucesso de seu método, o autor jura haver sobreviventes entre nós.

2. Recomenda-se aos amantes de animais de estimação, sobretudo cães, evitar a leitura de *Vidas bestas*. Com magistral realismo, a obra narra a história de um casal brasileiro que emigra de São Paulo para a Califórnia, levando seus três filhos e uma cachorrinha da raça pug, chamada Piaba. Uma vez instalados na periferia de San Diego, pais, filhos e cachorra tornam-se consumidores ávidos e sedentários de todo tipo de *junk food*. A pequena Piaba rapidamente triplica de tamanho e morre de intoxicação alimentar. Apavorados, os membros da família, que apenas haviam dobrado de tamanho, resolvem se submeter a uma cirurgia bariátrica. Apesar de bem-sucedido, o tratamento cirúrgico provoca a ruína financeira do grupo, a quem não resta outra saída senão retornar ao Brasil por via terrestre. Ao cruzar a fronteira mexicana, a família fica perdida no deserto durante vários dias, sem comida, chegando à conclusão de que, se tivessem feito isso antes, teriam emagrecido naturalmente, sem precisar torrar suas economias custeando cinco cirurgias bariátricas nos Estados Unidos.

3. Os que suportam mal a tensão inerente aos ritos antropológicos de passagem deveriam manter-se alertas em relação a *Apanhador de sabonete em chão de banheiro*. Nesta tão propalada ficção estrangeira, descobre-se que é mais fácil a adolescência te dar um pé no traseiro do que a maturidade te acolher de braços abertos. No trajeto entre o campo e a cidade, o jovem protagonista é expulso do ônibus em que viaja por apontar defeitos em todos os passageiros. Abandonado numa estrada poeirenta, ele tem que caminhar quilômetros até chegar num posto de serviço, onde corre ao banheiro para aliviar-se e tomar uma chuveirada. Durante o banho, seu momento de prazer é interrompido quando o sabonete de glicerina escorrega por entre os dedos, deslizando para o piso do vizinho. O jovem sai dessa experiência profundamente abalado. Como irá

sobreviver na capital, sendo incapaz de impedir que um simples sabonete resvale de seus dedos e deslize no chão do banheiro? Essa questão irá atormentá-lo, levando-o a experiências frustrantes com diferentes tipos e marcas do produto, até descobrir que pode contornar o problema com sabonete líquido. A crítica vê nesse desfecho um símbolo dos limites da rebeldia juvenil frente à moderna sociedade de consumo.

4. Quem prefere passar ao largo de enredos perturbadores deve precaver-se contra a leitura deste clássico nacional do naturalismo: *A Couve*. Escrita muito antes de o veganismo ter sido inventado, a obra vem sendo aclamada por representar um prenúncio dos dramas que, na nossa era pós-industrial, cercam o antes singelo hábito humano de se alimentar. Se você é moderninha(o) e tem estômago fraco, provavelmente a leitura de *A Couve* lhe será indigesta. Num estilo apimentado, o livro conta a história de uma couve ainda tenra, que tenta resistir aos perversos apetites de um macrobiótico de meia-tigela. Por mais que se esforce, nossa trágica heroína é dobrada até virar picadinho nas mãos do impostor comilão. Num dos finais mais impactantes da literatura nacional, a couve perde sua pureza ao ser levada à panela junto com tirinhas de porco, duas colheradas de farinha de mandioca e – cruel ironia – um cubo de caldo de legumes.

5. Para os que sofrem de intolerância às sagas juvenis de terror, o meu conselho é que não leiam a série *O Corpúsculo*. As inquietações e sobressaltos têm início quando uma estranha protuberância emerge no nariz da heroína, o que faz com que o mais pálido jovem jamais visto, membro de um clã que se julga superior às demais pessoas, se apaixone por ela pelo fato de achá-la um tanto diferente das demais pessoas. A heroína, que pretende não querer ser diferente das demais pessoas, se apaixona pelo mais pálido jovem jamais visto quando percebe que a protuberância instalada em seu nariz poderia vir a encaixar-se perfeitamente no umbigo dele. Temerosa do que aconteceria com o seu nariz depois disso, e também por não querer parecer diferente das demais pessoas, a heroína hesita em consumir essa união. Tudo muda quando outro jovem, aliás nem um pouco pálido, surge para disputar as atenções da heroína por meio de sua barriga sarada. Quando o combate entre os rivais se torna inevitável, a palidez do herói revela-se apenas efeito de sua dieta; a barriga segmentada do adversário revela-se efeito de sua dieta, somado a duas horas de malhação na academia cinco vezes por semana. Sob o stress do triângulo amoroso, a protuberância nasal da heroína desmorona para o interior de seu corpo, fazendo-a constatar, horrorizada, que sua verdadeira natureza não é a de uma verdadeira heroína.

6. Nada mais apropriado para completar esta breve sugestão de contraindicações de leitura do que o amplamente lido e assistido *Reles Porre*. Ao longo de milhares de páginas e incontáveis feitiços fictícios em latim, este mágico senhor dos cifrões comprova possuir o dom de te tirar de Londres para te enfiar num castelo lúgubre, localizado numa zona rural infestada de ratos, aranhas, cobras e outras pragas, convivendo com tipos que parecem saídos de um circo, muitos dos quais altamente perversos e feios, onde uma tropa bizarra de garotos supostamente passa estudando anos a fio para, no fim das contas, não aprender absolutamente nada sobre como ganhar a vida fazendo algo minimamente útil.

Pensando bem, se fosse encarado como sátira social, *Reles Torre* poderia constituir, de fato, uma obra-prima.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Acaba de lançar seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.



Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.

DEPOIS DA LEITURA, QUE TAL UM LANCHINHO?

DIVULGUE

O SEU RESTAURANTE OU LANCHONETE
NAS EDIÇÕES DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ENTRE EM CONTATO

ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Por Clayton Alexandre Zocarato

Literatura e Metafísica: Caminhos Inquietos

A Literatura em si, está auspiciada para a elevação criativa da mente humana chegando a patamares de tocar o infinito através do entretenimento e a reflexão crítica.



A Literatura em si, está auspiciada para a elevação criativa da mente humana chegando a patamares de tocar o infinito através do entretenimento e a reflexão crítica.

Entretenimento, que assim venha a produzir um leitor, que não fique unicamente encarcerado a apreciar suas tessituras gramaticais, mas sim que contenha uma estética, em se fazer realizador de uma nova forma de narrativa, que “o retire da caverna platoniana”, de ser um escravo pungente de enredos que muitas vezes só o levam a ler por ler ou por obrigação, mas que não consegue transportar-lo mentalmente para diâmetros de aventuras diacrônicas em se deliciar, por polivalentes caminhos de uma humanização, que contenha uma ética de tocar o mais profundo “ser”, que assim em termos “hegelianos” possa render novas fontes de uma filosofia da história, a extenuar o quanto se faz necessário novo diâmetros de elencar a Metafísica, como uma construção intelectual e estrutural em retirar seu apreciador de uma zona de conforto escaldante.

Uma Metafísica, que não fuja dos “pressupostos aristotélicos”, mas que faça um leitor de Joyce ou Proust, adentrarem dentro de um “tempo narrativo”, onde 24 horas podem ser uma viagem interminável, por entre os mais diferentes dilemas humanos, ou a exasperação por uma vida que venha possibilitar mais deleites de uma humanidade atemporal para os mais aflitos, como também venha refletir uma conjectura de moral, em promover fugas psicanalíticas a saírem, de massificações cotidianas, que venham refletirem sobre os perigos da vida enjaulada ao fácil sucessivamente.

O lugar da literatura, está inserido como uma objetivação de construção lúdica, que eleva o papel do homem, como um construtor de novos dígrafos intelectuais em torno de si mesmo, passando tanto para os espaços íntimos, como para uma coletivização, que venha a tirar-lo de um pragmatismo, em viver o que somente se olha.

A questão do olhar, de uma ação ou situação que resplandeça a dialética, que passe perante o sentido de uma “Metafísica Da Luz”, ao qual Descartes, vai elaborar a formulação em que os ambientes físicos externos da mente, venham a reproduzir e estampar imagens, que assim vão ativando a criatividade.

Nesse ponto a Literatura se encontra com a Física, que assim como no “Helenismo”, realiza um sentido teórico e prático da ação humana, algo que seja a união, entre o ambiente e a natureza.

Passando para um cânone materialista, para se unir a atos reflexivos, que tentem sair da sua condição constante de repetição, que triunfa, como traçados de uma vontade translúcida, em melindrar o senso-comum, através de processos criativos, que faça da literatura não somente arte, mas que venha apreciar o que seja “belo”.

Um “Belo” que segundo Harold Bloom, “promova uma individuação do leitor, buscando no ato de analisar uma obra, burlar a realidade grotesca, das tragédias materiais, de classes sociais antagônicas entre si”, que possa ao mesmo tempo enaltecer o poder financeiro da corte inglesa da “Era Vitoriana”, como a construção “Cult de romances de época como Os Bridgerton”, passando para uma comparação humanista, da classe trabalhadora francesa, nas obras de Émile Zola, realçando um poder de desintegração, e saturação do homem-moderno em ter tolerância consigo mesmo.

A epistemologia de uma boa obra, a atravessar o seu tempo de publicação, faz-se volátil, provocando sucintamente consternação e revolta, vontade ira, refazendo “maiêuticas”, que ao mesmo tempo esclareça, mas que também encabeça contrapontos indagadores,

quanto somente acreditar cegamente, no que se esteja lendo no momento que venha assim a elencar, um entrave de rebeldia, contra o estabelecimento de uma fragrância de ignorância, propondo, uma falsa erudição, dentro de psicologismos que somente vivam o momento presente, e que se labutam na repetição intrépida, de discursos aglutinadores da opinião lúcida e com base de defesa intelectual concisa, que seja tanto um caminho para novas fenomenologias, ou que seja banhado por criticidades, mas que também possa trazer boas novidades.

A Eterna dúvida literária se Capitu traiu ou não Bentinho, dentro das tramas “sociais machadianas”, que são um alerta para como o romantismo foi sendo descaracterizado pelo uso e abuso do corpo, serve como um traçado argumentativo, diante a banalização de um sentimento empático pelo próximo, onde as pessoas são evidenciadas como parte de um existencialismo macabro, e os deleites do corpo, refletem como a humanidade envelheceu, e “perdeu sua razão em olhar para o simples, sem precisar se fazer complexa, ou vir a se complexar”, partindo do princípio de André Malraux, que “a condição humana está sucessivamente precisando de algum adversário para assim poder mostrar seu valor”.

Atitudes positivas em um cenário de literariedade egoísta, onde as tragédias do dia a dia, são movimentos para uma elucidação pluralística, na construção de um “eu”, que assim possa ao mesmo tempo se deliciar, com anarquias lingüísticas, que façam, viajar entre o ódio e a raiva, no interstício de ficar enciumado, a promover a fuga do comum.

Não se trata de endeusar algum tipo de posição ou estilo de escrita, ou época literária em especial, que assim venha usufruir, de uma subjetividade específica da história, que individualmente, assola uma ontologia, que por ventura, ainda procura um sentido de lógica, para uma intuição, que “faça do instante, algo de explosões psicologistas, como também sociológicas”, fazendo da literatura um instrumento de localização do homem, dentro do seu espaço-tempo.

Lucien Goldmann, “coloca que o papel do escritor é tentar se desvencilhar de suas tendências pessoais”, para assim caminhar para uma suposta imparcialidade, ao qual Jacques Derrida em sua Gramatologia, “que a escolha das palavras, se constitui em uma semântica de formações conjecturais em buscar uma filosofia desconstrutivista”, que possa estar disseminado na informação de maneira propedêutica, e não somente, estar em um domínio métrico ou léxico, mas sim que faça da Metafísica, um embasamento sensível, a encontrar uma consciência de classe, do escritor, como sendo um provedor de novas atitudes, para um êxtase intelectual, que possa promover o maniqueísmo tanto do entender, como a protagonizar uma “enteléquia”, que venha humanizar uma áurea de novas possibilidades do “estar e do ser”, do mundo.

Dentro de um viés de descrença quanto à integração dos homens, a literatura caminha junto com a filosofia, com uma pitada “nietzschiana” que promulgue um acompanhamento de estar direcionado, a possibilitar novos ditames artísticos, em replicar o desejo de conquista plena dos “sapiens”.

Desde os “Manuscritos do Mar Morto, as tópicas de Nostradamus, ou os Versículos Bíblicos”, é um desejo insistente do homem a ultrapassar os seus limites territoriais, entre se ver encarcerado a um materialismo hermético, que o leva a se definhar, como caminhar em direção a um paráclito de “substância aristotélica”, em fluir por entre múltiplos

estereótipos imaginativos, escrever e reescrever, o que se entende e o que se pretende fazer entender.

Sendo assim desde o “Paraíso Perdido de John Milton”, passando pela venda da alma para “Mefistófeles de Goethe”, ou “Jogo do absurdo de Amarelinha”, de “Julio Cortázar”, o homem encontra na Metafísica uma oportunidade em se encontrar com algo maior, pela qual, sua vivência diária não consegue, ao mesmo tempo “narrar, ou descrever”.

Um “Narrar”, que passe a ser um contar, mas sem vitimizar-se, colocando adereços “kantianos”, que quanto mais impactante for à sinopse do livro, mais o leitor se aprofunda em buscar abrilhantar um ambiente Metafísico de leitura.

O leitor segundo Roger Chartier, pode “fazer da literatura sua grande diversão epigenética culturalmente, ou sua grande maldição neurológica”, pois ele quem vai buscar compreender e fortalecer receptivamente, uma obra, que pode ser um sucesso de crítica, ou ficar somente dentro de um universo fechado de especialistas, sem atingir o grande público.

Para alguns teóricos, como Umberto Eco, “atingir o grande público, contendo erudição e conteúdos universalizados empiricamente”, não é fazer da literatura algo técnico, mas sim uma estilística, de propiciar para uma minoria, um traçado semiológico, para se chegar a um conhecimento crítico, que seja tanto materialista, mas que concomitantemente, desperte novas “Metafísicas”, de caminhar por liberdades criativas, que fujam de adaptações simplórias e deformadoras, e não provoque um grande sentido de provocação interpretativa.

Uma prova argumentativa, que para incidir a literatura como arma de transformações mentais, é necessário utilizar de elementos sociais e cotidianos.

“A Metafísica”, na busca do seu abstracionismo leitor, que ao mesmo tempo questione, também necessita responder, quais são os pluralismos amnióticos de invólucros de inteligência, que estejam orquestrados, para uma sensibilização, quanto a providenciar atitudes para quebrar paradigmas, classificados como um ato exclusivo de auto-ajuda, ou somente que venha agradar um público restrito.

Ela tem que ser a percepção, de uma sensibilidade em admitir que o “belo”, pode não conter uma forma definida, e sim que cada momento a vida, pode providenciar novos frescores narrativos ou poéticos, que façam assim, a humanidade enxergar a si mesmo, contendo um semblante a procurar nas idéias mais obscuras e absurdas, possam proporcionar algum tipo de consolo para os seus mais diferenciados dilemas e temas, voltados à emancipação sua “Metafísica”, de forma coletiva e respeitosa.

Clayton Alexandre Zocarato - Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias. Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br. Instagram: Clayton.Zocarato - Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>



DALVILSON DONIZETE
POLICARPO

Conheça o autor, sua
trajetória e suas obras





São Paulo - SP

Nascido em 16 de novembro de 1963

Inaugurado em 20 de janeiro de 1964



Até os 19 anos morou com seus pais em um lugar perto do zoológico, chamado ÁGUA FUNDA. Aos 21, casou-se com Vilma, tem um casal de filhos Duana e Duan, neto Dom. Policarpo é Técnico de Meio Ambiente, Graduado em Geografia, Professor do Estado e Pós Graduou-se em História da África e Docência Superior.

Metroviário por 31 anos onde atuou como Agente de Segurança. Devido as condições de trabalho requererem muita luta em prol de suas melhorias e devido a eloquência e posicionamentos, foi eleito para a direção do sindicato e depois para a CIPA e na sequência para a Federação da categoria.

Foi assim que começou a levantar documentos, na defesa do seu setor e quando percebeu, já tinha subsídios para publicar o primeiro livro em 2018, com 55 anos, lança **TRAJETÓRIAS E CAMINHOS DA SEGURANÇA METROVIÁRIA DE SÃO PAULO**. Aliás, vendido todos os exemplares em menos de 15 dias, diga-se de passagem. Recentemente lançado em francês.

[https://www.amazon.com.br/Trajeto%C3%B3rias-caminhos-seguran%C3%A7a-metrovi%C3%A1ria-Paulo-ebook/dp/B07N7M55NN/ref=pd_rhf_dp_p_img_1?](https://www.amazon.com.br/Trajeto%C3%B3rias-caminhos-seguran%C3%A7a-metrovi%C3%A1ria-Paulo-ebook/dp/B07N7M55NN/ref=pd_rhf_dp_p_img_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=35BV4ATQM38EDDTKH4R0)

[_encoding=UTF8&psc=1&refRID=35BV4ATQM38EDDTKH4R0](https://www.amazon.com.br/Trajeto%C3%B3rias-caminhos-seguran%C3%A7a-metrovi%C3%A1ria-Paulo-ebook/dp/B07N7M55NN/ref=pd_rhf_dp_p_img_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=35BV4ATQM38EDDTKH4R0)

Amazon.com: **TRAJECTORIES ET CHEMINS DE SÉCURITÉ DU MÉTRO DE SÃO PAULO (French Edition)** (9798748304689): Policarpo, Prof DALVILSON DONIZETE: Books



Daí em diante, como já escrevia poesias e gosta muito de fotografia, lançou o segundo livro, mesclando os dois **CONEXÕES ALÉM DA FAIXA AMARELA**.

[https://www.amazon.com.br/Conex%C3%B5es-Al%C3%A9m-Faixa-Amarela-POLICARPO-ebook/dp/B087SFWZXW/ref=pd_ybh_a_1?](https://www.amazon.com.br/Conex%C3%B5es-Al%C3%A9m-Faixa-Amarela-POLICARPO-ebook/dp/B087SFWZXW/ref=pd_ybh_a_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=ZT2RHC2Q2WQWHCXJF9F0)

[_encoding=UTF8&psc=1&refRID=ZT2RHC2Q2WQWHCXJF9F0](https://www.amazon.com.br/Conex%C3%B5es-Al%C3%A9m-Faixa-Amarela-POLICARPO-ebook/dp/B087SFWZXW/ref=pd_ybh_a_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=ZT2RHC2Q2WQWHCXJF9F0)

Amazon.com: **Conexões Além da Faixa Amarela (Portuguese Edition)** (9798613664726): POLICARPO, DALVILSON: Books



IDARÁ IBI PEDRA DE XANGÔ NA TERRA DE ÍNDIO veio com a pretensão de falar sobre o Brasil colonial e suas nuances com relação às subjugações de índios e negros, trata-se de um romance histórico.

Amazon.com: Idará Ibi pedra de Xangô na terra de índio (Portuguese Edition)

eBook: Policarpo, Autografia: Books

[https://www.amazon.com.br/Idar%C3%A1-Pedra-Xang%C3%B4-Terra-%C3%ADndio/dp/6555311657/ref=pd_rhf_dp_p_img_2?](https://www.amazon.com.br/Idar%C3%A1-Pedra-Xang%C3%B4-Terra-%C3%ADndio/dp/6555311657/ref=pd_rhf_dp_p_img_2?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=YBMK982M2F29K2NPN3QX)

[_encoding=UTF8&psc=1&refRID=YBMK982M2F29K2NPN3QX](https://www.amazon.com.br/Idar%C3%A1-Pedra-Xang%C3%B4-Terra-%C3%ADndio/dp/6555311657/ref=pd_rhf_dp_p_img_2?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=YBMK982M2F29K2NPN3QX)



MEU AMO, MEU DONO, MEU SENHOR, JÁ FOI O MEU AMOR, trata da temática da violência contra a mulher por fases, ou seja, desde criança até a vida adulta.

Amazon.com: MEU AMO, MEU DONO, MEU SENHOR, JÁ FOI O MEU AMOR (Portuguese Edition) eBook: Policarpo, Dalvilson: Books

Amazon.com: MEU AMO, MEU DONO, MEU SENHOR, JÁ FOI O MEU AMOR (Portuguese Edition) (9798704293729): Policarpo, Dalvilson: Books

SOLAVANÇOS DA EDUCAÇÃO, traça uma linha do tempo sobre o tema, apontando a ciclicidade como ferramenta para a dominação capitalista sobre o terceiro mundo, com recorte específico no Brasil.

Amazon.com: SOLAVANCOS DA EDUCAÇÃO (Portuguese Edition) (9798732721508): POLICARPO, DALVILSON DONIZETE: Books

Amazon.com.br eBooks Kindle: SOLAVANCOS DA EDUCAÇÃO, POLICARPO, DALVILSON



DIALOGANDO COM AS GAVETAS, toca na intimidade de cada um, com um viés freudiano superficial, onde convida o leitor a buscar resoluções aos problemas outrora guardados nas gavetas do subconsciente, como forma de levar uma vida com melhor qualidade.

Dialogando com as gavetas | Amazon.com.br

Livro - Dialogando com as gavetas - Viseu - Contos e Crônicas - Magazine Luiza



AINDA NOS FALAMOS, busca, saudosamente, esclarecer que os elos nunca são rompidos, bastando para ativá-los, uma frase, uma música, um cheiro ou algo parecido que ative a memória afetiva de cada um.

Amazon.com: AINDA NOS FALAMOS (Portuguese Edition) (9798542224848): POLICARPO, Don: Books

Amazon.com.br eBooks Kindle: AINDA NOS FALAMOS, POLICARPO, Don



Em SALIVA DAS PALAVRAS coloca para fora sua sensualidade e seus sentimentos em forma de poesias.

[https://clubedeautores.com.br/livro/saliva-das-palavras?](https://clubedeautores.com.br/livro/saliva-das-palavras?fbclid=IwAR3uAMxykHX9QhZUQuKo93irbUoOs7K8jQ1U6fqGxSMLqv7R2xt96k8hiHE)

[fbclid=IwAR3uAMxykHX9QhZUQuKo93irbUoOs7K8jQ1U6fqGxSMLqv7R2xt96k8hiHE](https://clubedeautores.com.br/livro/saliva-das-palavras?fbclid=IwAR3uAMxykHX9QhZUQuKo93irbUoOs7K8jQ1U6fqGxSMLqv7R2xt96k8hiHE)



Com DOIS REIS, retorna à temática da escravização do povo negro falando sob a ótica de uma bisavó quase centenária, com café, bolo e ternura.

<https://www.amazon.com/DOIS-REIS-Portuguese-DON-POLICARPO/dp/B09M59K6CW>

Já em MEMÓRIAS DE UM URUBU, 2022, conta fatos pitorescos acontecidos no dia a dia de trabalho enquanto metrorviário que foi por 31 anos, provocando os demais a escreverem também.

<https://www.amazon.com.br/dp/B09Q2R45TJ> Ebook

<https://www.amazon.com/dp/B09PM89Z73> Físico



Atualmente trabalha no projeto do livro A FOTO, onde pretende mostrar o antes, o durante e o depois da fotografia tirada.

Envereda agora pelas linhas das composições, onde suas poesias acabam ganhando bases musicais se transformando em canções que tem em seu cerne, recados e posicionamentos. Compositor das músicas É NOITE, NA GUERRA em parceria com Antônio Hortêncio, GOSTO ASSIM, REVOLUÇÃO EVOLUÇÃO, SORRISO DE VILMA, ENCANTOS, CABELO AO VENTO, AOS POUCOS, A VOZ DO PAI, A IDADE E O TEMPO, CONTO DE NINAR, TE AMAR, CHEGOU AMOR, SABADO EU E VOCÊ, QUERO NÃO, SAUDADES, COSME E DAMIÃO, CALEIDOSCÓPIO, CONTEMPLAÇÃO, O AMOR, A RESISTENCIA e RESISTENCIA em parceria com Vilma Policarpo.

Hoje em dia se apresenta como DON POLICARPO, poeta, escritor, historiador, compositor, com 21 músicas compostas e aprendiz de UKULELE e de Canto.

Alimenta seu Podcast "FALA POLI" na plataforma do Sopfy, onde apresenta os programas FALANDO CANÇÕES, com musicas de todos os tempos, PREFÁCIOS de seus livros e de outros autores, POESIAS PARA CRIANÇAS, PAPO DE CARRO, com DUAN POLICARPO e MÚSICAS AUTORAIS.

Na web, Rádio Cachoeirinha, apresenta o quadro MOMENTO POETICO COM DON POLICARPO.

BIOGRAFIA

DALVILSON DONIZETE POLICARPO

São Paulo – SP

20 de janeiro de 1964

Policarpo é Técnico de Meio Ambiente, Graduou-se em Geografia, Professor do Estado e Pós Graduou-se em História da África e Docência Superior. Membro Imortal da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo – AILAP 2021. Metroviário por 31 anos, é autor dos contos PEDAÇO DE UM AMOR, Editora Autografia e MÁGICO JAMELÃO, Editora Futurama e poesias em vários Saraus, participa das Antologias PALAVREIRAS2019 pela Editora Autografia, Poesias nas Montanhas de Minas, pela Academia Mineira de Belas Artes, COMPAIXÃO, pela Editora Apenas, O LEGADO DE H.P.LOVECRAFT, pela Revista Conexão Leitura, FLORBELA ESPANCA e 20 de Novembro Dia da CONSCIÊNCIA NEGRA 2020 pela Magico de Óz, MÃE – 2º Volume – Editora Versejar; ALMAS CATIVAS da editora Biblio, SALA DE EVENTOS CASA DOS POETAS da editora Literarte, ALDRAVIAS da editora Brecci, A Vida em Poesia pela Lura Editorial, Emoções Poéticas VI pela Editora Futurama com artigos publicados na Revista Projeto Auto Estima, UM NATAL DE AMOR 2021 pela Editora Apenas, Organizador da Antologia FISSURAS NA ESTRUTURA OU RUPTURAS SOCIAIS pelo Selo Ciperia, participou da FILC DuBrá - Feira Internacional Literária e Cultural, autor dos livros TRAJETÓRIAS E CAMINHOS DA SEGURANÇA METROVIÁRIA DE SÃO PAULO 1ª edição; 2ª edição em Francês; CONEXÕES ALÉM DA FAIXA AMARELA; IDARÁ IBI PEDRA DE XANGÔ NA TERRA DE ÍNDIO; MEU AMO, MEU DONO, MEU SENHOR JÁ FOI O MEU AMOR; SOLAVANCOS DA EDUCAÇÃO; DIALOGANDO COM AS GAVETAS, AINDA NOS FALAMOS, SALIVA DAS PALAVRAS, DOIS REIS e MEMÓRIAS DE UM URUBU.

FACEBOOK: Dalvilson Policarpo / Don Policarpo

INSTAGRAM: Don Policarpo

SITE: falapoli.wordpress.com

WEB: radiocachoeirinha.com

EMAIL: dalvilsondonizete@gmail.com

WHATSAPP: 011 981723005

BLOG: Don Poli

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 100

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

A jornada para **CONCLUIR** e **PUBLICAR** seu livro

começa agora!



02
QUA **COMO O PROTAGONISTA POTENCIALIZA SUA HISTÓRIA**

03
QUI **COMO ESCREVER ANTAGONISTAS QUE OS LEITORES AMAM**

04
SEX **TERROR, ROMANCE, SCI-FI E FANTASIA Descubra o diferencial de cada gênero**

07
SEG **O MERCADO ESTÁ PREPARADO PARA SUA OBRA?**

08
TER **VOÇÊ ESTÁ ESCREVENDO PARA O PÚBLICO CERTO?**

09
QUA **ANÁLISE AO VIVO DA SUA HISTÓRIA**

Olá, sou Mag Brusarosco.

Trabalho com Desenvolvimento Narrativo e sou Publisher na Insight Editorial, orgulho-me em dizer que nos últimos dois anos foram 29 livros publicados com autores que se classificaram em concursos e tiveram os seus livros premiados.

Agora quero te ajudar a concluir sua história, por isso criei esse evento com seis aulas imperdíveis.

Participe do "Evento Sua História Escrita, Seu Publicado" e aprenda a escrever histórias de sucesso, publicar e ter leitores.

Sua história
Escrita,
Seu livro *Publicado*

02 a 09 de MARÇO

19H  **/Mag Brusarosco**

100% ONLINE e GRATUITO *Inscriva-se*

POR LÉO SILVA

SOLIDÃO É O NOVO CÂNCER



Léo Silva (Leandro de Oliveira Silva) é Biólogo (UFRJ); Pedagogo (UNIRIO); Mestre em Biociências e Biotecnologia (UENF) e Doutorando em Biotecnologia Vegetal (UENF). Escreve poesias desde quando cursava o Ensino Fundamental; autopublicou 7 romances no Clube de Autores e participou de 15 antologias de contos nacionais do projeto Apparere. Atualmente, escreve ensaios sobre cultura pop contemporânea (cinema, literatura e televisão), sempre buscando um olhar humanizado sobre temas sociais relevantes.

ARTIGO DE OPINIÃO

Até algum tempo atrás não se pronunciava a palavra câncer lá em casa. Minha mãe dizia “aquela doença ruim” – timidamente, com reservas, quase uma vergonha disfarçada. Até mesmo isso parecia assustá-la, assim como ao meu pai. Falavam de forma velada, proibitiva, censurada. Com o passar do tempo, talvez por ouvi-la cada vez mais na televisão ou da boca dos demais familiares, mamãe passou a pronunciar a palavra proibida – meu pai, não. Afinal, as palavras têm poder. Não discordo disso, mas acredito, também, que muito do poder que elas têm sobre nós somos nós que damos a elas.

E, se damos poderes, certamente também podemos tirá-los.

Sempre pronunciei a palavra câncer sem cerimônia, em parte pela minha formação (sou biólogo), em parte por não acreditar que a simples pronúncia pudesse atrair a doença para mim. Pelo contrário, acredito que desmistificando a palavra podemos, também, pelo menos em parte, desmistificar a doença. Já faz muito tempo que câncer não é sinônimo de morte. Depende do tipo, do estágio e do arsenal genético do indivíduo. Tem tratamento e, em muitos casos, as chances de recuperação ultrapassam os noventa por cento. Acho que o que assustava a minha mãe (e milhares de outras pessoas ao redor do mundo) é a imprevisibilidade da doença. Qualquer um pode ter câncer. E nem todo mundo vai vencê-lo. O tratamento também é muito debilitante, pode ser necessária uma cirurgia (ou mais), quimioterapia e/ou radioterapia. A pessoa pode ficar debilitada, enfraquecida, deformada. Enfim, são muitas incertezas. E isso assusta. Afasta. Mistifica. Censura.

Hoje, o câncer assusta um pouco menos, a ponto de a palavra não ser mais evitada. Parece que aquela (auto)proibição moral que tanto nos afligiu enfraqueceu, ao mesmo tempo em que passamos a acreditar mais no tratamento do que na doença. Colocamos poder no tratamento. Ponto para nós. Mas nem sempre é assim. A exemplo, parece que a solidão é o novo câncer. A nova palavra proibida, sob o risco de, quem sabe, adoecermos somente por pronunciá-la.

A solidão se parece com o câncer por duas razões principais: nos recusamos a pronunciar essa palavra quando se trata de nós mesmos e, assim como o câncer, a solidão mata. Ao negarmos a palavra, mais uma vez, damos força a ela, e isso só prejudica o tratamento. Evitamos falar “solidão”. Trocamos a palavra, mudamos de assunto, desviamos os olhos. Solidão parece ser coisa de perdedor, de gente fraca e acomodada – afinal, todo mundo corre atrás, não é mesmo? Será que todos têm a mesmas chances, as mesmas oportunidades? Não é fácil para ninguém ou é mais difícil para alguns? O julgamento dos outros é mais um fator negativo.

Tratada por muitos especialistas como o mal do século, a solidão é um fenômeno difícil de entender e de explicar: só quem sente sabe exatamente do que se trata. Uma pessoa pode estar isolada, sozinha em um lugar sem qualquer outro ser humano, e não se sentir solitária; outras, por outro lado, se sentem solitárias em meio a uma multidão, ou dentro de uma casa com filhos e marido. Não há uma regra. Há apenas um sentimento complexo demais para ser resumido a uma explicação científica. Um estado de espírito.

Para entender esse fenômeno, é necessário diferenciar o isolamento compulsório (solidão) do isolamento voluntário (*solitude*). A *solitude*, reclusão voluntária do indivíduo, pode ser benéfica em alguns casos, como, por exemplo, do escritor que precisa desse isolamento para escrever. Nesse caso, se trata de uma auto-imposição do indivíduo, que pode deixar esse estado quando desejar. A solidão, por outro lado, é imposta ao sujeito, que não tem poder de escolha, não pode deixá-la ao seu bel prazer. Solidão é uma prisão.

Apesar de atingir todas as faixas etárias, a solidão na velhice é uma grande causadora de depressão. Perde-se o vínculo com o trabalho, de onde advêm as amizades, ocupação para a mente, sentimento de utilidade. O extremo oposto também parece ser prejudicial: a solidão na infância pode deixar marcas para toda a vida, impactando no adulto. É difícil mensurar os prejuízos causados pela solidão, mas sabemos que eles existem.

Em 2013, 12,1% dos lares eram ocupados por uma única pessoa. Uma verdadeira multidão de solitários. Em Nova York, metade dos adultos é solteira ou divorciada. Na Suécia, mais de metade dos lares é ocupada por uma única pessoa. Sim, existe uma má distribuição de companhias. Mas nem todo mundo que mora sozinho é solitário. Porém, muitas vezes a solidão pode evoluir para um estado de depressão. Um relatório da Organização Mundial de Saúde de 2017 revelou que 4,4% da população mundial sofre de depressão – no Brasil um pouco mais, 5,5% da população brasileira. Solidão mata.

Solitários têm mais doenças, principalmente infecções e doenças cardiovasculares. Seu sono é pior. Tendem a se matar mais do que os indivíduos casados. A expectativa de vida dos solitários é menor. E, como em um ciclo vicioso, quanto mais solitário se é, mais solitário se fica. Segundo a psicóloga Louise C. Hawkley, os solitários tendem a se isolar ainda mais por conta da forma como vêem os outros. Enquanto pessoas “normais” procuram por sinais de aceitação, os solitários se prendem aos sinais de rejeição quando conhecem alguém. Ainda segundo ela, 40% da população com mais de 65 anos sofre de solidão crônica. São números preocupantes, especialmente considerando que a população está envelhecendo – logo, se tornando mais solitária.

Talvez seja preciso lançar um novo olhar sobre a sociedade para compreendermos a solidão. Somos seres sociais, dependemos uns dos outros para nossa existência, não apenas por razões de alimentação e abrigo, mas também por questões psicológicas. O outro tem influência sobre nossa saúde mental, mais do que gostaríamos de admitir. E nem vou entrar nos méritos (ou deméritos) de falar sobre solidão e pandemia de Covid-19. Certamente aqueles que cumpriram os protocolos de isolamento social experimentaram, em algum momento, algum grau de solidão nos últimos dois anos. Ou podemos ser negacionistas e fingir que solidão não existe, e continuar a empurrar o problema para debaixo do tapete. Contudo, mesmo enquanto seres sociais, o que temos visto é um aumento do isolamento e solidão, impulsionada pelas redes sociais. No Japão, por exemplo, 14% das pessoas mortas moravam sozinhas, e esse país asiático criou até mesmo um “Ministro da Solidão” para cuidar do assunto. Não é para menos: durante a pandemia, foram pelo menos 21.000 suicídios, que podem ter sido influenciados pelo

isolamento. Cerca de meio milhão de jovens vivem isolados no Japão, e tem até nome para isso: *hikikomori*. Pessoas que se afastam de todos, e podem permanecer anos sem sair de casa. Se não criamos, certamente temos alimentado uma “cultura da solidão”, que cresce tal qual um câncer.

Enquanto tratarmos a solidão como um nêmesis, um inimigo implacável e impossível de vencer, estaremos fadados a perder essa luta. Talvez essa situação se pareça um pouco com o caso da palavra suicídio (outra palavra que evitamos dizer, cuja discussão fica para outro artigo). A manutenção do tabu em torno desses termos cria uma zona cinzenta, onde todos sabem o que acontece com quem é envolvido por ela, mas, ao mesmo tempo, parecem impotentes em buscar uma solução. No caso da solidão, romper o casulo que cerca o indivíduo pode ser o primeiro passo para a libertação. Não estou dizendo que isso é fácil, sei que não é. Mas, quantas chances nos damos? Quanto investimos em nós mesmos? Tentamos estratégias diferentes, ou fazemos sempre as mesmas coisas, esperando resultados diferentes? Passamos sempre pelas mesmas ruas, falamos sempre com as mesmas pessoas? A receita é que não há receita, e de cada um de nós é exigido um posicionamento diferente. Por isso é preciso tentar coisas diferentes.

Reconhecer a existência do problema é o primeiro passo para tratá-lo.

Quanto ao tratamento, não sei bem o que aconselhar. Em parte, entendemos porque aplicativos de namoro ou sexo casual, como o *Grindr* e o *Tinder* se popularizaram tanto nos últimos anos. O número de golpes praticados por meio desses aplicativos também. As pessoas que procuram companhia nesses aplicativos (não apenas sexo casual) geralmente estão frágeis, e acabam por aceitar qualquer atenção que recebem, sendo facilmente enganadas. É preciso ter cuidado redobrado. Tem gente que conhece o amor de sua vida no *Facebook*, outros encontram a falência financeira ou a morte.

O número de pessoas solitárias tem aumentado perigosamente. Por outro lado, as redes sociais podem ser ainda mais prejudiciais para os solitários crônicos. A grama do vizinho sempre parece mais verde, não é mesmo? Todos parecem felizes e realizados nas fotos do *Instagram* e do *Facebook*, e nos esquecemos que se trata apenas de um recorte da vida. Ninguém é assim o tempo todo. Mas as aparências convencem – e uma foto vale mais do que mil palavras. Outra característica da tecnologia é que ela é capaz de afastar quem está próximo e aproximar quem está distante, paradoxalmente. Quantas pessoas não largam do celular nem por um segundo? Quantos não andam na rua fingindo que estão olhando o celular, apenas para não parecerem solitárias? A sociedade tecnológica é, também, um lugar muito solitário para se estar. Um lugar marcado pela quantidade de “likes” e “views” que se teve. Um lugar onde, se você está sozinho, você não é nada.

É preciso romper as barreiras que nos aprisionam. Questionar verdades inquestionáveis. Lutar, mesmo quando tudo parece estar contra nós. Buscar essa força interior que nos falta, seja na terapia com um profissional da psicologia, seja na religião, não importa qual, desde que nos faça sair dessa zona cinzenta. Não podemos nos abandonar à própria sorte, esperando que um príncipe montado em um cavalo branco

venha nos salvar. Se não somos capazes de sair da zona cinzenta, procurar por ajuda profissional é a atitude mais racional.

Talvez o primeiro passo para a cura, caso ela exista, seja dizer “sim, sou solitário” (nem que seja para sim mesmo). Tirar o poder dessa palavra. Desmistificar seu significado. Acabar com a autocensura. E, depois, lutar para mudar isso – se isso o incomodar, claro. Um passo por vez, sem pressa.

Assim, quem sabe, possamos encontrar uma cura para essa multidão de solitários que cresce mais e mais a cada dia.



Léo Silva (Leandro de Oliveira Silva)

Doutorando em Biotecnologia Vegetal pelo Laboratório de Química e Função de Proteínas e Peptídeos - UENF/CBB/PGBV/LQFPP

Mestre em Biociências e Biotecnologia pelo Laboratório de Química e Função de Proteínas e Peptídeos - UENF/CBB/PGBB/LQFPP

Licenciado em Ciências Biológicas (UFRJ/CEDERJ)

Licenciado em Pedagogia (UNIRIO/CEDERJ)

Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade; Gestão Escolar Integrada (UCAM/PROMINAS)

Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (PIGEAD/LANTE/UFF)

Professor de Biologia do Ensino Médio (Estado do Rio de Janeiro)

Tutor Presencial do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UENF/CEDERJ)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7160040676613371>

APROVEITE

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Vitorioso, com calma, o Sol vai da função se retirando
Deixa no rastro da alma, a brisa que se prontifica, com o sussurrar, nos abençoando
Sua luminosidade (sobre a relva) aos poucos, se levanta
Céu matizado, maior intensidade vive agora o amor e ninguém se espanta

Com o Luar, ávidos, rostos, cada qual se fazendo aproximar
Lábios entreabertos, fingindo clamar por ar
Os 'aspirar e expirar' mais pertos se trocando de lugar
Incitando ao "vice e verso" o ardente desejo de cada um, mais se tocar

Da intensa sensação, o casto sorriso se afasta encabulado
Por nós dois (tão lindo) bem desajeitado
Sem surpresa (mesmo intrusa) alguma lágrima se apronta a escorregar
Aguçando, com certeza, anseios do coração a tudo consagrar

Ah! O tremor dos lábios não foge da ocasião
No interior, aflora como uma foto tal sensação
Em ambos se alegra embalsamando a emoção tamanha
Concretando o fingir da decisão ser estranha

Momentos vividos, "sentimentos" consumados
Vinga a busca do prazer infinito, lábios lado a lado
Criando a poética figura da "luta"
Com o amor, o carinho, abdicando ser o vencedor da "disputa"

Corpos suados, sorrisos caminham por uma "estrada" sem parar
No novo "cenário", palavras repetidas: não! Não fale nada!
Aproveite, cada segundo, mais ainda
Desse "sentimento" gostoso de amar, de prazer, tal qual uma delícia infinda

Joaquim Cândido de Gouvêa é brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Neste mês de Janeiro está lançando outro Livro com a mesma Editora com o Título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE! Possui escrito cinco romances e, também, autor da letra de cinco músicas. Considera-se um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

VALE O ESFORÇO

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Quando a tristeza aparece
O corpo antes florido, colorido
De amor aquecido
Rapidamente desfalece

Lábios, antes risonhos
Agora, em nova formação
Medonhos
Afetando ao ingênuo coração

Volta-se a correria para a mudança
O NORTE, a busca da esquecida esperança
À retornar o sorrir
Forçando a tristeza partir

Quem dera, mas não parece tão fácil ser assim
Pelo simples desejo o sentimento mudar
Proceda diferente ao tocar o novo amar
Exigindo esforço maior e tudo enfim

Mas saiba! Vale a pena tentar
Acordar no interior, o tal falado amor
E saiba, irá conquistar
Transferindo alegrias para o lugar da dor

E, quando conseguir
Deixe (com serenidade) a tristeza partir
Que vá embora!
Dando lugar à felicidade, como fazer a qualquer hora

Joaquim Cândido de Gouvêa é brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Neste mês de Janeiro está lançando outro Livro com a mesma Editora com o Título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE! Possui escrito cinco romances e, também, autor da letra de cinco músicas. Considera-se um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

EMPRESAS

Aulas online para grupos em empresas com o mesmo aproveitamento do estudo presencial.



Aulas com
Mónica
Palacios!

É PRÁTICO E
FUNCIONA!



Onde você estiver pode continuar com suas aulas!

O espanhol é a segunda língua com maior número de nativos no mundo e o segundo idioma de comunicação internacional.

Falado por mais de 500 milhões de pessoas, é o terceiro idioma mais utilizado na Internet (7,8% do total) e a língua oficial de 21 países – além de ser o idioma oficial e habitual em foros como ONU, UE e Interpol.

Skype: [monica.argentina.palacios](https://www.skype.com/pt/monica.argentina.palacios)

contato@espanholviaskype.com.br

www.espanholviaskype.com.br

(11) 9 9129-4317

Em Will, uma das maiores personalidades do entretenimento se abre em uma biografia corajosa e inspiradora sobre sucesso, felicidade e conexão humana. Ao longo da narrativa, Will Smith descreve em detalhes uma das jornadas mais incríveis já vividas no mundo da música e do cinema. Edição limitada acompanhada de pôster.

O processo de transformação de Will Smith de um jovem do oeste da Filadélfia a um dos maiores astros do rap de sua geração e, posteriormente, um dos nomes mais conhecidos de Hollywood é uma narrativa épica — mas é apenas parte da história.

Will pensava, com razão, que tinha vencido na loteria a vida: ele alcançara o estrelato e toda a sua família fazia parte do mais alto escalão do mundo do entretenimento. Mas não era bem assim que eles percebiam as coisas. A esposa e os filhos se sentiam atrações no espetáculo de Will, um trabalho em tempo integral para o qual não tinham se candidatado. A verdade era que a jornada de aprendizado de Will Smith ainda não havia chegado ao fim.



Will Smith – Foto divulgação

Escrito em colaboração com Mark Manson, autor do best-seller mundial *A sutil arte de ligar o f*da-se*, Will conta a história de alguém que conseguiu tomar as rédeas das próprias emoções de uma forma que pode inspirar todos a fazerem o mesmo. Poucas pessoas terão a experiência de se apresentar nos maiores palcos do mundo, mas todas são capazes de entender que o combustível que guia experiências como essa pode ser diferente daquele que nos move no caminho para casa.

Com dois encartes de 16 páginas de fotos inéditas do arquivo pessoal do autor. Will é o resultado de um profundo processo de autoconhecimento, um acerto de contas com tudo o que a motivação é capaz de conquistar e tudo o que pode deixar para trás. A união de sabedoria universal e uma história de vida incrivelmente interessante, por vezes surpreendente, coloca Will, o livro, assim como seu autor, em um panteão único.

Impressões:

Will Smith é um consagrado ator de Hollywood, possuindo inúmeros sucessos de bilheterias com filmes que marcaram uma geração, além de ator, Will mostra todo o seu talento através das músicas, com um estilo único em suas canções de rap. Levando inúmeros prêmios tanto com seus filmes e suas músicas. Um artista completo!

Will abre o seu coração e vida através dos capítulos de sua biografia, sem medo de ser feliz, o astro de Hollywood conta tudo que passou, desde sua infância com um pai autoritário, até chegar ao estrelato, ganhando milhões de fãs e admiradores.

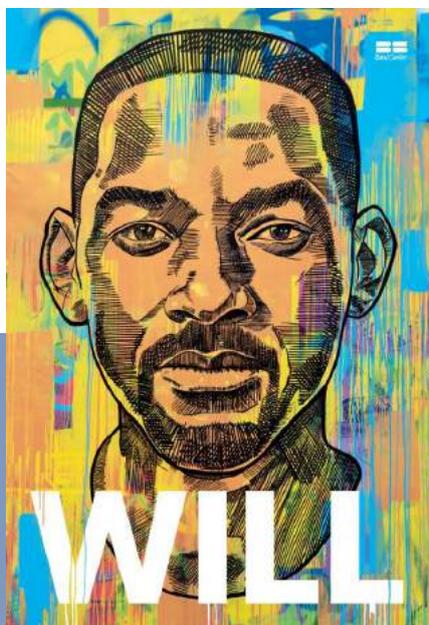
A obra possui uma vibe positiva e otimista no decorrer dos capítulos, Will possui uma facilidade para expressar suas emoções em cada linha escrita, deixando ainda mais próximos os leitores dos principais momentos da vida do ator, sendo na área artística, até passando pelos inúmeros obstáculos familiares.

A biografia possui capítulos medianos em tamanho, com uma escrita fluída do começo ao fim, Will Smith dá uma verdadeira aula de otimismo com seus relatos de inúmeras situações embaraçosas e até mesmo, constrangedoras.

Ele consegue manter um ritmo dinâmico, intenso e cativante, um misto de sentimentos em cada detalhe escrito pelo autor. Para os fãs de cinema, essa biografia é leitura obrigatória. Agora! Se você é fã da pessoa “Will Smith”, precisa ter esse livro na sua estante. Uma vida repleta de lutas e conquistas que o levaram para o topo do sucesso, sempre mantendo o otimismo e principalmente, a humildade.

Vale a pena? Com toda certeza! Will Smith esbanja todo o seu carinho, alegria e carisma ao narrar tudo sobre sua vida, o leitor passa entender o quão grandioso é o ser humanado chamado, Will Smith.

Título: Will
 Autor: Will Smith
 Editora: BestSeller
 Páginas: 448
 Ano Lançamento: 2021



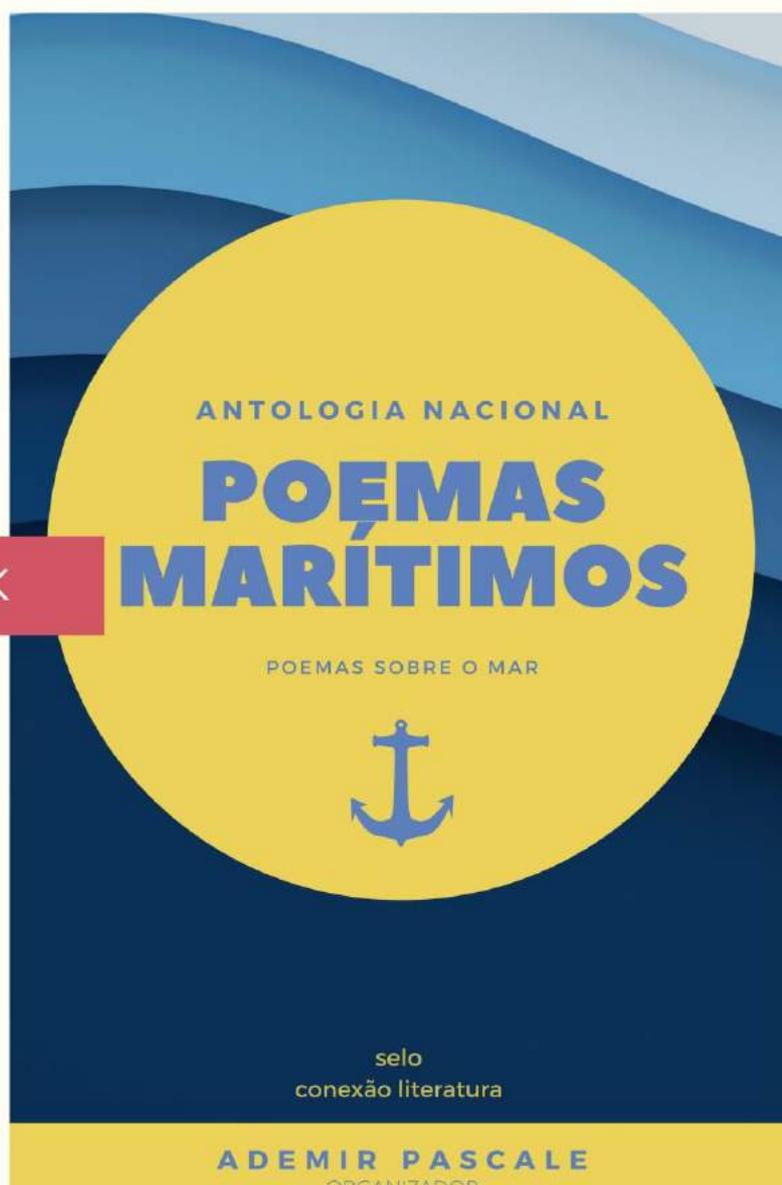
Sou o **Rafael Botter**, nascido lá pelos idos dos anos 80/90. Nerd de carteirinha e um devorador de livros e cinéfilo nas horas vagas. Apaixonado por Astronomia, Burguer e Pizza, nem sempre nessa mesma ordem.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS MARÍTIMOS

poemas sobre o mar

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

POR ANDRÉ V. S. LIMA
ANDREVSLIMA@GMAIL.COM



O HORROR DE ENCANTARIAS EM
GURUPÁ (PA): MARCAS DO
MONSTRUOSO NAS NARRATIVAS
ORAIS DE UMA COMUNIDADE
AMAZÔNICA

O PRESENTE ARTIGO É UMA SÍNTESE DE UMA PESQUISA DE CAMPO
REALIZADA NA CIDADE DE GURUPÁ-PA ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2015,
A QUAL RESULTOU EM UMA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DEFENDIDA
NO ANO DE 2021.

RESUMO

O presente artigo é uma síntese de uma pesquisa de campo realizada na cidade de Gurupá-PA entre os anos de 2012 a 2015, a qual resultou em uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2021. O objetivo deste estudo é analisar as narrativas orais coletadas na região, as quais versam necessariamente sobre fenômenos sobrenaturais, mágicos, e/ou encantatórios a partir das teorias sobre o Horror e sobre o Monstruoso produzidas na esteira das discussões acerca do Fantástico na literatura. Dentro dessa perspectiva, dada a complexidade e a singularidade do fenômeno no referido espaço amazônico, o trabalho também propõe a criação de um conceito próprio para lidar com a questão, qual seja: o de Horror de encantarias, fruto da mescla constante de narrativas provenientes de contextos indígenas e ribeirinhos com elementos midiáticos.

Palavras-chave: Gurupá; Narrativas orais; Horror; Monstruoso; Fantástico.

ABSTRACT

This article is a synthesis of a field research carried out in the city of Gurupá-PA between the years 2012 to 2015, which resulted in a master's degree thesis presented in the year 2021. The objective of this study is to analyze the collected oral narratives in the region, which necessarily deal with supernatural, magical, and/or incantatory phenomena from theories about Horror and about the Monstrous produced between discussions about the Fantastic in literature. Within this perspective, given the complexity and uniqueness of the phenomenon in the aforementioned Amazonian space, the work also proposes the creation of its own concept to deal with the issue, namely: Horror of enchantements, the result of the constant mix of narratives from indigenous and riparian contexts with media elements.

Keywords: Gurupa; Oral narratives; Horror; Monstruous; Fantastic.

INTRODUÇÃO

Segundo o escritor norte-americano H. P. Lovecraft (2008, p. 13), para quem “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo”, pode-se compreender o terror como aquilo que prepara o espectador para o horror. Ou seja, o terror se aloja, se desenvolve e trabalha na mente humana, exercendo seu poder no psicológico. É um sentimento mais elaborado e complexo. Já o horror, por sua vez, é uma resposta física (e rápida) à percepção de uma determinada aparição monstruosa, violenta ou asquerosa.

Há, por certo, grande fascinação na cultura popular por obras literárias e cinematográficas que unam terror e horror. Histórias sobre monstros, assassinos cruéis, demônios e assombrações alimentam a imaginação de milhões de pessoas ao redor do mundo. E mesmo que livros e películas dessa natureza não sejam mais novidade há muitos e muitos anos, o público em geral ainda não se cansou de se assustar com demônios, *serial killers*, zumbis ou *poltergeists* importunando a vida de pessoas inocentes.

Como afirma Vasconcelos (2014, p. 9): “monstros, fantasmas, seres sobrenaturais, casas mal-assombradas, pactos com o demônio... As histórias de horror existem há milênios e fazem parte do folclore e das tradições religiosas de povos do mundo inteiro”. Para o autor, na Antiguidade, chineses, gregos e romanos já eram afeitos a relatos arrepiantes, “mas foi na Idade Média, por meio dos contos de fadas, que essas narrativas começaram a se popularizar” (VASCONCELOS, 2014, p. 9).

O tema deste estudo surgiu justamente a partir da reflexão acerca da manifestação do horror nas narrativas orais tradicionais – isto é: a partir da constatação de que o horror também se manifesta para além da fisicalidade da visão, uma vez que pode ser ativado pela figuração mental (isto é, pela imaginação do leitor ou do ouvinte através da leitura ou audição de relatos). As narrativas orais tradicionais escolhidas, neste caso, são aquelas pertencentes ao imaginário amazônico – cenário este no qual faz-se perceptível que a própria caracterização física dos seres apresentados sempre apela para imagens grotescas que promovem reação imediata no ouvinte/leitor.

Nesse sentido, digno de nota também é o fato de que nos relatos amazônicos aqui analisados também há um apelo muito forte no que tange à construção de “cenas” com muitas imagens brutais (membros decepados, sangue, dentes enormes, machadadas nas costas etc.). Tal “fisicalidade” nas narrativas, portanto, denuncia a presença do horror do qual trata a teoria do Fantástico.

Este estudo, portanto, busca investigar o fenômeno do horror a partir de figurações do monstruoso contidas em narrativas orais do município de Gurupá – cidade paraense situada às margens do Rio Amazonas na região nordeste do estado do Pará. Importante notar que essa região se tornou palco de investigações ligadas a tais manifestações desde a primeira metade do século XX, após a publicação de estudos como *Amazon Town: a study of man in the tropics* (1945), do antropólogo norte-americano Charles Wagley.

UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA

Nossa pesquisa tem como corpus principal narrativas orais coletadas entre 2013 e 2015 durante entrevistas com moradores de Gurupá. Nosso objetivo, portanto, é analisar tais relatos traçando um paralelo entre registros da literatura oral amazônica e as noções do horror – temática esta que, no Brasil, ainda carece de maior aprofundamento na esfera dos estudos acadêmicos.

Por meio de entrevistas e diálogos com os moradores da região de Gurupá, reuniu-se um apanhado de narrativas orais, as quais foram coletadas ao longo dos anos de visitas a Gurupá (2012 a 2015). Já o conhecimento prévio em relação a algumas narrativas orais amazônicas, bem como a peculiaridades culturais de Gurupá foi realizado a partir de leitura de obras como *Amazon Town: a study of human life in the tropics* (1945), de Charles Wagley; *Santos e Visagens* (1955), de Eduardo Galvão; e *Visagens e Assombrações de Belém* (2012), de Walcyr Monteiro. Desse modo, durante as pesquisas de campo, percebeu-se que as narrativas orais de Gurupá se estendem além das fronteiras do terror, já que nos relatos dos membros da comunidade há momentos de horror vividos pelos envolvidos nos casos, já que os mesmos supostamente depararam-se com seres monstruosos ou “encantados”.

O HORROR DE ENCANTARIAS

Importante notar que, em muitas ocasiões, as narrativas dos moradores de tal município não se limitam simplesmente a reproduzir relatos de outrem, histórias de assombração do passado ou causos de assombração. O referido processo de “naturalização” de tais fenômenos faz com que os próprios entrevistados envolvidos na pesquisa tratem as narrativas fantásticas ou os seres mágicos como coisas comuns do seu dia a dia (casos acontecidos com pessoas próximas ou com os próprios entrevistados). A temática sobrenatural, nesse caso, envolve a presença de seres de natureza mítica, encantada e monstruosa, e também compõe grande parte da cultura da comunidade – onde atuam como agentes fomentadores do medo. Sendo assim, é justamente devido à tentativa de analisarmos narrativas orais pertencentes à cultura amazônica sob a perspectiva do horror que usamos neste estudo a expressão “horror de encantarias”. Trata-se de uma abordagem de tal repertório de narrativas orais amazônicas sob a ótica do horror e do monstruoso nos seus sentidos mais amplos.

O imaginário amazônico, em geral, tem sido abordado de maneiras variadas com o passar das décadas nos mais diversos estudos, sejam eles literários, antropológicos ou de outra natureza. Autores como Charles Wagley (1953), Eduardo Galvão (1955), Walcyr Monteiro (1972), dentre outros estudiosos, realizaram investigações sobre efeitos de miscigenação e sincretismo das populações ribeirinhas oriundas dos brancos europeus, índios da região e negros africanos. De modo geral, chegaram à conclusão que muitos dos mitos e lendas que sobreviveram ao tempo são resultado de tais diálogos culturais.

Desta forma, o Horror de Encantarias seria proveniente do encontro dos seres humanos com as forças misteriosas do imaginário amazônico que, na maioria das vezes, segundo os relatos, causam terríveis consequências para o homem ou mulher. O medo da população com relação a estes seres, por mais que nunca tenham o visto, também seria uma característica do Horror de Encantarias, pois este legitima estas criaturas enquanto agentes do medo em Gurupá, assombrando o imaginário de seus moradores.

O fato de que, durante entrevistas na comunidade, estas entidades míticas, tenham sido denominadas de “monstros”, foi um dos fatores principais os quais levaram o presente estudo a ser observado sob a ótica do monstruoso pois, enquanto o Horror Cósmico é permeado de deidades há muito esquecidas, o Horror de Encantarias é povoado e caracterizado pelos inúmeros monstros que o homem amazônico não consegue esquecer.

O MONSTRO, PROPRIAMENTE DITO

Primeiramente, ao se traçar um estudo acerca do monstruoso, a primeira questão a ser levantada deve ser: O que é um monstro? Segundo Jeffrey Jerome Cohen (1996):

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural — de uma época, de um sentimento e de um lugar. O corpo do monstro incorpora — de modo bastante literal — medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência (COHEN, 1996, p. 26-27).

Como afirmado, o monstro se adequa ao momento social e cultural no qual está inserido; ele absorve os medos da humanidade em determinada circunstância e os reflete, fazendo com que se veja no monstro uma representação física de seus próprios anseios. Sobre esta teoria, Silva (2019) argumenta que:

Todo monstro incorpora o momento cultural no qual está inserido. Ele é a corporificação de uma época, de um sentimento e de um lugar. É nesta tese que temos o sentido primeiro do monstro como "aquele que revela", "aquele que adverte". Temer a criatura, dentro desta tese, reflete as angústias, ansiedades e inseguranças do ser humano em relação a algo ou alguém do seu mundo que lhe provoca incômodo (SILVA, 2019, p. 05).

Deste modo, pode-se afirmar que, independente do cenário social no qual esteja introduzido, o monstro sempre será aquilo que fomentará desconforto perante os padrões e paradigmas considerados socialmente aceitos. O monstro, ou melhor, o monstruoso, é tudo aquilo ou aquele que é considerado diferente, anormal, incomum ou insólito. Desde os primórdios de sua existência, o ser humano foi habituado a identificar o “diferente” e, conseqüentemente, a temê-lo. Fato este pode ser corroborado ao se observar o grau de espanto ou curiosidade manifestado por uma criança que, em sua inocência, observa pela primeira vez um portador de deficiência física ou uma pessoa que não compartilhe de sua mesma cultura, religião ou afins. Assim sendo, o ser humano tende a reagir com aversão, preconceito, estranhamento ou medo a tudo o que considera diferente ou fora do normal, e tal situação permite que um monstro seja criado. À vista disso, podemos afirmar que um monstro é um agente do medo, ou, uma manifestação física do medo, preconceito e ódio humanos. Na prática, isso nos permite afirmar que o medo é o fator criador de monstros. Essa afirmação é corroborada por Lovecraft (2008, p. 13), para quem "a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido". Qual seja: o medo é causado pelo desconhecido, e o monstro é exatamente isto: é aquilo que não conhecemos, que não possui coisas em comum conosco e que nos causa perturbação.

A CHEGADA DO MONSTRUOSO NO BRASIL E O MONSTRO NA REGIÃO NORTE

Com a ocupação do Novo Mundo pelos colonizadores provenientes do solo europeu, os monstros deslocaram o seu espaço para além do Oceano Atlântico. Qual seria o motivo de semelhante êxodo? Para responder a tal questionamento, em primeiro lugar deve-se compreender e refletir sobre a relação entre os seres de natureza monstruosa e os seres humanos. Há aí uma ligação simbiótica na qual seus agentes recebem uma espécie de benefício mútuo. Ou seja, enquanto o monstro necessita do homem para existir, habitando a sua mente, o ser humano, por sua vez, precisa do ser monstruoso para lhe servir de advertência, um perigo a ser desafiado, um enigma a ser desvendado.

Dessa forma, percebe-se que o monstruoso sempre estará instalado na psique humana, atuando nas mais variadas funções, pelos mais variados motivos. Sendo assim, é válido observar que em todas as diferentes culturas que existem e já existiram na história

da humanidade, sempre houve a presença dos mitos monstruosos. Sendo assim, quando os europeus, por conflitos com povos otomanos, foram obrigados a procurar novas rotas para alcançar as Índias Orientais e, conseqüentemente, “descobriram” novos continentes, o monstro, habitando a mente e o imaginário do homem da Europa, também se deslocou de sua região asiática e encontrou nos continentes americanos seu novo reduto.

Baseando-se nas afirmações anteriores acerca dos monstros que vieram a habitar o Brasil, podemos observar o quanto estes seres sofreram influências externas nas questões de suas representações físicas e também o quanto estes seres, vindos do além-atlântico transformaram-se ao chegar aqui. Devido a tantas características a serem analisadas, percebe-se que tecer um estudo que englobasse todo o território brasileiro seria uma tarefa difícil, a presente subseção abordará apenas as monstruosidades que fazem da região norte do território brasileiro, o seu locus. De acordo com a obra *Monstruário: Inventário de Entidades Imaginárias e de Mitos Brasileiros*, de Mário Corso (2004), observa-se a descrição do Mapinguari um dos mais famosos e temidos monstros da Região Norte do Brasil:

O Mapinguari é um monstro que lembra a forma humana, mas é bem maior e bem mais forte, coberto de pelos longos e eriçados, com grandes garras na mão como a onça. O seu aspecto mais assustador é a boca: ela é vertical, começa debaixo do nariz e vai até a altura do estômago. De seus lábios está sempre pingando o sangue de suas vítimas. Uns dizem que ele devora toda a sua presa; outros acreditam que ele só come a cabeça, que arranca com uma só mordida e fica mascando (CORSO, 2004, p. 129).

Desta descrição podemos destacar características de origem europeia, como o seu tamanho e porte, que somados ao seu olho único na altura da testa, poderia ser comparável ao Ciclope grego, como Polifemo, enfrentado por Ulisses em *A Odisseia*. Dentro dessa perspectiva, Silva (2019) lança a questão:

Não seria o lendário Pé Grande das florestas norte-americanas e o folclórico Mapinguari da nossa cultura releituras do Homem Verde medieval enquanto entidade monstruosa que mostra o vínculo perdido do homem com a natureza? Os Homens-hienas, populares no folclore de regiões da África, atestam a adaptabilidade da crença de que existem pessoas capazes de subverter (ou seria restabelecer?) a fronteira entre o humano e outro animal. Assim como os homens-urso dos povos nativos norte-americanos, os homens-tigre da Índia e, para citar o mais famoso dos homens-fera, o lobisomem, esses seres tem sua origem no medo dos habitantes de comunidades próximas a florestas e selvas em relação ao principal animal predador de seu meio (SILVA, 2019, p. 07-08).

Assim sendo, o monstro seria um ser que representa fronteiras, e uma de suas funções é a de “mostrar”, como foi dito anteriormente, esta fronteira aos seres humanos deixando-a explícita e ao mesmo tempo, mostrar sua capacidade de subvertê-las na maioria das vezes. Geralmente, tais áreas fronteiriças podem se tratar de fronteiras culturais, fronteiras físicas ou até mesmo fronteiras entre homem e animal como, por exemplo, culturas diferentes entre povos distintos, limites entre áreas vilarejos e florestas e a diferença entre o ser humano racional e o comportamento feral de animais selvagens,

respectivamente. Ao discorrer sobre o papel subversivo do monstro com relação a essas fronteiras, Corso (2004) afirma que:

Existem alguns seres – presentes em quase todos os povos e todas as mitologias – que não respeitam fronteiras. O lobisomem é um deles. A ideia de um homem transformar-se em lobo é tão difundida que ganhou um nome: licantropia. Em suas origens, o Lobisomem era um ser que sofria castigo que podia durar alguns anos. Essa temporada de Lobisomem servia como pagamento da pena e, caso o infeliz cumprisse certas regras, voltava a ser homem. Mas, em tempos remotos, essa mutação era única em toda uma vida, ao contrário do Lobisomem atual que é um ser em constante transformação. Também quanto à sua origem, ora era um homem comum, ora um lobo. Hoje parece guardar muito de homem em sua condição de lobo e, na condição de humano, tem peculiaridades distintas (CORSO, 2004, p. 117).

Considerando o monstro como um ser com alta capacidade de adaptação ao meio para o qual se desloca e também como um “subversor de fronteiras”, não é de se admirar o quanto um licantropo dar-se-ia bem nas terras recém descobertas alémmar. O mito do Lobisomem não apenas criou raízes em solo brasileiro como também adquiriu novas “roupagens”. Em vários lugares do Brasil, especialmente na Região Norte, o Lobisomem é representado pela figura de um homem que se transforma em porco.

Considerando a afirmação de Silva (2019), nas mais diversas culturas, o mito dos homens-fera origina-se da apreensão dos habitantes de comunidades próximas a florestas com relação ao principal animal predador daquele habitat em questão. Levando-se em consideração o fato de que, com a chegada do Lobisomem europeu ao país, o povo brasileiro necessitaria de uma nova representação visual dessa criatura (uma vez que em solo brasileiro não há a presença de lobos) o porco foi o “escolhido” para representar este monstro, mesmo que a figura do suíno não represente um grande predador.

O MONSTRUOSO EM GURUPÁ - PA

Em Gurupá, são abundantes as histórias acerca de Lobisomens e, como dito anteriormente, apesar de sempre ser representado na figura de um homem que se transmuta em animal, sua manifestação física monstruosa também se transformou ao longo das décadas naquele município. Assim como dito por Cohen em sua obra *A Cultura dos Monstros: Sete Teses* (1991):

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural [...]. O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o monstrum é, etimologicamente, “aquele que revela”, “aquele que adverte”, um glifo em busca de um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento; ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido — para nascer outra vez (COHEN, 1996, p. 26- 27).

Desse modo, o monstro é a incorporação do contexto cultural e social no qual está inserido e temê-lo seria um reflexo das inseguranças, angústias e ansiedades das pessoas com relação a alguém ou algo que lhes causa aversão. Compreendendo a ideia de

“monstro” sob essa ótica cultural, faz-se possível perceber e julgar as metamorfoses ocorridas na constituição de semelhantes criaturas dentro de um contexto social vítima das transformações e evoluções tecnológicas sofridas nas últimas décadas.

Portanto, um monstro como, por exemplo, o lobisomem, criatura bastante presente no imaginário ribeirinho amazônico devido às influências provenientes da imigração europeia na região, sofreu intensas modificações ainda em decorrência de intervenções externas.

Muitas são as entidades monstruosas que assombram comunidades amazônicas, surgindo e desaparecendo conforme a evolução das mesmas; porém, na pequena cidade de Gurupá, apesar de todo o avanço tecnológico conquistado ao passar das décadas, o monstro sempre é uma constante. Na maioria das vezes, o mesmo assume uma forma humana, comum em todos os seus aspectos físicos, porém revelando sua faceta oculta quando a oportunidade é surgida.

Gurupá sempre conviveu com a presença do monstruoso, desde a sua fundação. O monstro, de fato, parece estar sempre presente nas narrativas ligadas à fundação de uma comunidade, presença esta que diminui à medida que a modernidade vai transformando a cidade e sua população. Muitas vezes, essa figura monstruosa pode se transformar junto com a comunidade, assumindo novas formas, ou até mesmo pode ser esquecida, sendo substituída por outras, mas o monstruoso propriamente dito sempre estará presente na mesma, pois o monstro nunca morre e sempre retornará para se fazer presente em nosso convívio. Como afirma a segunda tese de Jeffrey Jerome Cohen (2000), o monstro sempre escapa. O monstro é imortal.

Muito há a se discutir, em Gurupá, a respeito das figuras humanas com a herege capacidade de se metamorfosear em animais. Muitos moradores entrevistados já compartilharam, pelo menos uma vez, histórias dessa natureza misteriosa durante os fins de tarde reunidos com vizinhos à porta de casa. Uma pequena parcela da comunidade, inclusive, evita verbalizar este tipo de tema em diálogos pois indivíduos com tal habilidade decerto têm “parte com o coisa-ruim”. A população mais jovem da comunidade gurupaense afirma não acreditar em tais afirmações; porém, prefere não arriscar encontrar com tais criaturas, como foi dito pela moradora Ana Maria: “o seguro morreu de velho e o desconfiado está vivo até hoje”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Gurupá, mesmo com estas transformações, os tradicionais monstros amazônicos ainda permeiam a região e sempre manterão seu espaço fixo não apenas em Gurupá, mas também em todas as outras comunidades amazônicas e brasileiras em geral que, assim como em Gurupá, ainda mantêm suas histórias orais vivas de geração para geração, pois, como já dito neste estudo, a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, de modo que as narrativas sobre o monstro e seus horrores sempre encontrarão uma forma de subsistir.

Foi a partir da presença do monstruoso em tais narrativas coletadas na região de Gurupá que chegamos ao conceito de horror de encantarias. Com efeito, ao analisarmos a imagem do monstro descobrimos que a caracterização de todas as entidades descritas nas

histórias narradas pelos entrevistados trabalhava bastante a dimensão do *Horror* (pensado aqui em contraposição à noção também clássica de *Terror*).

É como se a imagem construída na mente dos ouvintes tivesse o poder de mexer com seus medos mais primitivos. E o medo da população com relação a tais seres, mesmo que nunca os tenham visto, legitima tais criaturas enquanto agentes fóbicos em Gurupá.

Ao propormos a análise de tais relatos aqui expostos buscamos, obviamente, uma forma de difundir e, assim, também proteger certo legado cultural referente às narrativas orais do povo amazônico, como um todo. Dentro dessa perspectiva, analisar os relatos de moradores de Gurupá acerca de visagens, monstros e malinações lançando mão de dimensões acadêmicas incomuns ao tema, como o Fantástico e o Horror, também conferiu ao trabalho um caráter de incentivo a novas abordagens acerca de narrativas orais no âmbito da Amazônia.

A temática do horror de encantarias se coloca, portanto, como um dispositivo que visa atualizar as discussões no campo das narrativas orais; trata-se de uma forma de resgate da tradição cultural de um espaço e também de perpetuação de seus encantos para outros públicos.

REFERÊNCIAS

COHEN, Jeffrey Jerome. “*A cultura dos monstros: sete teses*”. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.

CORSO, Mário. *Monstruário: inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros*. 2. ed. Porto alegre: Tomo Editorial, 2004.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e assombrações de Belém*. 6. ed. Belém: Cromos Editora, 2012.

SILVA, Alexander Meireles da; COLUCCI, Luciana (Orgs.). *Manifestações do monstruoso: a subversão das fronteiras de gêneros literários*. 1. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

_____. Como criar monstros. *Fantasticursos*, 2019. Disponível em: <http://fantasticursos.com/o-que-o-monstro-mostra/>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

VASCONCELOS, Yuri (Ed.). *A origem das histórias de terror*. São Paulo: Abril, 2014. (“Coleção mundo estranho”)

WAGLEY, Charles. *Amazon Town: a study of human life in the tropics*. Anniversary edition. New York: Oxford University Press, 2014



André V. S. Lima:

Mestre em Letras pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA), com área de concentração em LINGUAGEM E SOCIEDADE e com linha de pesquisa em ESTUDOS COMPARADOS, CULTURAIS E INTERDISCIPLINARES EM LITERATURA. Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras- Língua Portuguesa, com habilitação em Língua Inglesa pela FACULDADE INTEGRADA BRASIL AMAZÔNIA S/S LTDA(2013)- FIBRA.

SINFONIA DAS MARIAS

POR SÍLVIA GRIJÓ



não sou Maria, Maria não sou
mas vou, vou com todas as outras
Marias que cantam a liberdade
Marias que dançam festejando a vida
Marias que declamam na arte, os seus medos
Marias que gritam o direito do existir
Marias que riem da própria má sorte
Marias que choram quando a dor é mais forte
Marias que vão à luta, não calam, não calam,
Não sou Maria mas vou,
vou em busca das Marias esquecidas
anônimas, malquistas e sofridas
e nessa SINFONIA da vida
as vezes agri, as vezes doce,
torno-me resistente
na companhia de todas essas Marias
Maria não sou, mas vou
vou com todas, todas as Marias,
sem negar minhas tristezas,
compartilho as minhas dores
os meus anseios apetevidos,
sem renegar os viscerais amores,
e através dessa melodia, sigo amando,
sem postergar meus sentimentos,
bendigo a cantar, a cantar
todas as nossas Marias,
Relembrando que todas sabem amar,
amar... todas sabem...

SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se escritora em construção e aprendiz de poeta. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE - Editora Palavra da Terra. É coautora em 23 Antologias, 03 E-books nacionais e internacionais. É membro efetiva da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil- ACILBRAS, é membro fundadora da Academia de Letras e Cultura da Amazônia-ALCAMA. É sócia titular das Associações ABEPPA, ASSEAM e AJEB-AM. Integra o Grupo “Formas Em Poemas”, atua no Projeto “Literatura Caminhante”. É graduada em Ciências Biológica, Pós-graduada em Educação e Desenvolvimento Social e Educ. no Campo, Educa. Social, fotógrafa. Ativista da literatura amazonense feminina. Cuidadora da Terra, Plantadora de Amores, Defensora da Causa das Flores. É Fêmeanista. Sílvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.

NA PELE MINHA...

POR SÍLVIA GRIJÓ

gosto de AMOR duradouro,
presente
na pele,
no calor,
misturado
na boca
molhada,
na forte
pegada,
nos braços
entrelaçados,
pernas
trançadas,
tudo confuso,
uma grande e
deliciosa misturada...
gosto de amar de verdade,
gosto de amor
pulsando
do meu peito
no teu peito,
do meu corpo
no teu corpo,
ofegando
nosso respirar...
troca... toque... êxtase...
gosto de amar de verdade
gosto de Amor duradouro...
(sou careta??)

SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se escritora em construção e aprendiz de poeta. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE - Editora Palavra da Terra. É coautora em 23 Antologias, 03 E-books nacionais e internacionais. É membro efetiva da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil- ACILBRAS, é membro fundadora da Academia de Letras e Cultura da Amazônia-ALCAMA. É sócia titular das Associações ABEPPA, ASSEAM e AJEB-AM. Integra o Grupo “Formas Em Poemas”, atua no Projeto “Literatura Caminhante”. É graduada em Ciências Biológica, Pós-graduada em Educação e Desenvolvimento Social e Educ. no Campo, Educa. Social, fotógrafa. Ativista da literatura amazonense feminina. Cuidadora da Terra, Plantadora de Amores, Defensora da Causa das Flores. É Fêmeanista. Sílvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.

LAMENTO DE UMA NEGRA

POR SÍLVIA GRIJÓ

Venho das terras alheias
Parida da escravidão
Da carne chicoteada eu sou
Estou aqui - quero lembrar
Fugi das tiranias dos mares
Dos sujos porões
Sou retrato falado do negro
Não posso enganar
É assim que sou
Também quero sonhar...
Saí do negro rosário
Dos batuques
Dos santos perversos que somos
Estou aqui, venho rezar...
Saí das oficinas da vida
Do grito calado
Da arte negada que fomos
Venha comigo, vamos
inventar
Venho do degredo da vida
Das minas da escuridão
De corpo vendido
Da Lei do chicote e
saudade da Pátria
Aqui estou, não posso calar!
Venho de ricas cozinhas
Dos canaviais
Vendidos como objetos nós
fomos
Muito sofri... Quero te amar!
Minha origem é a senzala
Periferias e morros
Das margens do mundo eu sou
Mas não me reprimo
Venho dançar...
É nos vagões lotados que
venho
De qualquer parte da cidade
Sufocada, xingada, mal
olhada



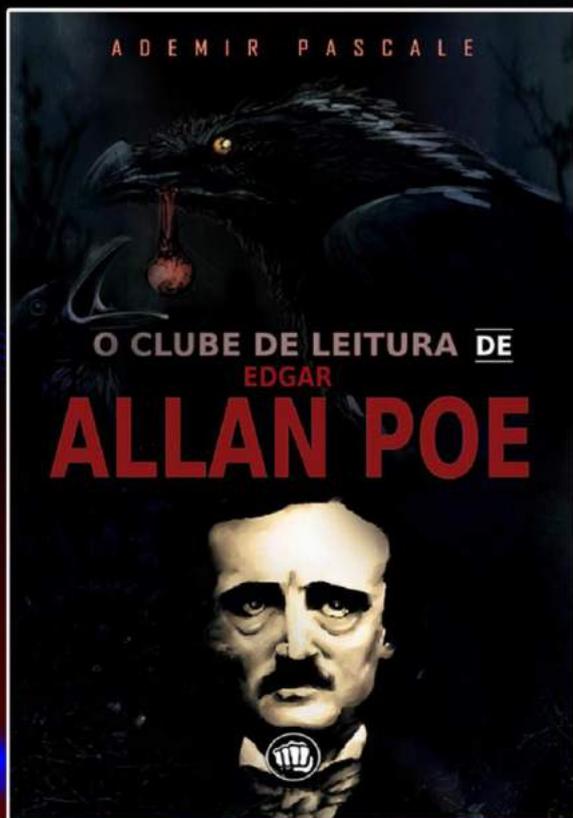
Mesmo assim, estou aqui
Venho cantar!
Venho das minas da
escuridão
Dos cafezais, dos tristes
quilombos
Dos gemidos fatigados eu
sou
Estou aqui, venho cobrar...
Venho dos suplícios do
engenho
Ferindo a cruz do batismo
Marcados a ferro e fogo
nós fomos
Mesmo feridos
Aqui estamos, viemos
gritar
Venho das grandes favelas
Das arquibancadas
Das perseguições e injustiça
Do racismo barato
Mesmo sofrendo, venho
clamar
Venho do chão dos
Quilombos
Do grito calado
Do som dos tambores
Dos vivos Palmares nós
somos
Estamos aqui e vamos lutar
Pela IGUALDADE
RESPEITO e
LIBERDADE !!!!

SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se escritora em construção e aprendiz de poeta. Autora da obra **MULHER À FLOR DA PELE** - Editora Palavra da Terra. É coautora em 23 Antologias, 03 E-books nacionais e internacionais. É membro efetiva da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil- ACILBRAS, é membro fundadora da Academia de Letras e Cultura da Amazônia-ALCAMA. É sócia titular das Associações ABEPPA, ASSEAM e AJEB-AM. Integra o Grupo “Formas Em Poemas”, atua no Projeto “Literatura Caminhante”. É graduada em Ciências Biológica, Pós-graduada em Educação e Desenvolvimento Social e Educ. no Campo, Educa. Social, fotógrafa. Ativista da literatura amazonense feminina. Cuidadora da Terra, Plantadora de Amores, Defensora da Causa das Flores. É Fêmeanista. Sílvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.



FAÇA A LEITURA DO CÓDIGO QR ACIMA E

**ENTRE PARA O GRUPO DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**



Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

DO AUTOR ADEMIR PASCALE

POLICE LINE

PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

www.selojovem.com.br

ÀS VEZES

POR ADAYL FALCONI CHIODI

Às vezes,
tento acalmar
a boneca
que mora em meu coração.
Ela me pede aconchego,
Ela me pede carinho.
Tento niná-la
Para que fique
quietinha, mas
ela não pára
enquanto não me mostra
todo o amor
que ainda trago
em meu coração!
Aí, então ela
se aquieta,
E eu estou pronta
Para o agora,
Para enfrentar
o bem,
para enfrentar o mal,
porque meu coração
está cheio de amor,
está cheio de luz!
Às vezes...
Tento frear
Aquele triciclo
Que teima
Em querer correr.
E não sossega
até que eu o acompanhe.
Juntos, sentimos o vento
em nosso rosto.
Andamos por lagos, montanhas e planícies,
Então, encontro
O meu eu criança.
Encontro
meus irmãos meninos,
meus amigos
Que há tempo
não vejo mais!



Brinco com eles,
E, volto para
o meu hoje
com o coração leve
cheio de esperança e sonhos
e de saudade também!
Quão bom seria,
se pudéssemos,
conservar para sempre,
um pouco dessa boneca,
um pouco deste triciclo,
do nosso eu criança!
Se pudéssemos guardar
em nosso coração,
esse nosso brincar...
Esse tesouro
nos ajudaria
a acreditar,
a esperar,
a amar e
perdoar!

Conservemos
Esta boneca
E este triciclo
Em nossos corações,
Escondidos em nosso eu criança,
Eles nos ajudam
A sermos mais humanos,
Nos ajudam
a acreditar,
a esperar,
a amar e
perdoar!

Adayl Falconi Chiodi, professora aposentada, nasceu a 25/12 /41 em Ijuí (RS). Concluiu o curso Magistério em 1959. Licenciou-se em Pedagogia em 1963. Fez Pós graduação em Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa na UNIJUI.



crônica

PARA QUE FESTA EU VOU?

Por Mirian Menezes de Oliveira

Era véspera do Dia das Mães e eu só precisava comprar “meia dúzia” de produtos, no supermercado.

Antes de entrar na filial da grande Rede, vi uma fila imensa de carros, “buzinaço”, bexigas de todas as cores e, na calçada, uma quantidade imensa de pessoas, acompanhadas de crianças, extasiadas com as peripécias dos artistas (palhaços), que animavam a festa.

Estava com um pouco de pressa; entrei no supermercado, com o pescoço virado para a esquerda, tentando adivinhar de que se tratava tanta agitação.

Quando criança, só via fila daquele tamanho, nas festas de “Cosme e Damião”, quando muitas pessoas se aglomeravam, em torno dos doces e mimos.

Sim! Será que era Dia de “Cosme e Damião”?!

Fiquei na dúvida se entrava no estabelecimento, pegava os produtos e encarava a fila do Caixa, ou entrava direto na fila da suposta “diversão”, juntando-me aos palhaços.

Quem lê este preâmbulo, pode julgá-lo como exagero, mas a quantidade de pessoas era, realmente, enorme e, como autêntica brasileira, senti desejo de entrar, naquela agitação, para ver no que dava.

Sabe aquela história de seguir o arco-íris, para encontrar o baú do tesouro no final?! Pois era, mais ou menos, isso!

A comparação é estranha, mas lembrei-me da superstição, atendo-me à extensão da fila.

O que haveria no final?

Entre no supermercado e fiz o que deveria ter feito.

Ao sair vi mais balões e palhaços!

“Não é possível! Cosme e Damião coincidiu com a véspera do Dia das Mães! Deixe-me olhar no calendário!”

Antes mesmo de concluir a ação, fixei meus olhos no horizonte e a faixa pulou-me aos olhos: EMPRESA FULANA DE TAL – EMPRÉSTIMOS E FINANCIAMENTOS.

“Como é que é?!” Fila de endividados, com direito a palhaços, bexigas e músicas infantis?! Isso é o que chamo de desvio de funções. Coitados dos palhaços! Não seria mais adequado contratar o rabeção?!

Caminhei sem olhar para trás. É o que sempre digo: “Onde estivermos, sempre haverá ‘aliviadores’ de desgraças!”

Peguei minha sacolinha e prossegui, pois minha próxima parada seria o mercado municipal da cidade onde me encontrava.

Na pequenina fila, para comprar queijo e ricota, ouvi uma voz maravilhosa de tenor: BESAME... BESAME MUCHO!

Que lindo! Todos, naquele local, balançavam alguma “partezinha” do corpo: ou os dedos, ou os pés, ou a cintura...

Após realizar a compra, não resisti e fui ao encontro daquela maravilhosa voz.

Um jovem senhor, com um modesto microfone e uma caixinha de som, de dentro de sua barraca, fazia ecoar aquele som maravilhoso, num local, cuja plateia se escondia sob os montinhos de verduras e legumes.

Parei por alguns minutos, em frente ao cantor. Aplaudi-o, solitariamente, e pensei que esta festa estava mais interessante, do que a dos endividados, cercados de bexigas e juro embutidos. Esta seria uma homenagem do comerciante às Mães, ou o estoque de batata estava encalhado?!

Isso não importa! Foi lindo, seja lá qual tenha sido o objetivo, entretanto tive que seguir meu caminho.

Passei pela praça central. No coreto, cerca de trinta músicos, com uniformes impecáveis, preparavam-se para tocar. Banquinhos foram disponibilizados à plateia. Descartada a hipótese de ser parte da Festa de Cosme e Damião, pensei que aquela poderia ser uma possível homenagem ao Dia das Mães.

Dez ou doze passinhos, antes de me sentar para assistir ao espetáculo, a voz do responsável pelo cerimonial “retumbou” pela praça:

_ FACULDADE X Y Z... 15 ANOS DE EXISTÊNCIA! Para comemorar este grande dia, trouxemos algumas composições, para alegrar a todos... A FACULDADE X Y Z POSSUI OS MELHORES PROFESSORES, CURRÍCULO APRIMORADO...BLÁ... BLÁ... BLÁ...

Mudança de rota...

Caminhei com a “meia dúzia” de produtos do supermercado e, chegando à grande casa, após o almoço, resolvi fazer a sesta.

Repousei a cabeça e adormeci por alguns minutos, embalada pela pergunta: Para que festa eu vou?

Foi então que vi o arco-íris... Não consegui atravessá-lo, mas tinha a certeza, de que ao final das sete cores, iria me deparar com um grande tesouro; não com um baú, repleto de joias, porque isso é bobagem, mas com tenores, palhaços, bexigas, bandas, famílias, brincando com suas crianças, sem a preocupação com dívidas... PAZI!

Se acordei do sonho?! Graças a Deus, pois senão esta crônica seria póstuma!

Se gostei?! Lógico que sim! Isso não é o princípio da felicidade verdadeira?! Sei lá!

PARA QUE FESTA EU VOU?



MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

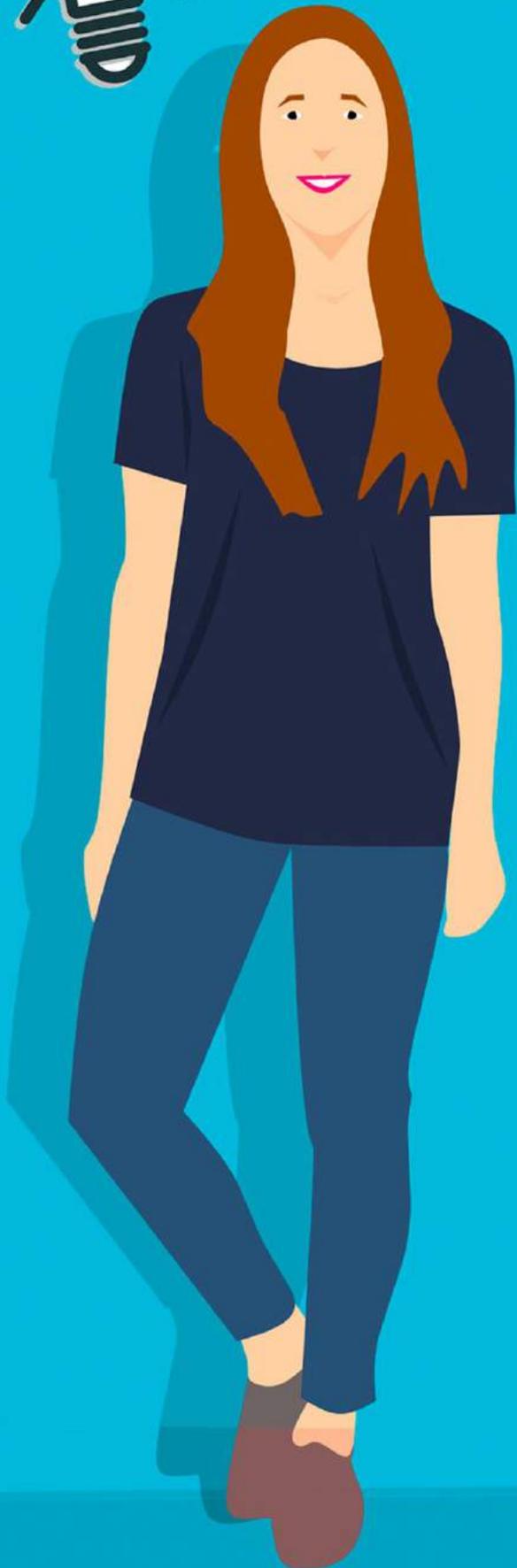
Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA -Itália, tendo participado do XXXIII Salão Internacional do Livro de Turim (outubro de 2021), como colunista da Revista Bilingue ACIMA Itália (OBA) e coautora de Antologia.

Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural.

Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos.

Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros, organizados pela ZL Books – Editora (New York, Portugal e, em 2021, Paris – França).

É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.



Abra as portas para o conhecimento

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

LEMBRANÇAS PRESENCIAIS

POR BEATRIZ C. MATTOS

Como era bom ser criança
sem eira nem beira
brincar a tarde inteira,
balançar na goiabeira
torcendo pra dar errado e
alguém cair no lago
e, então, pular n'água de roupa

Plantar bananeira, dar estrela e cambalhota,
correr no pega-pega até não aguentar mais,
fazer piquenique com bolo, suco e bisnaguinha
deixar a energia transbordar todinha

Ir até o lago pescar lambari
(era só o que havia ali)
fazer argila, escorregar de papelão,
tomar banho gelado no inverno e no verão
fazer levitação e quase matar a vovó do coração
jogar mico e pagar o castigo
quando é fogo amigo eu nem ligo

Como era boa a adolescência
apesar da típica intransigência
acordar com batuque de panelas
e bombinha nas janelas
encher a casa de amigas
sem fazer intrigas
tomar sol que arde, nadar até tarde
ouvir música alta, perder roupa e nem dar falta
andar de mibilete, guiar a caminhonete
contar piada e morrer de dar risada

Gato mia pelo jardim no escuro
caça ao tesouro
Marcopolo na piscina
menino pega menina
e muito mais...
ainda não havia as redes sociais

Beatriz C. Mattos

Nascida em São Paulo, capital, no dia 25 de junho de 1971. É advogada, tradutora, mediadora de conflitos e fotógrafa amadora. É casada e tem duas filhas. Aproveitando sua experiência com a linguagem escrita começou a escrever poesias, contos e crônicas em 2020.





ESCRITORA

AMANDA BOAVIAGEM

Um dia, Amanda resolveu contar as histórias dos mundos e sonhos que trazia no peito. Ela que sempre foi uma Pessoa, apesar das Neves pelo caminho, descobriu que seria mais feliz compartilhando sua escrita. Hoje, quer que todos façam uma Boaviagem no Ribeiro das palavras que transbordam do seu coração. Finalista do Prêmio Reflexo Literário 2021 nas categorias: Autor Revelação, Melhor Romance, Melhor Antologia e Melhor Capa. Vencedora do Concurso Cartões Postais-Literários da @achadosclube 2021, Menção Honrosa no 3º Prêmio de Literatura Juvenil Ferreira de Castro (2006-Portugal), uma dos ganhadores do IX Concurso Ladjane Bandeira de Poesia (2006), do concurso Geração em 140 caracteres – Geração Editorial, 2014 (pg. 83), entre outros.

ENTREVISTA

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Amanda Boaviagem: Sempre gostei de ler e escrever. Amo histórias desde criança. Com 5 anos virei para minha mãe e disse que queria ser escritora. Comecei fazendo diário dos 6 aos 16 anos e escrevi minha primeira poesia com 8 anos. Particpei do meu primeiro concurso literário com 11 anos. Escrevi a vida toda, alguns momentos mais outros menos. Tive intervalos, alguns até bem longos, para me dedicar a outras coisas, estudo, trabalho etc., mas a escrita sempre fez parte da minha vida.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Amor nos tempos de quarentena". Poderia comentar?

Amanda Boaviagem: Esse livro foi minha “catarse” nesse período de pandemia. Escrevi para participar de um concurso do Wattpad (na época, estava lá, hoje em dia, já faz tempo que saí) e me ajudou muito a lidar com a ansiedade que todo esse período de quarentena gerou e em muita gente. Escrevi não só para mim mas também para ajudar as pessoas nesse período, afinal, a história passa esperança e superação, afinal sou a escritora da Esperança e procuro passar uma mensagem positiva pros meus leitores.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Amanda Boaviagem: Acho que a vida, todo o ambiente ao redor, tudo que vivemos, sonhos, medos, desejos etc. são a matéria-prima do escritor. Tento me estimular ao máximo lendo, vendo filmes, observando as pessoas... As ideias vêm e anoto para usá-las um dia, quem sabe num romance, num conto, crônica. Só se for poesia que costumo escrever na hora, senão, parece que a inspiração “passa”.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Amanda Boaviagem: “Encosto na beirada da proa e respiro fundo. Sinto uma paz por estar em contato com a natureza. Olho pro céu e vejo a “Estrela Manuela” me observar. Até que um barulho me fez voltar a atenção pra terra, ops, pro navio. Fico olhando pra ver de onde veio o barulho. Alguém me observava. Quando ando em direção à esquina do navio, escuto um novo barulho e um vulto sai correndo.

_ Ei! Você! Volte! – vejo uma fita de cetim azul marinho caída por trás do banco onde o vulto estava há pouco. O vulto dobrou a esquina do navio e voltou a correr. Entrou por uma das portas e seguiu até chegar num corredor sem saída, com todas as portas trancadas. Não havia ninguém no corredor. Consegui encurralá-la. Era uma menina.

_ Não vou lhe fazer mal. Você deixou sua fita cair atrás do banco.

Assustada, a menina olhou pra mim com os olhos arregalados, como se estivesse fazendo algo errado e tivesse sido pega no flagra. Até que ela olhou bem pra mim, no fundo dos meus olhos, com seus grandes olhos azuis (um azul que se confundia com o do mar que nos cercava lá fora) e...”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Amanda Boaviagem: É só digitar “Amanda Boaviagem” na Amazon (e-book) e na Uiclap (físico) que acha. Para acompanhar meu trabalho é só me seguir no instagram @pagina90_ e ativar o sininho. Posto resenhas de livros, dicas de como criar o hábito da leitura, declamo poesias autorais nas sextas-feiras, faço lives etc. Adoro interagir com os seguidores!

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Amanda Boaviagem: Parece óbvio, mas leia e escreva muito. Leia autores variados para descobrir seu estilo, não “copie” mas se “inspire”. Faça banco de ideias, anote tudo, deixe um caderninho do lado da cama antes de dormir. Veja filmes, documentários sobre autores, sua trajetória, o que eles fizeram para conseguir se destacar. Faça cursos, estude, se capacite, aprenda a ouvir “não” (faz parte). Trace um plano para sua carreira. Recomendo que sigam a @liliancardoso no Instagram. Ela é maravilhosa com os escritores e aprendi e aprendo muito com ela. Principalmente, se esse é seu sonho de verdade, não desista.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Amanda Boaviagem: Sim. Já lancei também na temática de pandemia Contrônicas: Histórias Amorfadas de Quarentena e em breve tem livro novo. Trata-se da história de uma jovem mulher que sai de férias para a Irlanda, reencontra a melhor amiga, vive um grande amor e quer aproveitar ao máximo cada momento da sua primeira viagem internacional. Mas é mais que isso. E será o livro 1 de uma trilogia.

Perguntas rápidas:

Um livro: Orgulho e Preconceito

Um ator ou atriz: Meryl Streep

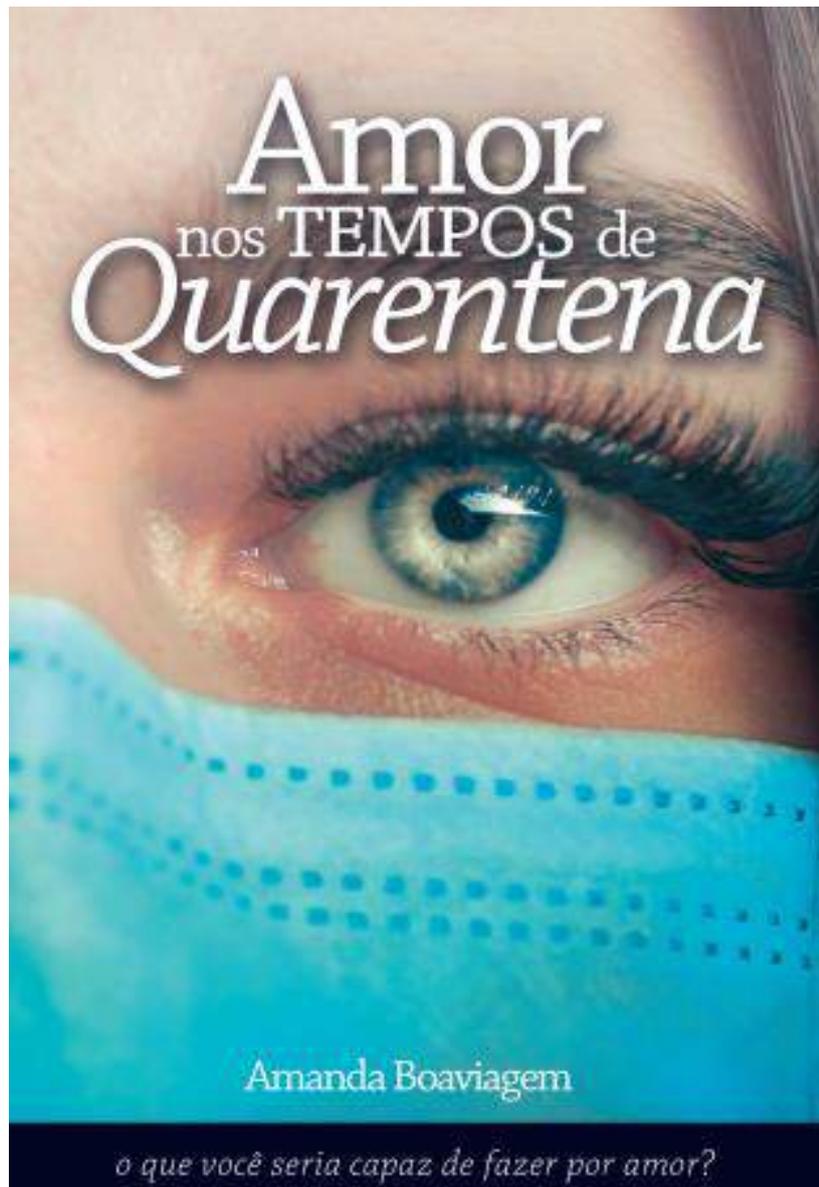
Um filme: não consigo escolher um, então, alguns dos meus preferidos: Orgulho e Preconceito, Peixe Grande e suas Histórias Maravilhosas, Efeito Borboleta (o 1º), Questão de Tempo e a Bela e a Fera.

Um hobby: além de ler e escrever, ver seriados e brincar com minha cachorrinha.

Um dia especial: o dia em que finalmente lancei meu primeiro livro, Amor nos Tempos de Quarentena.

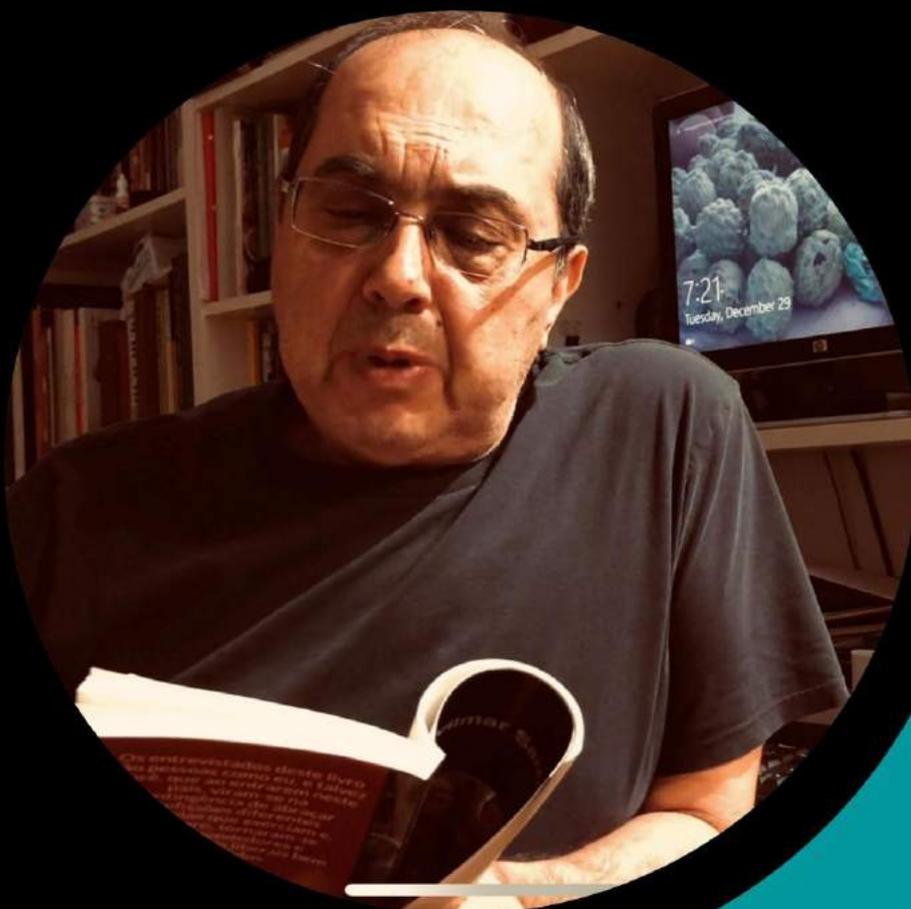
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Amanda Boaviagem: Faça sua parte, dedique-se, dê duro, pode não ser hoje ou amanhã que você vai chegar lá mas lembre-se da música “quem acredita sempre alcança”. Só não consegue quem desiste no meio do caminho. E “quando não souber o que fazer, Escreva”.



Para saber mais ou adquirir:

https://bit.ly/uiclap_antdq e https://bit.ly/ebook_antdq



ESCRITOR

DAVILMAR SANTOS

Natural de Itanhém – BA, vive em Nova Iorque há mais de 30 anos com a esposa e dois filhos, onde tem se dedicado a escrever sobre os brasileiros que, como ele, escolheram a Big Apple para recomeçarem suas vidas. É bacharel em direito pela Universidade Santa Úrsula-RJ, membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e da União Brasileira de Escritores. Publicou “Uma história para Mariana”, “Quem é você em New York – Volume 1, 2 e 3” e “Cachoeira de Almas”, pela Amazon. Em 2021 publicou “Com Você em Nova Iorque”, pela Editora Caravana, de Belo Horizonte.

ENTREVISTA

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Davilmar Santos: Desde a minha infância sempre gostei de ler. Quando minha mãe comprava o material escolar para um novo ano letivo, antes das aulas começarem eu já tinha lido todos os livros. Morávamos em uma pequena cidade do nordeste mineiro e quando ela viajava eu pedia para trazer livros de presente. Logo após me formar em Direito, no Rio de Janeiro, me mudei para Nova Iorque e, sem saber inglês, fui trabalhar em restaurantes. Trabalhava muito e mal tinha tempo para ler. Escrever, nem se fala. Quando me aposentei resolvi que dedicaria o meu tempo a ler e a escrever. O primeiro livro foi um texto teatral chamado “Uma história para Mariana”, à venda pela Amazon.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Com você em Nova Iorque”, vendido pela Amazon e Editora Caravana. Poderia comentar?

Davilmar Santos: Este é o meu quinto livro e trata-se de uma coletânea de entrevistas que fiz com os imigrantes brasileiros que vivem aqui nesta cidade. A versão vendida pela Amazon traz 23 entrevistas e a que foi lançada no Brasil, pela Editora Caravana, tem 15 entrevistas. Na verdade trata-se do mesmo livro, mas para a edição brasileira o meu editor procurou evitar a repetição de atividades das pessoas entrevistadas. O livro tem um acabamento primoroso e foi o Best Seller da editora no ano de 2021.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Davilmar Santos: Como eu disse antes, o meu livro de estreia foi um texto teatral. Em seguida eu produzi os volumes 1, 2 e 3 de uma série chamada “Quem é Você em New York”, onde escrevo sobre os imigrantes brasileiros. Esta série deu origem ao livro “Com Você em Nova Iorque”, que foi publicado, em edição independente, pela Amazon e, logo em seguida, no Brasil pela Editora Caravana. Depois escrevi o romance infanto-juvenil “Cachoeira de Almas”, onde conto as aventuras de um adolescente brasileiro, que vive com os pais em Nova Iorque e passa as férias escolares com a avó e os tios, em um sítio no Brasil. O que quero dizer é que o processo de criação depende do que vou escrever, mas seja qual for o gênero, gosto de escrever tendo como base alguma pesquisa de campo. Para os livros de entrevistas tive como inspiração publicações como O Pasquim e as páginas amarelas da Revista Veja. Para escrever o romance “Cachoeira de Almas”, acredito que a fonte de inspiração tenha sido o escritor americano Mark Twain.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro “Cachoeira de Almas” para os nossos leitores?

Davilmar Santos: Sim, claro. Este é um trecho da conversa entre o menino Gabriel e Fabrício das Almas:

“Eu pensava que as histórias fossem só para serem lidas pelos professores nas escolas. Nunca imaginei que elas poderiam ser contadas pelos idosos. Na minha casa, por exemplo, os meus pais assistem televisão durante e depois do jantar e quando o sono chega eles vão dormir, porque precisam acordar cedo no dia seguinte. Eu passo o dia na escola e quando chego em casa só tenho tempo para tomar banho, jantar, descansar um pouquinho e fazer o meu dever de casa. Depois, tenho de ir para a cama porque devo acordar cedo no dia seguinte para voltar à escola.

Nos finais de semana, pratico taekwondo, tenho aula de guitarra e, às vezes, jogo bola no parquinho com outras crianças. Quase sempre tem uma festa de aniversário ou um jantar na casa dos amigos dos meus pais. Quando tem um filme para crianças, eles me levam ao cinema. Às vezes, vou ao teatro com meu irmão ou com o meu tio e lanchamos antes de voltar para casa. Outras vezes, algum casal de amigos aparece para conversar e comemos pizza juntos. Mas ninguém conta histórias”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Davilmar Santos: Meus livros estão disponíveis para venda pela Amazon.com, nas versões Kindle e Paperback (livro físico). É só visitar o site e fazer a busca pelo meu nome ou pelo título do livro. O livro “Com Você em Nova Iorque”, lançado no Brasil pela Editora Caravana, pode ser adquirido pelo site da editora ou pelo telefone (31) 9125-8243. Eles entregam em todo o Brasil.

Conexão Literatura: Quais dicas que você daria para os autores em início de carreira?

Davilmar Santos: Eu diria que vivemos um momento de democratização da publicação de livros. Houve um tempo em que publicar um livro no Brasil era um privilégio para poucos. Hoje, graças às novas tecnologias, um escritor pode ter o seu livro publicado e disponibilizado para vendas, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, em questão de horas. E com um leque de opções que vai desde um pequeno custo ao custo zero. Sem contar as publicações com custo compartilhado que me fazem lembrar dos velhos tempos em que o escritor arcava com todas as despesas para ver o seu livro exposto em uma livraria.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Davilmar Santos: Sem dúvida. Projetos não faltam, ao contrário do tempo que se torna cada vez mais escasso. Afinal, onde foi parar o nosso tempo?

Perguntas rápidas:

Um livro: Brasileiro, “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre. Americano, “The Other Side of Me”, de Sidney Sheldon.

Um ator ou atriz: Meu filho, Davi Santos, um dos Power Rangers na série Dino Charge e Dino Super Charge.

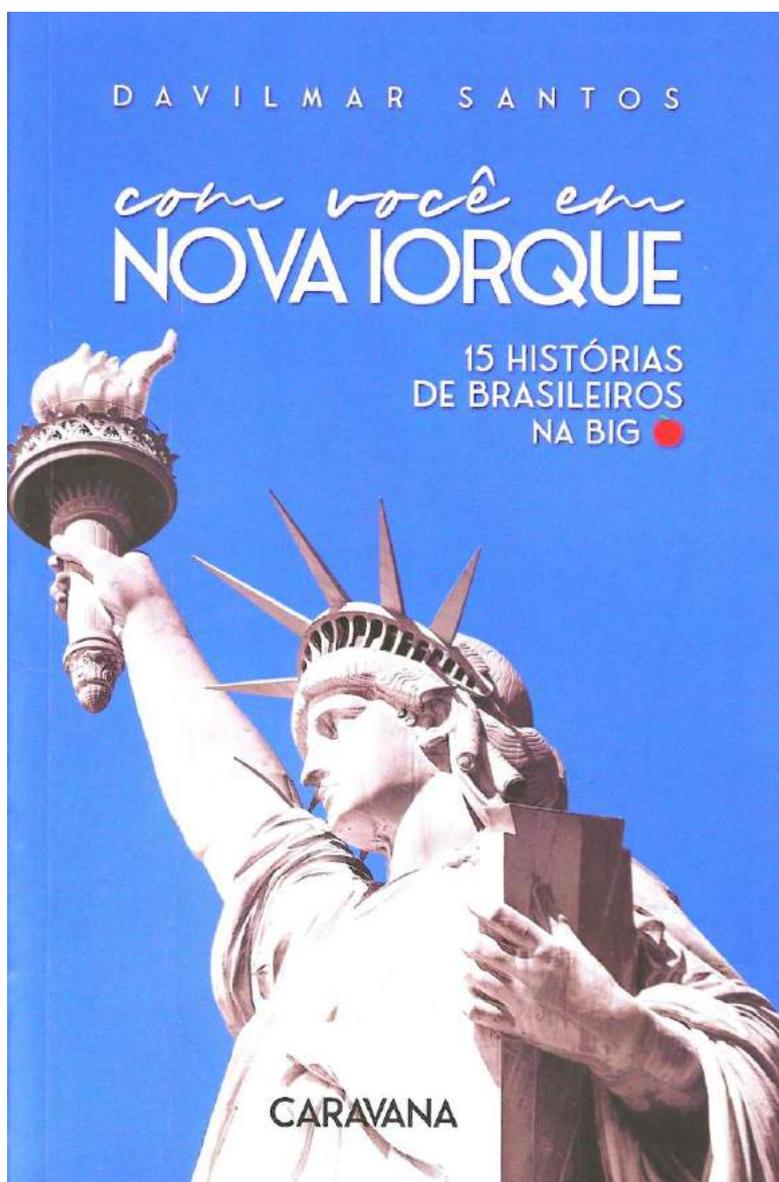
Um filme: “The Odd Couple”, com Jack Lemmon e Walter Matthau.

Um hobby: Ler, mais que um hobby, um vício.

Um dia especial: Hoje, sempre.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Davilmar Santos: Apenas quero agradecer pela oportunidade de divulgar o meu trabalho e pelas perguntas inteligentes que me foram feitas.





ESCRITOR

ALLAN VITOR DE ANDRADE

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, Allan Vitor de Andrade é fotógrafo e iniciou sua relação com a literatura ainda jovem, publicando pequenos textos em um jornal da Ilha do Governador, onde morou até os vinte anos.

Estudou Fotografia de Cinema na Academia Internacional de Cinema e Tv, passando a atuar também nesta área. É membro da Academia de Artes, Ciências e Letras de Iguaba Grande, atuando também como Pesquisador da Biografia de Neusinha Brizola.

Participou de exposições e mostras no Brasil e na Europa, entre elas na Associação Internacional Mandala Cultural, em Milão, e no Castelo Douglas Scotti, em Fombio, pelo Movimento Internacional de Arte Contemporânea Emotions of the World - quando aprofundou seu contato com as mais importantes obras de arte da Renascença.

Em 2010 iniciou a pesquisa e escrita do livro Eu, Apócrifo percorrendo mais de quinze países durante o processo. Atualmente, finaliza a escrita de sua sequência.

ENTREVISTA

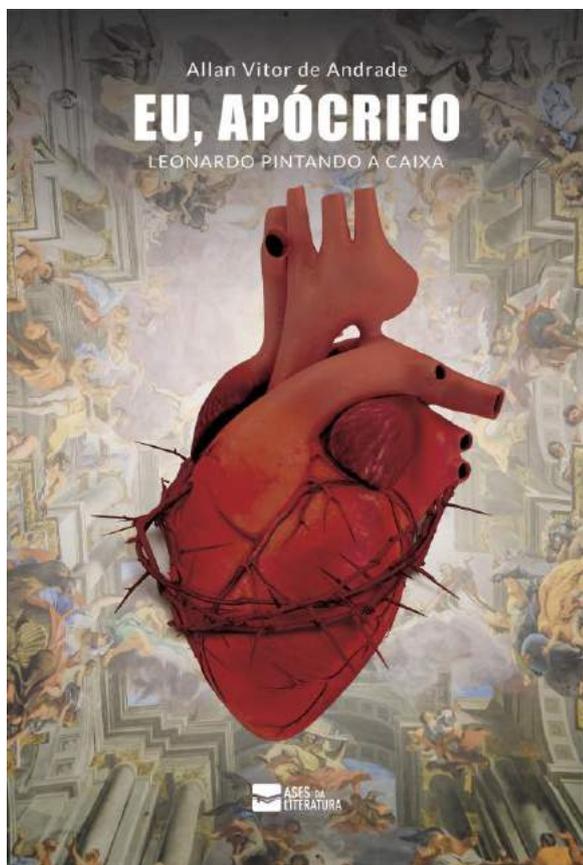
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Allan Vitor de Andrade: Eu escrevo desde muito novo, contudo precisei do tempo para ter condições técnicas e vontade real para publicar. Meus escritos ficavam guardados. Aos dezesseis anos comecei a colaborar para o jornal de bairro da Ilha do Governador, onde eu morava, no Rio de Janeiro e assim comecei a ver a escrita como uma atividade que me dava prazer de realizar.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Eu, apócrifo". Poderia comentar?

Allan Vitor de Andrade: “Eu, Apócrifo” é um livro lançado pela Editora Ases da Literatura e que tem perspectiva de se tornar trilogia. Em linhas gerais, apresenta três personagens – Leonardo, Maria e Pedro -, que investem esforço coletivo para a produção de um livro a seis mãos. Durante o processo, envolvem-se em uma rede de conspiração de natureza religiosa, quando descobrem-se ateus após observarem passagens da história, monumentos e pinturas do Renascimento Italiano. Uma sequência numérica de expressivo valor histórico denuncia, tanto em uma das mais famosas pinturas do mundo, quanto em um monumento, o que para muitos pode soar como heresia... Ou tão somente o despertar que destrói a doce ilusão onde a humanidade é mantida aprisionada.



Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Allan Vitor de Andrade: Não tenho um processo de criação específico. Acredito que cada trabalho demanda um processo novo, e o desafio do escritor é justamente lidar com esse desconhecido, que faz parte da vida de todos... escritores ou não. Tenho muitas inspirações de diversas épocas e áreas, embora estilisticamente inalcançáveis e completamente diferentes de mim, como Dante Alighieri, Luís de Camões, George Orwell, Dom Pedro II, entre outros.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Allan Vitor de Andrade: “É imprescindível observar a importância de acompanhar o desenvolvimento da história desde o seu início,

ou criação, e dar um passo atrás do outro, uma vez que a compreensão exercida no presente é formada no exercício do presente, no passado. Tudo tem o seu tempo para acontecer — tanto no seu relógio, quanto no relógio que te deram. Você é um dos que seguem na direção contrária, em busca de uma condição plena de conhecimento divino e obediência à *palavra*, sem perceber que o momento de se tornar pleno e absoluto é o momento de se tornar nada.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Allan Vitor de Andrade: O livro pode ser comprado nas Lojas Americanas, Amazon, Buscapé, entre outras, assim como no site da Editora Ases da Literatura: <https://www.asesdaliteratura.pt/>. Quem quiser saber mais sobre o trabalho e nos conhecer melhor, teremos muita satisfação em recebê-lo em nosso Instagram @eu_apocrifo

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Allan Vitor de Andrade: Persistência... Não há nada mais importante do que calma para superar os desafios, medos e inseguranças. Acredito que seja um processo eterno, que nós apenas começamos, mas não sabemos quando irá terminar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Allan Vitor de Andrade: Sim... Mas, por enquanto, ainda é cedo para falar. O tempo agora pede calma para trabalhar nesse projeto que acaba de nascer.

Perguntas rápidas:

Um livro: 1984, de George Orwell.

Um ator ou atriz: Gloria Pires.

Um filme: Há vários, mas “O Preço do Amanhã” tem o gosto especial de verdade.

Um hobby: Fotografar.

Um dia especial: o de hoje, sempre.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Allan Vitor de Andrade: Gostaria de agradecer à Editora Ases da Literatura por ter acreditado no potencial do meu trabalho e aos amigos que me incentivaram durante todo o meu processo.

“O Deus cristão é uma grande metáfora estendida no céu, que conforta, guia e supre as carências humanas (de quem as tem). Para aqueles que não as possuem, ele volta a ser apenas uma singela metáfora... E não deixa de ser belo por isso. Os cristãos, por sua vez, ainda usam o fogo para honrar o Deus aos quais servem, e isso já não tem ligação direta com Deus, mas sim com o que eles aprendem nas igrejas.”



ESCRITOR

EVERTON ILKIU

Everton Ilkiu tem 36 anos, é paulista, formado em geografia pela Universidade Federal de Viçosa-MG e atua há onze anos como professor na rede pública de ensino. Como escritor, publicou em 2020 a aventura infantojuvenil “O Tesouro de Algarve”, que em duas oportunidades figurou entre os dez mais baixados da Amazon Brasil na sua categoria, e foi adotado pela Secretaria de Educação de Itanhaém-SP em 2021, para o desenvolvimento de um projeto literário com os alunos da rede municipal. “Sol Negro” é seu romance de estreia para o público adulto, publicado pela Editora Dialética de São Paulo no fim de 2021. Everton Ilkiu mora em Itanhaém, litoral paulista, com sua esposa Suzi e sua filha Geovana.

ENTREVISTA

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

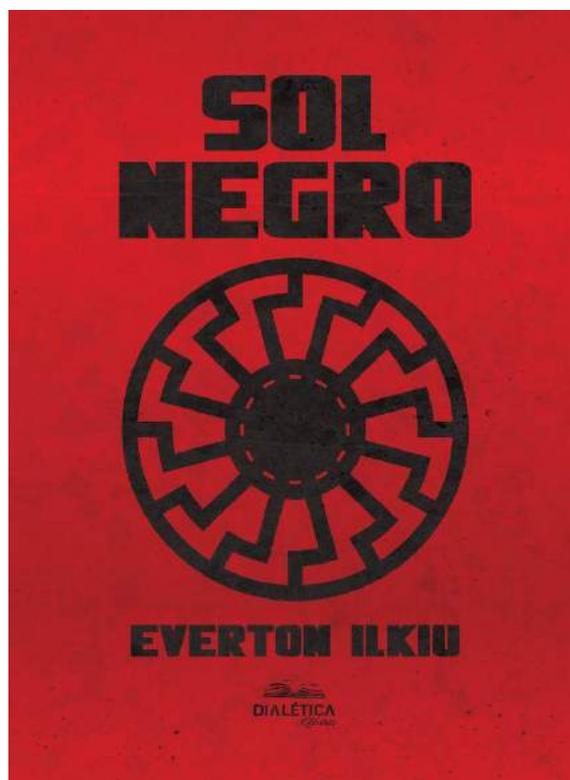
Everton Ilkiu: Desde a infância sempre gostei de ler. Minha iniciação na literatura foi com os fantásticos livros da coleção vaga-lume, da Editora Ática. Títulos como “Um Cadáver Ouve Rádio”, “O Mistério do Cinco Estrelas”, “O Rapto do Garoto de Ouro”, entre outros, do saudoso Marcos Rey, sempre estiveram entre meus favoritos. Como acontece com muitos adolescentes, conforme fui crescendo, fui também me distanciando um pouco dos livros, mas ao ingressar na universidade aos 20 anos, a antiga paixão foi retomada, tanto por uma questão de necessidade, com a enorme carga de leitura exigida pelo curso de Geografia, como por satisfação, para relaxar com agradáveis histórias de ficção.

Durante o curso, escrever também se tornou prazeroso, com os muitos trabalhos acadêmicos produzidos ao longo da graduação. E, após uma década atuando como professor, mergulhado em meio a livros e mais livros e, trabalhando com adolescentes; vivenciando seu dia-dia, seus sonhos, suas angústias, seu modo de ser; pensei: por que não escrever um livro para eles? E após a repercussão positiva do meu primeiro livro, “O Tesouro de Algarve”, voltado para o público infantojuvenil, decidi continuar a minha empreitada literária. E assim surgiu “Sol Negro”, meu primeiro romance voltado para o público de jovens e adultos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Sol Negro". Poderia comentar?

Everton Ilkiu: “Sol Negro” traz em sua narrativa um misto de suspense e romance policial ambientado na fascinante cidade de Santos, no litoral de São Paulo, cujo a trama se desenrola em torno da temática neonazista e dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial para os tempos atuais.

Na história, O filho de um rico empresário de Santos é sequestrado e, para o resgate, é exigida a entrega de um misterioso medalhão de ouro, pertencente ao Partido Nazista na Segunda Guerra Mundial — entretanto, ninguém na família da vítima sabe seu paradeiro.



Por conta disso, o jovem estudante de jornalismo, Edu, e a bela Sara, irmã do rapaz sequestrado, se lançam em uma emocionante caçada pela multifacetada cidade de Santos,

em busca do antigo medalhão, que teria sido trazido para o Brasil, como despojo de guerra, após o conflito de Monte Castello entre as tropas brasileiras e o exército alemão.

Em posse de uma enigmática carta de um ex-combatente, os jovens seguem pistas que os levam por locais emblemáticos da cidade. Porém, quanto mais perto eles chegam da cobiçada relíquia, mais perigosa fica a trama. O pai de Sara realmente não sabe o paradeiro do medalhão? Por que o investigador responsável parece não dar a devida atenção ao caso? Quem é o misterioso homem que os persegue?

Nessa envolvente aventura, repleta de simbolismos e mistérios, os jovens protagonistas mergulham na história, na cultura e nas artes da cidade e do país. Em meio à caçada, a dupla precisa desvendar antigos enigmas ao passo que se percebe envolvida no fanático universo dos grupos neonazistas, tendo que correr contra o tempo para salvar o irmão de Sara — além de suas próprias vidas.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Everton Ilkiu: Minhas pesquisas se dividiram em duas etapas: primeiro a pesquisa teórica, depois a pesquisa de campo. A pesquisa teórica foi pautada na leitura e busca de informações em livros, plataformas na internet e artigos - a respeito da Segunda Guerra Mundial e do nazismo, bem como sobre os lugares retratados no livro. Pelo fato de a obra ser ambientada em lugares reais, e tratar de acontecimentos verossímeis, minha responsabilidade com relação às informações apresentadas pelo livro aumentou consideravelmente.

Já a pesquisa de campo discorreu de acordo com sua essência natural, que se trata de ir aos locais: observá-los, senti-los, vivenciá-los; para retratá-los com maior fidelidade e, assim, transportar o leitor para os cenários nos quais a trama se desenvolve. Como geógrafo, compreendo bem a importância de uma boa pesquisa de campo para captar a essência dos lugares, não só do ponto de vista da descrição, como também na percepção dos elementos culturais, sociais e afetivos arraigados em cada paisagem.

Com relação ao tempo de trabalho, entre as pesquisas, escrita e revisões; foram aproximadamente seis meses.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Everton Ilkiu: Os capítulos finais, quando uma das personagens principais, Sara, se infiltra na reunião da célula neonazista em busca de informações a respeito do paradeiro de seu irmão.

Este trecho do livro, além de ser carregado de suspense e tensão, revela a personagem não mais como uma mera coadjuvante da trama, ao ganhar de forma natural, contornos de uma verdadeira heroína de filmes de ação. Sara abandona a roupagem de garota rica e frágil, e se mostra uma mulher forte, decidida e, acima de tudo, inteligente e segura, para transitar e investigar em terreno tão perigoso e hostil – ela demonstra o verdadeiro significado do empoderamento feminino. Tudo para salvar seu irmão!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Everton Ilkiu: “Sol Negro” está disponível nas versões física e digital, e pode ser adquirido na loja virtual da Editora Dialética (link abaixo), como também nos principais marketplaces do país. Para o leitor interessado em conhecer mais sobre meu trabalho é só seguir nas redes sociais e acompanhar meu blog (links abaixo).



<https://loja.editoradialetica.com/literatura-e-outros/sol-negro>



<https://www.facebook.com/everton.ilkiu/>



<https://www.instagram.com/evertonilkiu/>



<https://evertonilkiu1.blogspot.com/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Everton Ilkiu: Existe sim. Já iniciei as pesquisas para o meu novo livro que terá como palco a grandiosa e multicultural cidade de São Paulo. Também sob a temática neonazista tão intrigante e, infelizmente, tão atual, a trama apresentará a maior cidade do país sob uma ótica diferente de tudo que já foi mostrado, em uma narrativa surpreendente!

Perguntas rápidas:

Um livro: O Código Da Vinci

Um (a) autor (a): Dan Brown

Um ator ou atriz: Michael J. Fox

Um filme: De Volta Para o Futuro

Um dia especial: O nascimento da minha filha.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Everton Ilkiu: Gostaria de dizer aos meus leitores para continuarem a valorizar a cultura, as artes e o conhecimento. Pois, é através dessa tríade, que nos tornamos pessoas mais críticas, mais sábias e mais humanas. Nos tornamos pessoas melhores e, por consequência, construímos uma sociedade melhor. Vida longa à cultura brasileira!

ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez
um outono*



Roberto Schima

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

PARA SABER MAIS
CLUBE DE AUTORES - UICLAP
AMAZON



ESCRITOR
AMÉRICO MORAES

Nascido em Goianésia, interior de Goiás, cresceu entre duas cidades: Vila Propício e Pirenópolis. Aos 12 anos, se transferiu com seus pais e irmãos para Porto Velho-RO, em 1990. Hoje, considera-se portovelhense e amazônida de coração. Depois de formado em História-Unipeç-2007, apaixonou-se pela poesia e pela literatura em geral. Profissionalmente, atua como professor de História nas redes públicas estadual e municipal em Porto Velho. Além disso, se especializou em História do Brasil (FJ-2013) e, em 2019, concluiu o curso de mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia-2019.

ENTREVISTA

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Américo Moraes: Foi aos 16 anos que passei a me interessar pela literatura, quando cursava o primeiro ano do ensino médio (naquela época, 1994, era o primeiro ano do segundo grau). Aos poucos, fui me interessando pela poesia e já me arriscava em escrever alguns poemas. Contudo, posso afirmar que efetivamente, como escritor, despertei para a literatura (em especial, a literatura infantil) após a conclusão do curso de mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia e, em seguida, o advento da pandemia, pois, obrigado a trabalhar em home office, passei a ler mais intensamente livros infantis para meus filhos de 8 e 5 anos, Marco Antônio e Clarissa Beatriz. Foi, sem dúvidas, uma paixão avassaladora pela literatura infantil. A partir daí, foram surgindo ideias que acabou resultando na publicação de meu primeiro livro infantil, *O príncipe do bafo de sapo*, que foi lançado no mês de junho do ano passado, pela editora portuguesa Ases da Literatura. E agora recentemente, em dezembro passado, já lancei meu segundo livro infantil: *Esquilomeu e Esquiliete apaixonados por William Shakesquilo*, igualmente publicado pela Ases da Literatura.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O príncipe do bafo de sapo". Poderia comentar?

Américo Moraes: Bom, o livro, como se pode perceber pelo título, segue pela linha cômica, pois acredito que o livro infantil, além de ensinar, deva divertir as crianças. Estas são as propostas do meu livro. Nele, por exemplo, me utilizando de personagens amplamente conhecidos como Branca de Neve e Aurora, procuro dar outras versões do que acontecem com elas nas histórias clássicas originais. Além disso, procuro desconstruir a imagem de perfeição em torno das estórias convencionais de príncipes encantados; sem falar, também, da desconstrução da imagem que se tem das bruxas nas estórias infantis, entre outras coisas.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Américo Moraes: Falar de “processo criativo” creio ser um campo bastante movediço. Tenho para mim que em todos os ramos de atuação humana, há os gênios e os esforçados. No campo da literatura, eu sou um dos esforçados, ou seja, meu processo criativo é fruto de muito trabalho, no caso, muita, mas muita leitura. Quanto mais leio, mais ideias tenho. Além da leitura, fatos do cotidiano, filmes, desenhos animados, imagens da internet, redes sociais também, às vezes, me inspiram novas ideias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Américo Moraes: O rei decidiu casar seu filho. Para isso, enviou mensagens para várias princesas de reinos vizinhos. Eis que a primeira princesa chegou para conhecer o príncipe. Era ninguém menos que Branca de Neve, acompanhada por sete adoráveis anões. Assim que ela avistou o príncipe Narciso no alto da escada, apaixonou-se perdidamente. – Meu Deus, como você é lindo!! Exclamou Branca de Neve. Narciso também apaixonou-se pela bela Branca de Neve. Desceu rapidamente as escadas e a pôs em seus braços, curvando-se sobre ela e dizendo bem perto de seu rosto: - Muito prazer em conhecê-la, bela Branc... De repente, Branca de Neve dá um grito ensurdecedor: - Que horror, que terrível... – Em seguida, Branca de Neve cai no chão adormecida pelo terrível bafo do príncipe Narciso. Bom, este um dos trechos marcantes do livro que transcrevi não exatamente igual ao texto original. Só para os leitores terem uma ideia mesmo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Américo Moraes: Então, o livro está disponível para venda nos sites da Amazon, Estante Virtual, Americanas, Submarino, Extra e Shoptime, no site da editora www.asesdaliteratura.pt, na bio da editora no instagram @editoraasesdaliteratura. Além disso, também está à venda nos sites da Amazon Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, França, Alemanha, Itália, Austrália e Japão.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Américo Moraes: Sem dúvidas, sou um autor em início de carreira! Posso dizer que é gratificante ver uma estória escrita por você transformar-se num livro, mas ao mesmo tempo esbarramos em muitas dificuldades, principalmente, financeiras para publicar, pois são poucas as editoras que investem em novos autores. O mais importante é acreditar em seu trabalho e não desistir jamais, buscar parcerias, enfim, tentar todos os meios possíveis a fim de concretizar o sonho de publicar seu primeiro livro!

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Américo Moraes: Sim, com certeza. Como já disse acima, já publiquei meu segundo livro em dezembro passado e vou lutar para publicar mais três textos infantis meus, já escritos. Um, inclusive, em coautoria com um amigo escritor de Salvador-Bahia, Uarlen Becker.

Perguntas rápidas:

Um livro: Hamlet.

Um ator ou atriz: Al Pacino.

Um filme: Hamlet (1996).

Um hobby: ler.

Um dia especial: Todos os dias.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Américo Moraes: Desejo muito que o brasileiro valorize mais os livros e a leitura e que os políticos investissem mais na educação, nos professores e no fomento da cultura em todos os sentidos.

Américo Moraes O Príncipe do Bafo de Sapo

Ilustração Rafael Pereira





ESCRITOR

PEDRO VINICIUS PRAZO DOS PASSOS

Pedro Vinicius Prazo dos Passos, 28 anos de idade, natural de Diadema, São Paulo. Atualmente morador da cidade de Itanhaém, baixada santista, desde os 12 anos de idade. Não mede esforços para alegar, que o mar, é o seu maior companheiro.

Formado em licenciatura, na área de educação física. Pedro é professor contratado do estado de São Paulo, tendo como sede, a diretoria de ensino de São Vicente. Aonde ministrou aulas em escolas públicas, nas cidades de Peruíbe, Itanhaém e Praia Grande, até o dia em que resolveu aceitar o seu chamado, e dedicar-se inteiramente, a literatura.

ENTREVISTA

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: Sem mais delongas, a escrita, adentrou a minha vida, de uma forma não muito ortodoxa. No dia 20/06/2020 com o início da quarentena, eu fui obrigado a lidar comigo mesmo, e dar voz, aos meus pensamentos. Dizendo-me, que eu não tinha mais tempo e precisava escrever esta obra, pois eu iria partir em breve, envolvido em um acidente de carro*, sem conseguir encontrar a minha outra parte (Alma gêmea). Relacionamento em que vivemos juntos, em todas as nossas reencarnações. Assustado e sem ter para onde correr, eu, Pedro Vinicius, aceitei essa prova, e coloquei nesta obra, tudo o que não me cabia mais no peito.

Conexão Literatura: Você é autor do e-book "Lute como uma garota". Poderia comentar?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: Lute como uma garota, não é apenas um livro, é um estado de espírito. É a quebra da crença, sobre a mulher, ser o sexo frágil. É a troca de valores, em sua essência. É a divulgação da fragilidade, também, por parte do homem. Em suma, este livro, é a exposição da minha própria alma, despida.

Com o intuito de apresentar ao público leitor, os benefícios de buscar em seu interior, as respostas para uma vida plena. Lute como uma garota, veio em busca do despertar da consciência, da quebra do próprio ego, e da divulgação do amor, de outras vidas.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: Quanto ao meu processo de criação, gostaria de parafrasear um trecho do poema, de Mia Couto.

“Escrever, nunca escrevi, sou apenas um tradutor de silêncios...”.

Acredito que a escrita sempre esteve aqui, dentro de mim, eu apenas precisava parar de lutar, contra eu mesmo.

Quanto as minhas inspirações, eu me pego a suspirar, pelo bom e velho romantismo. Filmes, livros, vídeos, paisagens, fotos, etc... Desde que seja romântico, eu sempre irei guardar com carinho, em um cantinho, no meu coração. Mas eu não poderia deixar de mencionar, as canções de AnaVitória, que tornaram o processo de criação, desta obra, muito mais agradável.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu e-book especialmente para os nossos leitores?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: Bom, eu gostaria de compartilhar com o público leitor, um trecho da dedicatória do livro...

Para: Minha alma gêmea.

— “O amor é arriscado, mas sempre foi assim, há milhares de anos as pessoas se buscam e se encontram”.

((Paulo Coelho))

— Portanto...

— Nem que seja além dessa vida;

— Eu vou estar;

— Te esperando.

Com carinho: Pedro Vinicius.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: O livro Lute como uma garota terá a sua estreia na plataforma da Amazon, no dia 16/02/2022. Por hora, disponível apenas, para pré-venda.

Aos leitores interessados, deixo aqui, a minha página do Instagram.

@livrolutecomoumagarotaoficial

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: A mente atrai o que você pensa, logo, cada um é responsável por sua própria realidade. Portanto, acredite no seu potencial. Sim, você é capaz!

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: Com certeza, a vida é movida por desafios, eu procuro estar sempre em movimento.

Perguntas rápidas:

Um livro: Brida, do autor Paulo Coelho.

Um cantor ou uma cantora: Ana Clara Caetano Costa, duo, AnaVitória

Um filme: O fabuloso destino de Amélie Poulain

Um hobby: Música popular brasileira

Um dia especial: O dia 20 / 06 / 2020 quando eu finalmente, me aceitei como eu sou.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Pedro Vinicius Prazo dos Passos: Agradeço e parablenizo a revista Conexão Literatura, pela oportunidade. E deixo um adendo especial, a todos os leitores e leitoras, presentes aqui. Acredite em você, e nunca desista dos seus sonhos, pois eles nunca irão desistir de você. Obrigado.





REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

POR APENAS

R\$100

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



ESCRITOR

REGINALDO F. DE CERQUEIRA

Enfermeiro de formação e terapeuta, iniciou sua carreira de escritor a partir do pedido de um colega músico das rodas de viola nos pagodes do subúrbio do Rio de Janeiro.

O pedido foi o de escrever alguns poemas para musicar, esse pedido deu origem a quatorze poemas publicados em duas antologias poéticas, logo após esse experiência, começou a escrever contos fantásticos com sua primeira publicação na antologia "A volta dos deuses astronautas" aperfeiçoou sua técnica de escrita com seu primeiro romance, a aventura fantástica "Portal para o desespero" publicado na plataforma digital Amazon, outros trabalhos foram publicados, "Lugares Sombrios" e "A Escolha é o Segredo" e "O Sono do Lagarto".

ENTREVISTA

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Reginaldo F. de Cerqueira: Sou músico amador participante de grupos de pagode nos subúrbios do Rio de Janeiro, um amigo me pediu para produzir alguns poemas para ser musicado, escrever poemas foi o início de uma atividade quase que frenética de escrever, publiquei duas ontologias poéticas no total de 14 poemas e não parei mais.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Portal para o desespero". Poderia comentar?

Reginaldo F. de Cerqueira: Portal para o desespero foi meu primeiro romance, nascido de um sonho que tive na adolescência e que já tinha tentado escrever muitas vezes, mas foi a partir da experiência da escrita dos poemas que consegui trabalhar com a linguagem da prosa, trata-se de uma aventura fantástica ambientada na cidade do Rio de Janeiro.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Reginaldo F. de Cerqueira: Hoje percebo que tenho dois processos distintos para criar minhas histórias, o primeiro é a aparição fantasmagórica da história toda pronta na minha cabeça e o segundo é um tema que se fixa na minha consciência e me força a escrever sobre ele.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Reginaldo F. de Cerqueira: Sim, claro:

“Rodrigo e Clara oravam para os Orixás e para a Deusa pedindo proteção e na medida em que o ritual se aprofundava, o barracão foi tomado por uma neblina escura, gritos e lamentos encheram totalmente o ambiente, eu clamava cada vez mais alto a conjuração chamando pelo nome do demônio, a temperatura caía vertiginosamente, uma ventania soprava com força formando um redemoinho a nossa volta, a sensação de terror tomava conta de todos, cioba gania baixo encostado nas pernas de Sandro, lentamente uma forma começou a se materializar dentro do círculo, a figura era aterradora, um monstro gigantesco, com enormes mandíbulas sem lábios, com os dentes pontiagudos a mostra, os olhos eram negros, a pele brilhante como a de um réptil, braços musculosos e secos como galhos terminavam em duas garras curvas afiadas, o abdome globoso tinha uma abertura no meio como uma boca de onde pendia o que parecia ser uma língua se movimentando como uma serpente, as pernas também musculosas e parecidas como

tronco de um arvore seca se dobravam para traz na altura dos joelhos as pernas terminavam em garras afiadas que serviam de pés.

Estávamos todos aterrorizados, gritei com força, agoraaaa.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Reginaldo F. de Cerqueira: É possível entrando na minha página www.reginaldocerqueira.com.br acessar o link para compra do livro na plataforma digital Amazon e saber mais sobre meu trabalho.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Reginaldo F. de Cerqueira: A primeira dica é escrever, mesmo que o resultado não agrade, escreva, revise, escreva de novo, a segunda dica é entrar no mundo literário, conversar com outros escritores, entrar em grupos de escrita, a publicação vem no tempo oportuno.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Reginaldo F. de Cerqueira: Sim, estou trabalhando em dois projetos, o primeiro é a segunda parte do livro Portal para o Desespero e o segundo é um livro de contos chamado Janela dos Esquecidos.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Dança da Morte

Um ator ou atriz: Eva Green

Um filme: Senhor dos Aneis

Um hobby: Tocar violão

Um dia especial: Domingo a tarde

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Reginaldo F. de Cerqueira: Não sou um escritor, sou um contador de histórias e é assim que quero ser reconhecido.

A escolha é o segredo

<http://bit.ly/ascolhaeosegredo>

Portal para o desespero

<http://bit.ly/porta para o desespero>

O sono do lagarto

<https://bit.ly/sonodolagarto>



CONTOS FANTÁSTICOS

UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura

O Cabelo

CONTO

"O meu brincar variava: com a minha irmã, Teresa, Glória e Cota brincava de casinha. Fazíamos comidinha com fogo de verdade."

ADAYL FALCONI CHIODI

Conto

— Lúcia, vem pra dentro!

— Ah, Marcela, deixa eu brincar mais um pouco. É cedo!

— Vem, tem que tomar banho e depois vou fazer papelote no teu cabelo.

— De novo?

— Sim. Amanhã você vai sair comigo e o meu namorado!

Suspirei fundo. Que chatice largar o brinquedo. A mãe sempre me deixava brincar até mais tarde. Logo agora que eu estava ganhando no jogo de bolitas! Ia ganhar do Chiquinho aquela “nita” argentina, toda colorida. Que fazer? Era sábado. Quando ela me levava passear com seu namorado, me faxinava dos pés à cabeça. Era uma esfregação só!

— Parece moleque. Olha estas mãos! As unhas cheias de terra, e os pés? E esses joelhos? Onde se viu, menina jogar bolita? Acho que vou te botar de molho.

E a Marcela me esfregava tanto, que a vó Preta dizia que qualquer dia ela me botaria no “quarador”.

Eu não gostava nem um pouco destes preparativos. E, para completar, vinha o suplício chinês: os famigerados papelotes, que me repuxavam o cabelo e ainda tinha que dormir com aquilo. Sem falar que no domingo de manhã não podia brincar muito para não me sujar.

Durante a semana, a minha turminha ia à escola em turnos diferentes. Só nos encontrávamos todos, nos sábados, nos domingos e nos feriados. Ainda bem que o Chiquinho ia à aula de tarde, e eu também; pela manhã, fazíamos nossas traquinadas. Uma delas, era caçar aranhas. Só nós dois tínhamos coragem de caçar aquelas aranhas felpudas pretas e ruivas! Aproveitávamos que nossas mães estavam ocupadas com a casa e a comida. Elas não podiam saber. Se soubessem... era vara na certa!

Aos sábados e domingos, o time estava completo. Éramos eu, minha irmã Odila, a irmã do Chiquinho, a Teresa, que chamavam de “Fia,” o Chiquinho, a Glória, a Cota e seus irmãos e o mais novo dos meus irmãos. O mais velho, já se achava grande, e não brincava muito.

O meu brincar variava: com a minha irmã, Teresa, Glória e Cota brincava de casinha. Fazíamos comidinha com fogo de verdade. Com o meu irmão e o Chiquinho, jogávamos bolita e tampinha. E também, um jogo do prego que o Chiquinho e eu inventamos. O jogo era só a dois, cada um com um prego, ia fincando o prego no chão úmido e traçando a linha. Ganhava quem deixasse o outo sem saída. Com meu irmão, Chiquinho e os irmãos da Cota e da Glória, jogávamos futebol. Eu era goleira do time. Quando o adversário fazia muitos gols, queriam me tirar do jogo. Daí, eu chorava. Meu irmão acalmava os ânimos e, eu ficava.

Do jogo de caçador e pulo de corda quase todos participavam. Tinha ainda a temporada das cinco marias, do bilboquê, do ioiô...

Nas noites de lua, o brinquedo de mocinho e bandido. As guerras com trincheiras e tudo. As granadas eram torrões de terra.

Aos domingos, tínhamos o cinema. Nossos pais nos davam dinheiro para a sessão das duas, para a sessão das quatro e para um sorvete. Na primeira, das duas horas era o seriado, que não perdíamos de jeito nenhum. Se o filme da sessão da quatro não nos

agradava, a gente pegava o dinheiro para comprar sorvetes. Um no Café Internacional, outro no Bar Lúpulus e o terceiro no Bar do Seu Martin, que ficava no caminho de casa. Tinha sempre votação sobre de qual era o sorvete melhor. Adoçados e felizes, brincávamos até o anoitecer.

— Marcela, por que tu e o Manoel, de vez em quando, não levam a Odila, com vocês? Dizia eu, toda chorosa, por causa dos cabelos puxados pelos papelotes.

— Não dá. O cabelo dela é muito curto, muito ruim de arrumar. Depois, eu te dei tanta roupa bonita, sapato novo, meia de seda rendada...

Chega o fatídico domingo. Lá ia eu, com o cabelo cacheado, vestida à Shirley Temple, pronta para o sacrifício!

Enquanto caminhava ao lado da minha irmã, pensava, com tristeza, que, àquelas horas, a minha turma já assistira o seriado das duas e, devia estar saboreando os sorvetes!

Sentada no cinema, eu sabia o que estava perdendo. Bah, aqueles sorvetes com a casquinha com gosto de retalho de hóstia! E ainda por cima, filme de amor que eu não gostava. A nossa turma só assistia filme da sessão das quatro, se fosse do Mazzaropi, do Tarzan, de contos de fadas! Ainda lembro do Mágico de Oz e Alice no País das Maravilhas!

No pensar dos meus oito anos, tentava de todo jeito, entender, por que nós, que éramos crianças, íamos à escola, à igreja e ao cinema sozinhas, e eles, que já eram grandes, não iam.

Depois do cinema, ainda duas voltas na praça. E, o sapato novo, de verniz preto com um enfeite dourado na frente, era bonito, mas apertava terrivelmente o meu dedo mindinho.

Ainda bem que no final tinha sorvete, menos mal. Só que era no clube da elite da cidade e o sorvete era servido em taças. Já saía no prejuízo da casquinha!

Muito bom o sorvete, em matéria de sorvete eu já era “expert”, diferenciava muito bem um sorvete aguado de um sorvete cremoso! No fim, restou aquele molhinho doce, maravilhoso... Não tive dúvida, peguei a taça com as duas mãos e bebi aquele néctar e, decerto, com algum ruído.

O namorado da minha irmã, que era frequentador do Clube, da turma do bilhar, ao flagrar-me neste ato anti-social, me olhou com aquele olhar reprovativo, de pouco caso, até, e falou baixo para minha irmã, mas eu ouvi. “Tua irmã parece que nunca tomou sorvete!” Na hora, fiquei com vontade de dizer para ele, que tomava sorvete, sim. E não só um, mas três e com casquinha e tudo.

Na volta para casa, quieta, nem tinha mesmo, nada para falar, comecei a matutar como me livrar disso. Tinha que achar um jeito.

Segunda-feira à tarde, fui para a escola, nem gostava muito desta professora. A professoras do primeiro e do segundo ano eram muito queridas. Esta era querida só para algumas alunas!

Depois da aula, não fui direto para casa. Fui ao salão de beleza ao lado da praça e onde a minha irmã, aquela dos papelotes, cortava o cabelo. Sentei na cadeira.

— Dona Frida, quero cortar o cabelo.

— Por quê? Está tão bonito. Vamos dar só uma aparadinha!

— Não, Dona Frida, quer cortar curto.

- Assim está bom?
- Pode cortar mais curto.
- Você vai ficar que nem um piá!
- É bem assim que eu quero!



Adayl Falconi Chiodi, professora aposentada, nasceu a 25/12 /41 em Ijuí (RS). Concluiu o curso Magistério em 1959. Licenciou-se em Pedagogia em 1963. Fez Pós graduação em Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa na UNIJUI.

incentivo à leitura

A casa invisível

4231

CONTO

"Quando passo naquela rua, encontro-me com as recordações de um tempo muito longínquo, de quando a rua era coberta de terra vermelha e habitada somente por casas de madeira."

ANGELA DONDONI

Conto

Quando passo naquela rua, encontro-me com as recordações de um tempo muito longínquo, de quando a rua era coberta de terra vermelha e habitada somente por casas de madeira.

A nossa se destacava, por ser a única que recebera uma cobertura de tinta, era toda amarelo canário. Um enorme jardim circundava-a num abraços de flores.

O cheiro do jasmim, os beija-flores, a castanheira do quintal e a araucária eram minhas companhias nas brincadeiras solitárias...

Tudo são flashes tão nítidos quanto o asfalto cinzento que tudo apaga.

Agora, só sobrevivem a araucária do jardim e a lembrança da casa amarela perdida em doces e distantes memórias.



Angela Dondoni nasceu em Cascavel, no Paraná. É professora e mestre em Letras. Publicou dois livros: *Encontros com poesia* e *O mundo precisa de poesia*.

Também publica poemas, haicais e contos em *Coletâneas*, *Revistas*, *Stagran* e *Recanto das Letras*. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York.

incentivo à leitura



O guerreiro

CONTO

"Ele despertou, abriu a janela, o dia estava nascendo. Olhou para o alto. Agradeceu. No banheiro, a água limpava o corpo e a alma."

ANGELA DONDONI

Conto

Ele despertou, abriu a janela, o dia estava nascendo. Olhou para o alto. Agradeceu. No banheiro, a água limpava o corpo e a alma. Pegou sua esteira, meditou, pediu aos deuses proteção. Foi para a cozinha, preparou o alimento para o corpo físico. Ergueu a armadura pesada, colocou-a, o capacete, o escudo e a espada. O ritual estava completo. Não podia adiar, a luta era sua. O inimigo aguardava-lhe no campo de batalha. Montou seu cavalo, sabia que este inimigo era forte e persistente. "E se não voltasse?" Avistou o soldado, a alguns metros, agora não poderia voltar, precisava enfrentá-lo. Suor escorrendo, mãos frias, o coração disparado... Aproximou-se. Ficou tão próximo, que ouviu a respiração ofegante. Tinham a mesma altura. O guerreiro parou, olhou para a face e os olhos de seu inimigo e viu-se a si mesmo.



Angela Dondoni nasceu em Cascavel, no Paraná. É professora e mestre em Letras. Publicou dois livros: *Encontros com poesia* e *O mundo precisa de poesia*.

Também publica poemas, haicais e contos em *Coletâneas*, *Revistas*, *Stagran* e *Recanto das Letras*. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York.



Email: ademirpascale@gmail.com

DIVULGAMOS O SEU LIVRO

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

POR R\$100

MEIO DIGITAL

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz

DESTAQUE O SEU LIVRO

- 1** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacá-lo.
- 2** A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro

incentivo à leitura



Madame Cécile

CONTO

"Há anos a empresa de cosmético de Juliana era a mais rentável do ramo. Uma estratégia peculiar a fez despontar no mercado e sedimentar a sua liderança."

CIÇA RIBEIRO

Conto

Há anos a empresa de cosmético de Juliana era a mais rentável do ramo. Uma estratégia peculiar a fez despontar no mercado e sedimentar a sua liderança. Estratégia essa que havia sido aplicada com maestria por todas as gerações da família Case. A avó de Juliana, Madame Cécile Case, matriarca de pulso firme, decidira fundar uma pequena fábrica de cosméticos. Ela e seu marido eram oriundos da França e no passado fizeram parte de uma companhia teatral francesa. A mãe de Juliana, Lola, viveu seus primeiros anos de infância rodeada por atores e atrizes.

Os palcos das cidades mais remotas das regiões dos Alpes Franceses foram visitados pela pequena Lola. Seu lugar cativo era a primeira fileira dos teatros, bem à frente dos músicos. O lugar era escolhido por ser ideal para que Lola assistisse aos espetáculos com toda a atenção. Tinham-na como um talismã da sorte. Enquanto assistia a tudo e observava todos os detalhes dos figurinos e maquiagens dos personagens, Lola mal sabia que teria uma participação efetiva e mágica na vida de tantas pessoas pelo mundo afora. Fosse pela inventividade das roupas e adereços que os atores usavam, fosse pela atuação dos atores e atrizes, algo misterioso ocorria e sua atenção aos detalhes era redobrada à medida que atingia a idade adulta.

Certa vez, a perplexidade a tomou de assalto ao ver sua mãe entrar no palco com a face pintada, repleta de maquiagem parecendo qualquer ser humano menos a figura da mãe amorosa eternizada em seus sonhos. Lola aguçou seus sentidos. Ouvia a voz da mãe atentamente. Nem sequer piscava. A voz aveludada, macia e alusiva aos timbres mais adoráveis do canto dos pássaros em nada se assemelhava àquela que lhe perturbava os sentidos. O suor escorria pela sua jovem face e as mãos trêmulas não escondiam o pavor que adentrava sua alma. Em segundos Lola vislumbrou um ser que ao falar usava notas agudas, lancinantes, pujantes, as quais lhe causavam repulsa e horror. Evocavam o mal. Não era sua mãe, não era ninguém.

A partir desse dia, ela se apoderou dos produtos de maquiagem que à época eram disponíveis e lançou-se em um mundo mágico, onde tudo se transformava, inclusive as pessoas. Munindo-se das técnicas adequadas, qualquer um pareceria ser quem bem lhe aprouvesse e pelo tempo determinado que assim lhe interessasse.

Lola passava horas estudando maneiras de utilizar os produtos e ao final de um ano suas maquiagens eram motivo de orgulho da companhia teatral. Não demorou muito para que ela, já aos dezoito anos, fosse reconhecida como uma das melhores maquiadoras teatrais da época. Um revés nas finanças e a situação precária em que a companhia teatral se encontrava inviabilizou a continuação das apresentações. A companhia teatral desfez-se. Aos olhos de Lola, o declínio da companhia devia-se a ela. Lola, certa de que em nada se assemelhava a um talismã da sorte, passou a acreditar que a sua presença na primeira fila dos teatros e os devaneios aos quais eram submetidos seus pensamentos quando assistia às encenações é que protagonizaram o fim da companhia teatral.

Madame Cécile e seu marido decidiram mudar de país e tentar a sorte em outro lugar. No fim da década de 60, Lola mudou-se com seus pais para o Brasil. O amor pelo teatro que seus pais trouxeram na bagagem e a adoração que Lola desenvolvera pela arte de maquiar foram fatores determinantes para que Madame Cécile convencesse seu marido a montar uma fábrica de cosméticos. Acreditavam que sua filha teria a motivação necessária para continuar a exercer o ofício que tanto amava. A mudança de país não lhe causaria tanta dor.

A forma como Madame Cécile passou a anunciar os produtos que vendia revolucionou o mercado. Certo dia, convidou as funcionárias da fábrica a se maquiar utilizando em abundância os cosméticos que fabricavam. A inovação foi muito bem recebida e todas as mulheres da fábrica não só trabalhavam maquiadas como também em seus dias de folga assim transitavam pelas ruas e comércio da cidade. Não durou muito tempo para que fossem notadas e os rumores surgissem:

— Que coisa mais estranha! Madame Cécile perdeu a noção — diziam alguns, enquanto outros apreciavam enormemente a iniciativa. A cidade ficou famosa. Os mais variados tipos de semblantes percorriam a cidade e seus arredores. Rostos maquiados, por vezes com olhos angelicais, ora sensuais, e quando não, o mais diabólico dos olhares, prendiam a atenção não só das crianças que se encantavam, ou por vezes se assustavam com o que viam aguçando seu poder imaginativo, como também dos adultos, pelos mais variados motivos: deslumbramento, admiração, paixão, terror, medo. Pelos últimos, tais rostos afloravam-lhes sensações bizarras seguidas de maus fluidos e energias negativas.

Madame Cécile há anos adquirira o hábito de dormir maquiada. Diversos personagens ocupavam o seu rosto. Cada noite sua face adquiria feições diferentes. Ela passava um bom tempo antes de dormir preparando seu rosto. A transformação que ocorria não era apenas externa. A magia do momento lhe impregnava os sentidos. Ela resgatava os tempos em que encenava peças teatrais, tragédias gregas, entre outros espetáculos na companhia teatral em que atuava juntamente com o marido. Noites tórridas de amor pleno eram vivenciadas pelo casal. O que o avô de Juliana não previa é sentir o corpo gélido, inerte e sem vida de sua amada mulher, ao seu lado. Alguns dizem que sua morte prematura, seguida da morte trágica de seu marido, deveu-se ao fato de terem evocado os espíritos malignos de seus antepassados. Madame Cécile foi encontrada morta deitada em sua cama ao amanhecer. Seu marido, ao vê-la, soltou o mais estridente grito de horror.

Após não mais que um mês de delírios e mal súbito, ele sucumbiu à falta de seu grande amor. Alguns diziam que ela sempre fora uma bruxa e que viera buscá-lo após a sua morte.

Lola contava e recontava essa história para sua filha Juliana e, em uma dessas vezes, extenuada e seguindo os passos de sua mãe, ela morreu subitamente, sem causa plausível. Novamente, atribuíram a Madame Cécile esse fim prematuro da empresária de sucesso que Lola se tornara. Disseram que Madame Cécile viera ao encontro da filha para finalmente reagrupar sua família.

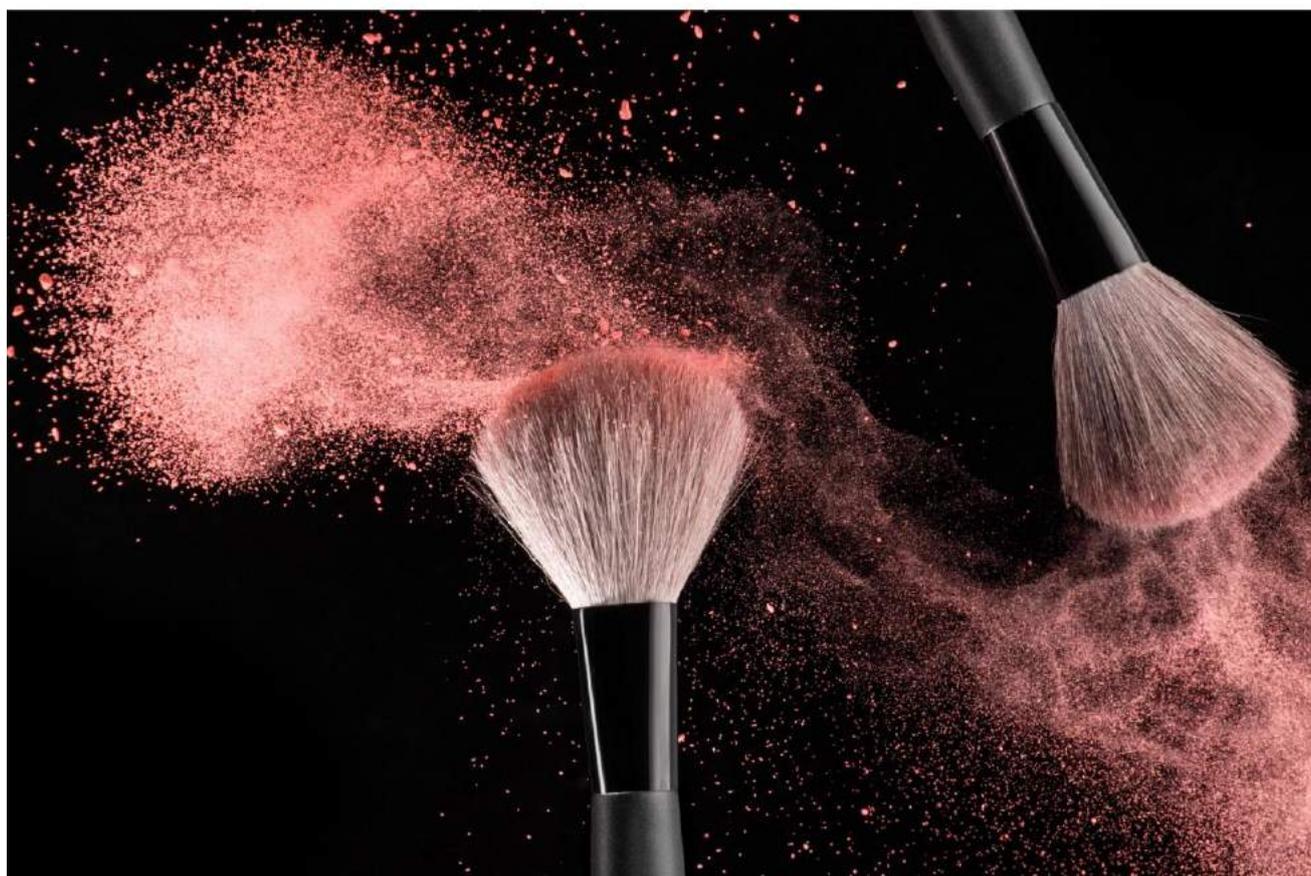
Restou a Juliana gerir a fábrica de cosméticos. Mal ela tomara posse da gestão dos negócios, uma ideia inusitada lhe ocorreu. Com o intuito de atingir lucros gigantescos, Juliana inovou e expandiu os ideais de sua avó. Juliana sugeriu que os homens que trabalhavam na fábrica poderiam se maquiar também. Esse não seria um privilégio concedido apenas às mulheres. Qualquer funcionário teria o direito de utilizar os produtos e as técnicas de maquiagem.

O número de funcionários maquiados triplicou.

Certa vez, em época de grande demanda, a fábrica a pleno funcionamento exigia dos funcionários a dupla jornada. O trabalho era intenso e, para agilizar a ida e vinda dos funcionários, um motorista foi contratado para transportá-los de volta às suas casas nas altas horas da madrugada. Ele era um jovem homem. Muito amável e solícito, fazia as viagens com entusiasmo. Até que o terror adentrou em sua vida.

As madrugadas de noite fria gelavam o ar. Os funcionários entravam na *van* extenuados pelo trabalho e logo pegavam no sono. Um a um desciam do automóvel e em passos sonolentos entravam em suas casas. Noite após noite, o motorista presenciava esse ritual. O silêncio era sepulcral. Nenhum som além do vento que passava pela fresta das janelas do veículo era ouvido. Em uma noite mais gélida do que as mais mortais delas, o motorista, exausto, ao chegar na garagem da fábrica, desligou os motores da *van* pronto para seguir seu caminho em direção aos braços de Morféu. Subitamente ele sentiu um tremor nas pernas e um intenso calafrio tomou-lhe o corpo. Ao olhar para o interior da *van*, ele viu que os funcionários permaneciam dormindo em seus assentos. Assim ele quis acreditar. Não se dera conta de que nenhum deles havia descido da *van*. Todos permaneciam sentados e dormindo, aos seus olhos. Mas os semblantes maquiados de seus rostos haviam adquirido outro aspecto. A maquiagem possuía traços pesados. A pele era roxa. O contorno dos seus rostos era fortemente delineado; marcavam com precisão a profundidade facial com partes mais escuras. A luz provinha do uso de iluminadores. Notava-se a escassez de seu uso. Os rostos não tinham luz alguma! As maçãs de seus rostos apresentavam coloração intensa tornando-as proeminentes e assustadoras. Já os olhos pareciam emitir o sinal das profundezas das trevas. Seus contornos estavam fortemente delineados com sombras avermelhadas. As sobrancelhas eram bem arqueadas atribuindo ar de empoderamento exacerbado. As bocas levavam a mesma cor de batom, rosa púrpura. Os arcos do cupido, formato dos lábios superiores, eram exageradamente desenhados e os lábios inferiores mostravam-se fartos. Todos os funcionários, sem exceção, esboçavam um sorriso sarcástico. Mas o pior estava por vir. A imagem de Madame Cécile usurpara seus rostos. Aterradora visão entorpeceu por completo o corpo do motorista. O grito estridente de horror que explodiu de seus pulmões foi idêntico ao grito que o marido de Madame Cécile soltara ao vê-la morta na cama. Gélido, ele juntou-se aos outros. Estavam todos mortos.

Muitos atribuíram essa noite macabra a Madame Cécile, que voltara em busca de seu último amor: seus personagens de tantas vidas.



CIÇA RIBEIRO, bacharel em Direito, é autora de livros infantojuvenis, contista, romancista, poeta, antologista. Membro de Academias Literárias. Autora de 18 obras infantojuvenis: três em formato físico, *As Pontes Mágicas de Clementina* e *Uma Experiência Diferente*, lançados de forma independente pelo selo EPN Editoria e Projetos, e *The Magical Bridges Of Clementine*, publicado pela Underline Publishing, e dezesseis obras em formato de e-books publicados na plataforma da Amazon.com.br. Coautora de diversas coletâneas e antologias poéticas. Coorganizadora da Coletânea **MEUS AMIGOS IMAGINÁRIOS** (2022) pela EHS Edições. TOP 5 no Prêmio Destaques Literários no FOCUS BRASIL 2021 na categoria infantojuvenil. Concorreu ao Prêmio Sesc de Literatura de 2021 na categoria Romance. Possui livro digital na plataforma Google Play, *Tika Books: Uma Experiência Diferente*, como também vários contos e poemas publicados na Revista *Conexões Literatura*. Possui os poemas, *Noites de Medo* e *Conversas Noturnas*, pelo Podcast *O Prazer de Ler* de Oscar Garcia.

Site: www.cicaribeiro.com.br

Instagram: [@cica_ribeiro_](https://www.instagram.com/cica_ribeiro_)

Facebook: [Ciça Ribeiro \(Ciça Ribeiro Autora\)](#)

incentivo à leitura



O sobrevivente do aborto

CONTO

"O herói da história, o Quixote brasileiro, o querido Jaindo, refletia a infância no Morro das Palmeiras, remetia aos pés descalços, à barriga repleta de lombrigas; à difícil situação dos moradores de baixa renda."

IDICAMPOS

Conto

O sobrevivente do aborto

O herói da história, o Quixote brasileiro, o querido Jaiundo, refletia a infância no Morro das Palmeiras, remetia aos pés descalços, à barriga repleta de lombrigas; à difícil situação dos moradores de baixa renda.

O pensamento de Jaiundo despencava da cabeça, no aberto do barraco, incomodado com o passado, atento ao presente, alerta com o futuro; corroborava os amores, os devaneios, a sequência de dissabores...

Filho único, de lavadeira com camelô, veio ao mundo por sorte, a genitora ingeriu até chá de buchinha (fez o possível para abortá-lo), pois as mazelas da pobreza dificultavam a educação da criança.

Criado às margens da vala da direita, de quem sobe a ladeira, o sobrevivente do aborto trabalha desde uns oito anos de idade: catava latas, vendia amendoim, limpava para-brisa de carro no sinal; sacudia a cabeleira para viver...

Penetrou nas considerações da meninice, na sina miserável do Morro das Palmeiras, em Belford Roxo, um pedacinho triste do Rio.

A cabeça chata, do nosso alpinista urbano, denunciava a genética da migração nordestina; fora modelada pela lata pesada de água, fardo inseparável das recordações do inconsciente coletivo da favela, da falta de água.

A barba cresceu, a juventude estampou no espelho, a puberdade trazia a revolução dos costumes — os devaneios infantis eram contidos pela falta de dinheiro — o imaginário juvenil expandia, surgiam as frustrações...

A realidade impunha a rebeldia, foi cooptado na facilidade do tráfico, recrutado como olheiro da boca de fumo, avisava a organização da incursão da polícia na área.

Mergulhado nos sonhos de garoto, quase pirou; sendo resgatado na escola, na pedagogia do professor de filosofia. Elemento revelador das possibilidades de abandonar a miséria material e intelectual.

Prestou vestibular, quatro anos decorreram, saiu da universidade, formado em advogado. Labutou na profissão, leu muito, porém as causas judiciais esbarravam na morosidade da justiça. Sentindo-se encurralado — mais perdido que cego em tiroteio — com o bolso vazio, sem perspectiva, enveredou na prostituição.

Deslumbrado com o lucro cedia aos caprichos sexuais das madames, logo em frente: vivia da generosidade delas. Acumulou dinheiro, alugou um imóvel, na Av. Mariano dos Passos, próximo à igreja de São Sebastião, padroeiro do Estado. Onde inaugurou um inferninho.

A casa de favores era propagandeada como ambiente familiar, afinal todo mundo tem família. Mantinha 22 quartos, uma recepção de dar saliva na boca, três ambientes, um verdadeiro palácio!

O nome fantasia do recinto insinuava romantismo: FAÇA AMOR E NADA DE GUERRA.

O primeiro piso acertava o negócio sexual, promovia uma dose de cachaça, tipo brinde. Acontecia uma entrevista, instante no qual o freguês, ou a freguesa, revelava as suas opções. Ademais, pense o quê quiser...

No segundo piso, o andar da cortesia, serviço três estrelas, cinquenta por cento de desconto: direito a uma hora de prazer, com massagem mediana, banho de chuveiro, acompanhado de roupa de cama fervida...

O terceiro piso ciceroneava a burguesia da Baixada Fluminense, regado a uísque, caviar, hidromassagem e orgasmo à vontade... As suítes, reservadas com antecedência, hospedavam os políticos, os traficantes, os militares, os empresários, etc. O espetáculo compunha a fina flor da sociedade carioca.

O ponto oferecia discrição — boca de siri — privacidade no quarto 21. Resguardado aos incubados, aos falsos moralistas, às damas da sociedade com taras estranhas; aliás, com sigilo garantido.

O empreendimento da libido sanava qualquer demanda, ainda empregava bastante, fortalecia o mercado de cultura — investia em arte — dentre os funcionários estavam os músicos, os atores; mas também os poetas, garantindo o clima de romance.

O dono agia com ética, evitava aproximação pessoal no local, mas o coração bate, porque ninguém é de ferro; a emoção subiu a cabeça... Numa dessas, apaixonou-se, perdeu a linha, na alcova da feiticeira da noite...

A atração fatal por Marineide — a deusa da zona — perturbou o juízo, misturou as estações, tumultuou os pensamentos do cara. Ficou complicado equacionar as contradições do amor, no expediente da empresa.

O ciúme detonou o íntimo do amante: suava frio ao vê-la jogada nos braços de outro, beijando diversas bocas, servindo aos caprichos do dinheiro... Desesperado, demitiu a gostosa, encerrou a aventura amorosa.

A culpa invadiu o interior de Jaindo, sofreu de solidão, desgostou do investimento; vendeu tudo. Mudou de ramo, abriu um Ferro Velho, na Rodovia presidente Dutra. Comprou ferro, amassou lata, queimou fio; indo descarregar na reciclagem.

Reciclou a alma, virou um cidadão de bem, cumpridor dos seus deveres, pagador de impostos, eleitor. Admitia, por sina, transformar o lixo em matéria prima de produção.

Inserido no contexto, politizado, vivenciava os problemas, passou a ter empatia com o sofrimento do próximo; então, reuniu os amigos, discutiram as dificuldades e resolveram fundar uma associação...

A atitude cresceu com a vitória de Jaiundo, eleito presidente da Associação dos Moradores do Morro das Palmeiras; uma vitória esmagadora, com a maioria dos votos.

Imbuído da confiança nele depositada, arregaçou as mangas da camisa, formalizou um mutirão, mobilizou a massa em torno das carências imediatas... Juntos, tamparam os buracos, adicionaram luz pública, viabilizaram o saneamento básico; concluíram, na prática, que a união faz a força, transforma a realidade!

A dor, no peito do sujeito, gritou por ocasião da morte de Marineide: precipitada no asfalto, encontrada estraçalhada, na Rodovia Presidente Dutra, no acostamento; em frente ao ferro velho de Jaiundo. Trazia, espremido na mão, sujo de sangue, um teste de paternidade, revelando a consequência do amor não correspondido...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

incentivo à leitura



*Na biblioteca,
um conto surreal**

CONTO

"O relato de Arthur Gordon Pym, o solteirão nobre, foi sobre a mulher mais linda da cidade, Lucíola, a mulher do Silva. Eram histórias sicilianas, histórias de amor e de vagões e vagabundos."

FERNANDO GIMENEZ

Conto

O relato de Arthur Gordon Pym, o solteirão nobre, foi sobre a mulher mais linda da cidade, Lucíola, a mulher do Silva. Eram histórias sicilianas, histórias de amor e de vagões e vagabundos.

O desejo pego pelo rabo, enquanto a noite não chega. Orgias em paraísos artificiais, amor de perdição entre a cidade e as serras, e sem plumas. Um escândalo na Boêmia.

O grande deflorador e a mulher de trinta anos. Em uma casa de pensão, armadilha mortal, com a luneta mágica e o colar de veludo. Que loucura! Uma temporada no inferno de espumas flutuantes.

Aurélia, a moreninha, Iracema, a mensageira das violetas, Carmen, a ciclista solitária, e Marília de Dirceu, a bela adormecida liam cartas portuguesas. Dançar tango em Porto Alegre com Esaú e Jacó queria a viuvinha. Viva e deixe morrer, senhora, a propriedade privada é um roubo. Dizia a megera domada. O marido complacente, o gaúcho, teve sonho de uma noite de verão. Acordou e se despediu: adeus, minha adorada.

Em cinco minutos, no cortiço, a ilustre casa de Ramires, de repente acidentes. Uivo do alienista. O gato no escuro. Romeu e Julieta unidos para sempre. Os crimes do amor. O monstro da gruta.

Antes e depois, os bandoleiros, no Cassino Royale, sem gentidades, pediram ajuda ao pirotécnico Zacarias, o sertanejo. Causaram os sofrimentos do jovem Werther, o vampiro de Sussex.

Após dias e noites de amor e guerra, uma noite na taverna e o duelo. O triste fim de Policarpo Quaresma no vale do terror. Enquanto isso, a mãe do Freud abria a correspondência de Fradique Mendes e Teresa filósofa fazia um estudo em vermelho.

Em o livro dos sonhos, notas de um velho safado. Don Juan, com sexo na cabeça: a flecha de ouro, a primeira coisa que botei na boca, a ninfomania, a mão e a luva.

Enfim, o primo Basílio, o mulato, implorou a Iaiá Garcia. Besame mucho!

Ou teriam sido apenas confissões de um comedor de ópio?

*Conto montado com os títulos de 85 livros

Fernando Gimenez é londrinense e reside em Curitiba desde 2003. É professor universitário e escritor. Mantém dois blogs onde registra seus escritos: umhaikaiaodiablogspot.com (poesias) e brevestextos.blogspot.com. (contos e crônicas).

incentivo à leitura

O cuidador

CONTO

"O filho olhou para Gentil, que sorriu sem vontade, e resolveu definir a situação. Indicou-lhe o quarto de dormir, depois explicou onde estavam as coisas da casa..."

IRACI JOSÉ MARIN

Conto

O filho olhou para Gentil, que sorriu sem vontade, e resolveu definir a situação. Indicou-lhe o quarto de dormir, depois explicou onde estavam as coisas da casa, a despensa, mostrou as dependências, foram até o galpão e a horta, informou o que ele gostava de comer, que não tomava remédios, respondeu a algumas perguntas do cuidador e foi embora.

Gentil percebeu que seu trabalho seria espinhoso. Mas aprendera a lidar com situações adversas e inusitadas, então decidiu que ia encarar a situação como nas outras vezes.

Foi até o quarto de Ambrósio Espinosa e bateu na porta. Ouviu um resmungo. Bateu outra vez. De dentro veio um resmungo mais forte, acompanhado de um palavrão.

Gentil esperou. Nisto, ouviu que ele se levantava da cama e caminhava para a porta. Abriu-a, encarou o cuidador, seus olhos cinzentos endureceram e ele se foi na direção da varanda.

Gentil o seguiu.

Sentou-se de frente para o pomar, onde pássaros bicavam caquis maduros. Era uma cena bonita e caprichosa. Gentil olhava com satisfação. Ambrósio Espinosa, no entanto, levantou-se e foi buscar algumas pedras no pátio de terra e de lá mesmo começou a arremessá-las contra os pássaros. A cada pedrada, gritava ‘malditos!’.

O cuidador trouxe-lhe água numa caneca esmaltada, mas ele recusou bruscamente. Depois reclamou da sua presença, perguntando o que ele estava fazendo ali. O cuidador respondeu que era seu trabalho e tal, mas o velho apontava a rua e dizia para ele ir embora, ir embora.

Pediu o chimarrão. O cuidador procurou erva, cuia e bomba. Ambrósio Espinosa recebeu o chimarrão, tomou um gole e cuspiu fora, reclamando que a água estava muito quente. Gentil acrescentou água fria na térmica. Recebeu a cuia e serviu-se. Ambrósio Espinosa bateu nas canelas do cuidador com a bengala e gritou que o chimarrão era só dele.

Gentil imaginara que Ambrósio Espinosa fosse apenas rabugento, após ouvir o filho falar do pai. Mas ali, na companhia dele, dava-se conta de que ele tinha também um caráter agressivo.

Mais tarde, Gentil perguntou-lhe o que gostaria de comer, ia fazer o almoço. Respondeu que comia de tudo, era só fazer comida bem feita e boa.

Gentil preparou sopa de **agnolini*. Na mesa, Ambrósio Espinosa ordenou que o servisse, depois pediu pão, pediu mais sopa, reclamou que não tinha *pien* na sopa e que sopa de *agnolini* tinha que ter **pien...* De repente, levantou-se, pegou o copo com água, e se retirou da mesa. Gentil observava-o. Retornou alguns instantes depois com vinho. Fez gesto para Gentil não se aproximar, sentou, e falou com voz rouca: “O **bordô* é só meu!”.

Enquanto Ambrósio Espinosa tirava a soneca da tarde, que às vezes se prolongava por mais de hora, Gentil sentou-se sob uma árvore, que circundava a casa, com seu livro e fugiu para o prazer da leitura. Lia *O Enfermeiro*, conto de Machado de

Assis. Havia várias coincidências entre a história que lia e a sua história. Mas não lia para aprender a lidar com Ambrósio Espinosa; lia por prazer mesmo.

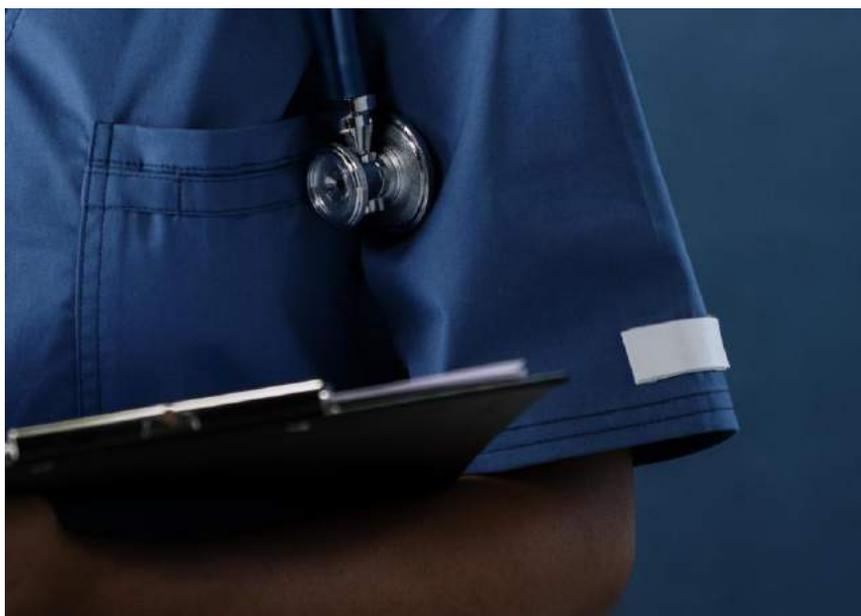
Ambrósio Espinosa levantou-se, chamou o cuidador e pediu o lanche da tarde. Depois, ficou algum tempo olhando a rua, por onde quase ninguém passava. Na hora do programa do noticioso policial e de tragédias, foi para a sala e ligou o aparelho de TV.

À noitinha, o cuidador chamou-o para o banho. Ambrósio Espinosa encarou-o com seus olhos cinzentos, agora meio adormecidos, e se recusou, batendo com a bengala no chão. Gentil conhecia a veemência deles, por experiência de trabalhos anteriores, então pacientou-se.

Ambrósio Espinosa continuava no sofá da sala. Em alta voz, perguntou quanto o cuidador ganhava para ficar com ele. Gentil respondeu e o velho, ouvindo o valor, bateu várias vezes com a bengala no assoalho e gritou “madona... tu é um ladrão!”

Quando Ambrósio Espinosa já estava dormindo, Gentil sentou no sofá da sala e retomou a leitura do conto. Ouviu um ronco distante de automóvel, mas não se preocupou. Depois de breve tempo, percebeu que a porta dos fundos da casa estava sendo aberta. Levantou-se e viu uma mulher à sua frente, sorridente. Era Metilde. Perguntou baixinho se estava tudo bem, ele respondeu que sim. Ela sorriu com maior satisfação, disse “muito bem, boa noite”, e foi embora.

O cuidador disse gentilmente “boa noite” e ficou olhando a filha de Ambrósio Espinosa, que fugia escondida na noite.



*Agnolini, pien – ingredientes da culinária italiana.

*Bordô – tipo de uva, da qual se faz vinho com o mesmo nome.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. Professor aposentado, advogado, publicou contos em diversas Revistas, além de obras de ficção. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil - Histórias de ontem. E-mail: advmarin@gmail.com

incentivo à leitura

A imigrante

CONTO

"Só escuta falar Ela, a *imigrante*. Este refúgio está localizado na Patagonia. Escreve e deixa as folhas a disposição de quem queira as ler."

MÓNICA PALACIOS

Conto

Só escuta falar Ela, *a imigrante*. Este refúgio está localizado na Patagonia. Escreve e deixa as folhas a disposição de quem queira as ler. Aqueles que não entendem espanhol conseguem compreender por que faz desenhos que sumam a sua história em um estilo magistral. Até rabisca um espanhol distante, mas, legível.

Conta, e parece que muito sentida, a história de um avô que escapou das trincheiras com um netinho de só 1 ano.

Explica que a escutou narrar insistentemente o seu temor de caminhar a noite porque sabem que tem bombas enterradas.

Mesmo assim, ela caminhava com a luz da vela que conseguiu resgatar de sua casa, antes de escapar à fronteira e esse menino dormia nos seus braços. Amor de avô faz que não sinta o peso só o desejo de o salvar.

Mesmo tendo caminhado longos dias chegou ao refúgio com aquele olhar de quem tem luz na alma e não descuida a esse menino nem um minuto.

Ela inventa brinquedos com pãozinho, pedras e até esfrega pétalas e folhas para dar cor e que possa diferenciar umas de outras.

Agora, o menino, ele anda com dificuldade, se não fosse que sabe a história poderia ser uma criança de vida favorecida e absolutamente feliz.

Hoje de manhã, ela vestiu uma burca vermelha, sim, não sei quem a providenciou e começou a construir pedra sobre pedra, uma ermita.

Estamos à espera de que imagem será escolhida para a cultuar. Cada escolha significa um novo enigma a ser decifrado.

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: *Cartas de Manú e Aventuras de Filipo* (Livrus) e *Medos? Nunca Mais!*, pela Soul Editora.



A infância...

CONTO

"Me pergunto, se é ou deveria ser uma etapa que represente os alicerces de um futuro adulto equilibrado, por que a rodear de tanta dor?"

MÔNICA PALACIOS

Conto

Me pergunto, se é ou deveria ser uma etapa que represente os alicerces de um futuro adulto equilibrado, por que a rodear de tanta dor? Tantas e tantas regras, disposições internacionais, nacionais e de enferrujadas cabeças.... Parecem esquecer que o amor molde-a, esculpe e lapida, mas que outros métodos repressivos e violentos.

Isto sempre argumenta a meu avô, porque parece que vamos a receber a uma menina migrante da Síria. A família está muito ansiosa, só fazendo planos em base a conjeturas e as horas nas horas parecem de 300 minutos. Esta querida avô Melchora, sempre foi a minha deusa, confidente e ponto de referência de amor, para o belo e o artisticamente valioso.

Agora, vamos ter a oportunidade de receber na nossa casa a uma das Organizadoras e até mentora das associações para acolher os imigrantes. É fundamental receber a sua orientação embora, insisto, os caminhos da solidariedade, amor, respeito são universais.

Fiquei perplexa, chegou a Oriana, com um belo sorriso, agradeceu nossa abertura e não parou de compartilhar fortíssimas e desgarradoras histórias de tantas outras crianças imigrantes que estão tentando acomodar em outros lares.

A conversa com ela foi muito importante e ficou combinado que ao dia seguinte voltaria com a menina. Sentimos que não era para fazer mais perguntas.

As horas se passaram e o a manhã tão esperada surgiu com um toque de sino... cachorros alvoroçados, os periquitos revoavam na gaiola assustados, e nos correndo ao portão.

Me desculpem, preciso umas horas de aspirar o melhor ar para continuar e reproduzir o vivido, só preparar a alma.

O silêncio mais barulhento que vivi até hoje. comovi-o até as lágrimas porque fiz uma regressão de quanto recebeu de amor e alegrias para, embora cercada de violência, poder guardar no seu coração um sentimento maternal de tanta proteção.

Ela tem só 4 anos, seu nome é Aisha, significa vida e a boneca que tanto cuida é Jamile que significa bonita. Suas abayas, pareciam surradas, até adaptadas a esses frágeis corpos

Depois de fingir que nada estava acontecendo, compartilhar uma mesa farta com as suas comidas típicas (Esfíhas, falafel, kibes, tabule e até o harrissa, bolo predileto das crianças) como faz tempo não vivia, e até músicas infantis de sua terra. Ela relaxou a sua testa e com um gesto de aqueles que as psicólogas chamam de *atos falidos* acariciava uma das flores que decoravam a mesa, acariciava a cabeça de Jasmine ... e falava lhe palavras que soavam como *aja Bibi, aiumi*, tudo baixo nosso aparente olhar distraído para não a intimidar.

Sugerimos caminhar um pouco, chegar na vera do rio e nos molhar o rosto, jogar gotículas uns aos outros e, de pronto, ela começou a girar, girar, girar.

Jamais senti o meu corpo e minha alma em tal estado de rigidez, surpresa e emoção.

Quando ela parou nos olhou e pronuncio “...سعادة, هناء, مصدر سعادة, لباقة, هجة” até o momento indecifrável para a gente, tentamos repetir os sons سعادة, هناء, مصدر سعادة, هجة, لباقة, ... , ela sorriu por primeira vez!

Imaginamos que o próximo passo poderia ser abraçarmos, fazer uma roda sabendo da força milenar dessas danças e chegando a ela muito devagar até conseguir sentir o seu coração latir aceleradamente. De ali ...ao primeiro beijo e um sorriso que jamais olvidarei, foi questão de minutos.

Aisha incluiu Jamile nos rituais e acalentou um momento especial na sua alma para gritar aquela felicidade e até conseguir escutar, de muito longe...

A m y n.



Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



O Chamado do Mar

CONTO

"A Terra Santa possui tantos lugares cativantes quanto sobrenaturais e estranhos. Um deles em particular, a antiga cidade de Jaffa..."

NEY ALENGAR

Conto

“Diz-se que Joppa existia antes do dilúvio; está situada em uma colina, e na frente dela está uma rocha na qual eles apontam as marcas feitas pelas correntes com as quais Andrômeda foi acorrentada; aqui há um culto da lendária deusa Ceto.”

Plínio o Velho, História Natural 5. 69

A Terra Santa possui tantos lugares cativantes quanto sobrenaturais e estranhos. Um deles em particular, a antiga cidade de Jaffa, é a origem de uma das histórias mais assustadoras dos mitos da velha Grécia.

Suas ruas estreitas e tortuosas, recendendo à café preto recém coado, escondem em suas reentrâncias as marcas insólitas e perversas de um culto mais antigo que a grande inundação!

Uma figura que não é vista em outras partes da antiga Grécia ou das terras filisteias.

Nas águas profundas em frente ao porto pode ser visto até hoje uma grande pedra sobre a qual fora erigido um pilar onde estavam presas correntes antigas e carcomidas pelo tempo e pelas marés, diziam as velhas histórias que fora ali que a princesa Andrômeda fora acorrentada para ser sacrificada à um deus do mar.

Que fora ali que o herói Perseu a salvou do apetite sanguinário do abissal monstro enviado pelo velho deus.

Estavam enganadas as velhas histórias!

Fora em outro lugar, bem mais sombrio e medonho.

A boca negra de uma caverna abria-se, insidiosa e faminta, como se talhada na própria rocha ao pé do penhasco acima do porto.

Fora ali, em realidade, que a princesa havia sido acorrentada, pois aquela à quem seria sacrificada era uma divindade bem mais antiga e perigosa do que o velho deus do mar.

Assim era na antiguidade!

Vieram os bizantinos e os islâmicos e por últimos os otomanos.

As guerras grassaram suas ruas.

Mas Jaffa sobreviveu, assim como resistira às águas do grande dilúvio e cresceu, tornou-se uma cidade pitoresca, cheia de galerias de arte, butiques, velhos edifícios, marcos maravilhosos e restaurantes. Os tempos modernos a alcançaram afinal!

Encheram-se suas ruas com turistas de toda ordem e espécie.

Mas pelas suas ruelas tortuosas e estreitas que percorriam os meandros do velho porto ainda se moviam as sombras daquele culto antediluviano!

Aquela noite sem lua estava prenhe de escuridão.

As ondas batiam agourentas nos molhos do cais.

Um grupo de vultos encapuzados movia-se sub-repticiamente pelas ruelas que levavam ao porto, carregando nos braços uma forma amarrada que se debatia em uma ânsia vã e sempre esperançosa de tentar escapar.

Sem um som eles moviam-se, como somente sombras ousavam fazer, os pés magros e sujos descalços sobre os ladrilhos frios e úmidos.

Um barulho ou um movimento os congelava, para depois de passado tornarem a mover-se ainda com mais cuidado.

Seus passos medonhos os levavam à boca negra daquela caverna milenar.

Havia pelas pedras do chão à frente dela marcas negras dos feitos hediondos que eram consumados ali.

Com cuidado desusado desataram os nós de sua vítima, segura por suas mãos férreas e ataram-lhe correntes velhíssimas que brotavam das paredes cheias de limo da caverna.

Tiraram-lhe o capuz, descobrindo-lhe os olhos muito azuis e assustados, e deixando soltos seus cabelos loiros, deixando somente a mordança apertada para que não gritasse ou chamasse atenção sobre aquele funesto negócio.

Sua pele nua arrepiou-se com o vento noturno que vinha do mar para saudar aquela oferenda ímpia.

Os vultos afastaram-se, encarapitando-se cada um em um lugar escolhido sobre os rochedos que se estendiam para dentro das águas enegrecidas como dedos de uma mão cadavérica.

Suas vozes roucas surgiram no ar salgado entoando um blasfemo chamado!

Reverberaram seus sussurros e suas palavras heréticas naquele ritual pagão!

Os sons cadenciados e fantasmiais de suas vozes dançaram sobre as ondas em um balé terrível e desceram engolidos pelas águas em uma comunhão maldita.

As correntes submarinas as levaram como se fossem ventos mefíticos, movidos por uma vontade que não vinha dos céus.

Até que enfim atingiram as profundezas absconsas do oceano.

Então aquele chamado pagão foi ouvido!

Muito além das bordas do mar, muito além das grandes fossas algo ouviu e respondeu àquele chamado.

Nas profundezas de escuridão pura algo despertou.

O fundo do oceano tremeu e se moveu. Devagar ela emergiu, levantou-se das profundezas com seu tamanho incomparável.

Seu vulto titânico levantou-se do leito do oceano!

Olhos velhos como o mundo se abriram, olhos amarelos moveram-se, as pupilas esverdeadas se dilataram-se na escuridão.

A cabeça colossal balançou vergastando as águas profundas com mechas de cabelos esverdeados e levantando nuvens de terra que toldaram as águas.

Sua silhueta destacou-se do fundo e veio nadando graciosa para a superfície.

Os habitantes das águas afastavam-se, amedrontados e subjugados por aquele poder antigo e titânico.

Baleias e tubarões vieram em cardumes, nadando à sua volta e prestando-lhe homenagem. As águas escuras na frente do porto entraram em ebulição em ondas gigantes quando a silhueta da deusa marinha elevou-se de sua superfície.

Seus cabelos esverdeados escorrendo as águas salgadas e seu rosto belo transcendendo qualquer beleza já vista por um mortal!

Seus olhos fulgiram em matizes esverdeados e todo seu corpo mudou em uma silhueta aterradora, metamorfoseando-se em um horrendo monstro das profundezas, que sorria

com a boca distendendo-se em várias carreiras de dentes serrilhados e cruéis como um ciclópico tubarão!

A moça presa nas correntes olhou para aquela visão fantástica e gritou!

Gritou até que a voz lhe fugiu! E com ela sua sanidade!

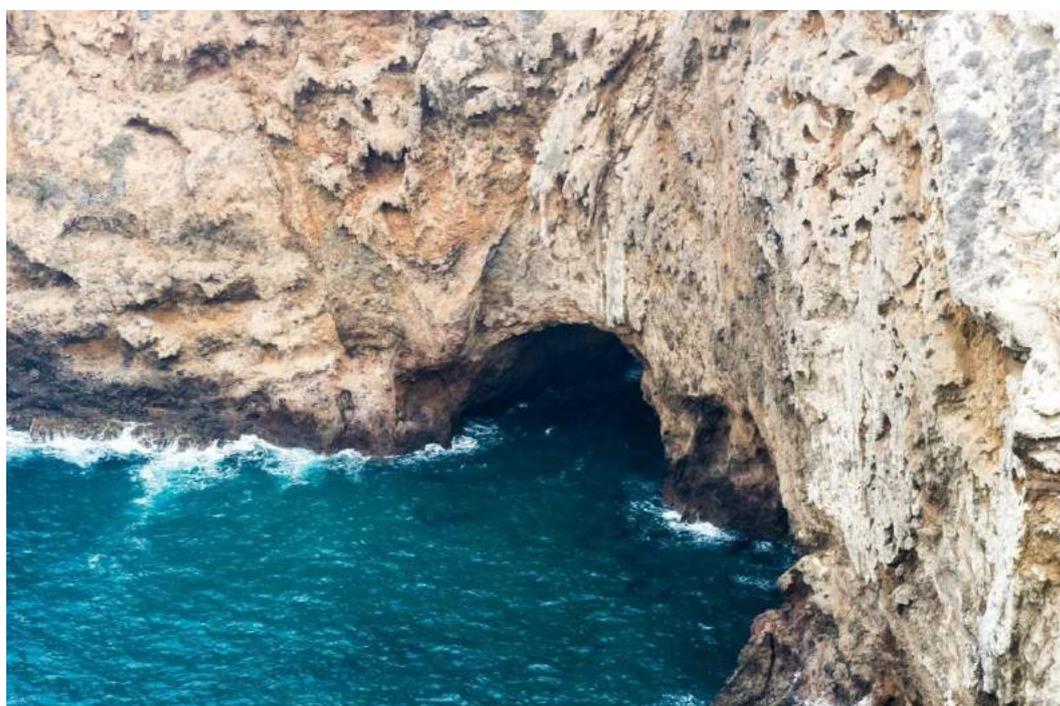
A deusa olhou para a oferenda, os olhos injetados pela fome milenar, e tomando-a em suas garras gotejantes arrancou-a de suas correntes com certo cuidado, não a devorou de imediato, esse prazer estava reservado para ser feito na escuridão das profundezas.

Depois voltando seu rosto para os adoradores que a fitavam aterrados e maravilhados concedeu-lhes sua bênção, fazendo brotar os cardumes das profundezas.

Voltou-se e mergulhou nas águas revoltas, retornando para sua morada.

Até hoje o mar ainda chama pelos homens de Jaffa com sua voz abissal!

Em suas profundezas abissais ela chama e espera para que sua fome seja novamente aplacada!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, No Refúgio dos Corvos, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos I e II, Sobrenatural e Revista Conexão Literatura Setembro/2021) e em 21 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era uma Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Chamado das Sombras, Labirintos, Horror Além da Compreensão, Caminhos Escuros, Maldição do Holandês Voador, Um Susto Danado).

incentivo à leitura



Peter Pan em Negro

CONTO

"A rocha negra e nua erguia-se como um dente solitário bem no meio da Laguna das Sereias. A laguna tinha este nome porque ali era o ponto de encontro de dezenas de sereias que vinham de todos os cantos do Mar do Nunca..."

NEY ALENCAR

Conto

“Peter ficou um longo tempo sentado na cabine, tendo a piteira de Gancho na boca e mantendo a mão fechada, como todos os dedos recolhidos menos um, o indicador, que ele curvava e exibia alto no ar, num gesto ameaçador, como se fosse um gancho.”

James Barrie, Peter Pan

A rocha negra e nua erguia-se como um dente solitário bem no meio da Laguna das Sereias.

A laguna tinha este nome porque ali era o ponto de encontro de dezenas de sereias que vinham de todos os cantos do Mar do Nunca para tomar sol e ficar horas penteando os longos e dourados cabelos e jogando os jogos de sereias que inventavam.

Por vezes os meninos perdidos vinham nadar na laguna e jogavam os jogos das sereias, estas, porém nunca conversavam com eles ou participavam de seus jogos.

Nesse crepúsculo, porém a laguna estava vazia exceto pela figura solitária de um menino sentado sobre a Rocha do Degredo.

Era um menino encantador, vestido com uma roupa de folhas verdes costuradas com teia de aranha e pintada de seiva de árvore.

Seus olhos eram castanhos, ou azuis, ou verdes, pois a luz se refletia de forma diferente cada vez que os tocava e seu olhar era desalmado e inocente ao mesmo tempo.

Esse era Peter Pan!

E estava sentado na Rocha do Degredo ao crepúsculo!

Por um momento uma aflição passou pelo seu rosto, mas foi logo substituída por um sorriso selvagem!

Viu pequenos tremores agitando a superfície da laguna e viu o costado verde escuro do crocodilo serpenteando pelas águas, sua sombra silenciosa nadando para o fundo da laguna.

E Peter se lembrou de Gancho!

O pirata havia morrido há muito tempo e desde aquele momento até este Peter o havia esquecido completamente.

Peter se lembrou da primeira vez que haviam lutado, no convés do Jolly Roger sob a luz da lua crescente.

O aço frio tinindo e tilintando na luta sangrenta entre os piratas e os meninos perdidos.

Sorriu selvagem quando se lembrou de como havia cortado a mão direita do pirata e de como ela caíra ao mar justamente na boca do crocodilo, que desde então jamais deixara de perseguir Gancho.

Nesse momento caiu a noite e suas sombras silenciosas cobriram a água da laguna e a esfriaram transformando-a em um lugar hostil e aterrador.

Não era uma noite comum, Peter sabia.

Era a noite da mudança da lua!

Logo escutou um som medonho saindo das águas ao redor.

Um grito lamurioso em uma voz maravilhosa e por ser assim era ainda mais aterrador.

E então outro o seguiu e mais um e o ar logo se encheu com aqueles gritos.

Peter os conhecia bem!

Eram as sereias lamentando a lua!
 E mais uma vez Peter se lembrou de Gancho!
 Lembrou-se de como o temível pirata havia tentado envenená-lo na mesma noite em que Wendy voltou para sua mãe.
 O veneno no remédio, que ato pérfido!
 Somente Gancho teria uma ideia daquelas e somente Peter, seu arqui-inimigo, poderia ser alvo daquela perfídia.
 Por um momento apenas Peter sentiu orgulho por ter sido o pior inimigo do pirata.
 Por um momento apenas!
 Lembrou-se da luta que travara ali mesmo naquela rocha preta e nua com Gancho, no dia em que salvara a vida de Lírio-Tigre, a filha do chefe da tribo dos peles-vermelhas.
 E riu porque lembrou-se de como Gancho fugiu nadando como um louco para seu navio perseguido pelo crocodilo.
 A noite fria trouxe uma mudança na maré e as águas começaram a subir sobre a rocha nua.
 E Peter se lembrou de Gancho pela terceira vez!
 Aquela sua última luta no convés do Jolly Roger, quando Gancho havia aprisionado todos os meninos perdidos e prendido Wendy no mastro.
 Ah, Peter se lembrava bem!
 De como afinal Gancho foi encurralado pelos meninos perdidos e o pirata e Peter lutaram, das fintas e dos golpes, das estocadas e investidas e de como cravara sua espada nas costas do inimigo e mesmo quando Gancho deixou cair sua espada com a visão do próprio sangue Peter a restituiu e a luta continuara.
 Até que com um chute Peter o derrubou do parapeito direto para a boca do crocodilo.
 Fora o fim de Gancho, Peter se lembrava muito bem!
 Mas que sentido fazia tudo aquilo?
 Ele, Peter, sem o Gancho, seu arqui-inimigo, quem ele era agora?
 Os meninos perdidos haviam crescido todos e outros já não havia, pois agora as babás já não passeavam mais com os carrinhos de bebê pelos parques.
 Sininho se fora há muito tempo, porque afinal as fadas não vivem muito.
 Wendy cresceu, e também Jane e pôr fim Margaret e a filha de Margaret também, todas cresciam!
 Mas ouvira que havia uma nova menina na família Darling e isso lhe deu esperança!
 Se levantou e grasnou como somente Peter Pan sabia fazer e de um pulo voou.
 E rumou para o continente em busca de sua nova mãe, porque mesmo sem Gancho ou Sininho ele ainda era Peter Pan e sempre seria, desde que as crianças fossem alegres e inocentes e desalmadas!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, No Refúgio dos Corvos, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos I e II, Sobrenatural e Revista Conexão Literatura Setembro/2021) e em 21 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era uma Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Chamado das Sombras, Labirintos, Horror Além da Compreensão, Caminhos Escuros, Maldição do Holandês Voador, Um Susto Danado).

incentivo à leitura

Instantes

CONTO

"E assim, aguardei a minha vez sem fazer anúncio de que estava ali, apenas me distrai observando um aquário grande de água doce, bem arrumado e limpo com poucos peixes."

MÍRIAM SANTIAGO

Conto

Sabe quando acontece algo inexplicável e você tenta de todas as maneiras arrumar uma resposta, um argumento para o que acabou de acontecer? Esses fatos, uma parcela de um mundo oculto, de episódios sem respostas, assim também acredito que muita gente tenha sua história sobrenatural...

Fim de tarde de 2001, aproveitei a saída um pouco mais cedo do serviço para ir buscar o documento do carro no despachante. Como de costume, ficou pronto em um dia, já que quase nunca tenho multas a pagar.

O despachante tem seu escritório em uma rua difícil de se achar lugar a estacionar, mas naquele dia encontrei fácil e bem na porta. Ao entrar, me deparei com um rapaz em cima de uma bicicleta amparado pelo braço apoiado no balcão. Meus olhos encontraram os dele; nos olhamos por questão de segundos. Eu insisti mais pela questão de estar dentro de um comércio montando numa bike, isso é que me chamou a atenção. E ele me olhou porque passei ao lado e tirei-lhe da zona de conforto.

Então fiquei à frente e no mais profundo silêncio, me apoiei também no balcão que fazia um L, isolando os clientes do proprietário, que ao computador, parecia atento ao serviço bem ao fundo da sala.

E assim, aguardei a minha vez sem fazer anúncio de que estava ali, apenas me distrai observando um aquário grande de água doce, bem arrumado e limpo com poucos peixes. Sempre gostei de aquários e até mesmo já tive um, logo que me mudei para Santos. O aquário embelezava e completava o design moderno tornando a sala um local atraente e calmo, quase um ponto de meditação. A água parada dá uma sensação de calma, de paz espiritual.

E foi absorta nessa pequena parte de um passado da página de minha história, que não notei quando o despachante Carlos, também conhecido como Rick, me chamou duas vezes, na terceira, ele se levantou.

— Oi, está aí quietinha... diz acenando para mim, me libertando de lembranças felizes de quando o mundo se entrelaçava em “paz e amor” — de quando as pessoas se conheciam em barzinhos, cinemas, teatros, bailes. De quando você tinha um problema pegava o telefone e marcava para sair com uma amiga a desabafar; ou ainda quando se podia subir a serra de trem, pegar um pico de caminho e seguir por uma trilha para acampar no “meio do nada”! Um passado sem essa violência que rouba quase todas as notícias de um telejornal. E, nestes dias, assistimos uma guerra “de camarote” — Te vi agora, entrou e não falou nada!

— Há sim, Carlos, vi que estava atento ao computador então pensei que estivesse verificando a documentação do rapaz, disse-lhe.

— Rapaz?

— Isso, do rapaz de bicicleta no balcão, falei-lhe.

— Não estou te entendendo, não tem nenhum rapaz aqui na loja, diz o homem com sorriso e olhar sarcásticos!

— Mas ele estava apoiado no balcão, então aguardei porque jurava que você o estava atendendo e esperei a minha vez.

— Nossa, já faz um tempinho que não entra ninguém na loja, só você. Por isso, não compreendo sua insistência sobre o que diz.

Olhei fixamente o rosto de Carlos e vi que dizia a verdade, realmente não havia entrado no período de uma hora nenhum rapaz, muito menos com uma bicicleta. Para não causar mais estranheza, peguei e peguei o documento do carro e me despedi.

Sai do local com uma grande interrogação em meus pensamentos, sem entender, como poderia? E ele também me viu.

No carro, até chegar a casa seguia no trânsito querendo saber. Não poderia ser um espírito, estava fora de cogitação, foi então que minha mente tentou outras ideias para o que ocorrera. Uma ruptura entre duas dimensões distintas em fração de segundos nos colocou em um mesmo local: eu, num despachante e ele, em qualquer lugar, lembrando-se da bicicleta, deveria estar na rua ou em uma garagem.

E o que deve ter acontecido para que nos encontrássemos? Ele era jovem, bem mais do que eu, vestia uma camiseta e shorts, em cima de uma bicicleta comum, sem nenhum detalhe especial.

A mente nos ajuda muitas vezes a desvendar os maiores mistérios, mas este não via uma solução plausível e a cena foi desaparecendo, assim como fotos antigas em álbuns vão perdendo a cor, brilho e nitidez.

Semanas se passaram, meses, anos. Os ponteiros do relógio do tempo, girando sem parar nos conduziu a 2024. A vida acompanha o tempo e após 23 anos, Carlos ainda lutava para manter a loja, no mesmo local. Assim como eu, o velho amigo que ao longo desse tempo todo tanta documentação fez para mim de carros vendidos e comprados, tantos licenciamentos e pesquisas de multas. A loja foi se modernizando e no lugar reservado ao móvel e aquário que um dia me trouxe boas recordações agora abriga um espaço para jogos, com telão e acessórios de games, movimentado pelo filho caçula de Carlos. A sala também estava diferente, só o antigo balcão em L relutava aos anos.

E mais uma vez deixei por conta do Rick a documentação do automóvel. Já estava pronto há dois dias, o profissional do seguro já me sinalizara que estava tudo certo na concessionária, assim fui de Uber à loja, tendo que na sequência ir buscar o carro novo.

Ao entrar, me deparei com um homem apoiado ao balcão olhando para o interior da loja, sem se preocupar com a agitação do game. Ao passar ao lado dele, nossos olhares se cruzaram e eu o encarei; ele, também fixou em mim seus olhos castanhos, movendo a sobancelha como se me conhecesse. Foi aí que caiu minha ficha, e ao escutar Rick chamar meu nome me virei para cumprimenta-lo e em questão de segundos, o homem já não estava mais dividindo o mesmo espaço que eu; desaparecera.

Corri até a porta e a rua estava deserta naquele momento. Ele deveria ter seus quarenta e tantos anos, não iria correr ou andar depressa, não tinha sentido esse pensamento.

Estava na situação de anos atrás e sem respostas. Só uma coisa era certa, nos vimos porque estávamos no mesmo instante no mesmo local, atrás do balcão. Agora um homem, ele aguardava alguma coisa ou alguém em outro mundo, essa era a certeza que minha mente me clareou como resposta. E por alguma razão, ou fração de instantes, as nossas dimensões se emparelharam novamente, e nos reencontramos.

Nesta oportunidade não perguntei ao Carlos se ele estava atendendo alguém, e ele também não perguntou nada, já que só eu estava ali.

Saia da loja para novamente pegar o Uber quando Carlos me diz que eu havia esquecido algo.

— Claudia, acho que você deixou cair da carteira estava aqui no balcão, diz balançando um papel.

Era uma foto. Numa casa simples, com um lindo jardim estavam sentados numa espécie de varanda, um rapaz, uma moça e duas meninas. Ao lado esquerdo da fotografia e ao fundo, pude perceber a bicicleta encostada na parede da casa.

Antes de sua partida, o jovem agora homem de meia-idade deixou a foto para apresentar a sua família. Nunca saberei seu nome e nem o porque de nossos encontros.

Guardei a foto em minha carteira com muito carinho, para quem sabe daqui a mais alguns anos a mesma cena possa se repetir, e mais uma vez, estarei lá para acompanhar o ciclo de nossas vidas.



Miriam Santiago: jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com

incentivo à leitura

A Longa Noite de Michelle

CONTO

"Seu nome era Michelle Mower, apelidada de "MM" por sua filha. Sentia-se exultante. Agitava uma folha de papel na mão direita, enquanto a esquerda socava o ar."

ROBERTO SCHIMA

*Muitas vidas em uma vida.
Uma vida em muitas vidas.
(Lutécia, a bruxa)*

1 - MM

Seu nome era Michelle Mower, apelidada de "MM" por sua filha. Sentia-se exultante. Agitava uma folha de papel na mão direita, enquanto a esquerda socava o ar.

— Fui nomeada diretora do Museu!

Mário, o marido, sorriu ante a alegria quase infantil da esposa. Na verdade, prestava mais atenção na maneira como os seios dela subiam e desciam sob o *tailleur*. Depois de anos casados, continuavam grandes, firmes e tenros feito frutos maduros. Suspirou, forçando-se a se concentrar no que ela dizia. Falou:

— É tão bom assim?

Por ele, imaginava a mulher cercada de velharias em um edifício poeirento.

Michelle encarou o cônjuge como quem se dirigia a uma criança com parafusos a menos.

— Se é bom? É maravilhoso! A princípio, terá trabalho saindo pelo ladrão, mas depois será mamão com mel. Paz! Livre de alunos encenqueiros. Há coisa de um mês, a prefeitura terminou a reforma de um casarão abandonado.

— O casarão dos Mendes?

— Conhece?

— Li em algum lugar... Além de moradia, parece que já foi um hospital ou presídio, não é?

— Ambos. Acabaram de descarregar todas as peças do outro prédio para lá. Será o novo Museu da cidade. O nó cego do prefeito está doido para vê-lo inaugurado.

Melissa, a filha de dez anos, acabara de apanhar a perua para a escola. Por isso, os pais conseguiam conversar em paz, sem as frequentes e vivazes interrupções da menina.

A conversa estava boa, porém, aproveitando-se do breve momento de intimidade, Mário puxou Michelle e a fez se sentar em seu colo. O sorriso dela podia ser infantil, todavia, o sentimento que despertava nele estava longe de ser inocente. Acariciou-lhe as coxas torneadas. Beijou-lhe a boca carnuda, o rosto e o pescoço. Mãos atrevidas buscaram por frestas no conjuntinho *tailleur*.

— Para com isso! — protestou Michelle, sem ênfase. — Vai amarrotar minha roupa.

— E daí?

A mão direita desabotoou o casaco e alcançou o seio esquerdo.

Quase imediatamente, à revelia de Michelle, o mamilo — já sensível diante de sua movimentação — reagiu. Os dedos de Mário brincaram com ele. A contragosto, Michelle desvencilhou-se e pôs-se a alisar suas roupas e prender os botões.

— Tenho uma reunião no gabinete do Muriçoca. E você já está atrasado para o serviço!

Mário não soube esconder sua frustração: ela era evidente sob suas calças. Levantou-se.

— Como vou sair desse jeito?

— Pense na cara do prefeito que passa... Assim espero!

O marido sabia que, à noite, chegaria exausto do trabalho e, ainda que estivesse "aceso", Melissa já estaria em casa. Era uma menina superantenada, atenta a menor troca de olhares diferente dos pais ou a ruídos estranhos vindos do quarto. Interrompera inúmeras preliminares sob qualquer pretexto.

Como se tivesse telepatia, Michelle, igualmente excitada, falou em tom conciliador:

— Podemos levar Melissa na minha mãe sexta-feira a noite. Pegamos ela no domingo.

Melissa adorava a avó, seus quitutes e mimadices.

Mário sorriu.

— Ideia maravilhosa, MM!

A mulher acariciou o volume que se formara na virilha.

O homem apalpou as nádegas generosas da esposa. Agora, era Mário quem exibia uma felicidade típica de garotinho que iria ganhar um doce.

2 - MURIÇOCA

Como recém-nomeada diretora do Museu Municipal de Cascata do Norte, Michelle Mower, conforme dissera ao marido, sabia que teria dias árduos pela frente. Ainda que o serviço pesado ficasse por conta de funcionários da manutenção, teria de catalogar as peças, decidir onde e como ficariam dispostas, realizar pesquisas que contribuíssem para aprofundar a história de cada mobília e utensílios de fins do século XIX e início do XX, quadros, bustos de personalidades locais, livros, diários, trajes de época, ferramentas, louças, cédulas antigas, documentos e fotografias, muitas fotografias. Havia também objetos que faziam parte da própria história do imóvel, incluindo instrumentos de uso medicinal e do tempo em que fora um cárcere. Milhares de itens. Ao lado disso, iniciara estudos de Museologia. Milhares de horas de trabalho, incluindo horas extras que deveriam ser pagas pelo município, mas...

— Quero tudo pronto em uma semana — dissera o prefeito Muriçoca.

Era um homem atarracado e troncado feito uma personagem de desenho animado que tivesse sido pisoteada. Calvo no topo da cabeça e grisalho nas laterais. Quando estava calado, seus lábios permaneciam ocultos por um bigode espesso a esconder a cicatriz do lábio leporino. Adorava charutos cubanos, desrespeitando sem cerimônias os avisos de "É proibido fumar".

Michelle levaria no mínimo um mês para deixar o Museu minimamente apresentável. Protestou:

— Uma semana?! Mas, senhor pref..

— "Vossa Excelência", por favor... Brincadeirinha! — Rira a caricatura de morsa. — Seu nome foi muito bem recomendado. Sei que dará conta. A data coincidirá com o dia da fundação da cidade. Será uma bela comemoração. Conto com você, Michelle. A menos que prefira voltar para a escola...

— Não! De modo algum, Sr. Prefeito.

— Ótimo. Estamos nos entendendo bem — falara, admirando as formas, olhos pequenos e gulosos.

Michelle saía do gabinete mal conseguindo disfarçar seu asco. O que o verme tarado queria era aproveitar a situação para tirar vantagem política, já que as eleições não tardavam e ele ambicionava exercer um novo mandato. O que dilapidara dos cofres públicos até então não fora o suficiente. Pensou amargurada:

"É um grande paradoxo. Em qualquer serviço que se preze, é necessário um mínimo de capacidade e idoneidade moral. Contudo, para exercer o cargo mais elevado e de maior responsabilidade qualquer desqualificado ou patife serve. Chamam de democracia, eu digo que é burrice."

Ela, como todo mundo na cidade, sabia que o prefeito Muriçoca não possuía sequer o primeiro grau completo, realizara serviços simples — quando se dispusera a trabalhar — e tivera passagens na polícia por roubo. Até virar vendedor de rua e descobrir que tinha lábia com a freguesia. Daí para a política, fora um pulo. Agora, gostassem os opositores ou não, era o líder do executivo local. Chamar alguém como aquele nojento de excelência era uma afronta.

Antes de se tornar a diretora do Museu, Michelle trabalhara durante anos como professora. Seus ideais sobre o magistério se desiludiram na mesma medida em que o nível de educação dos alunos declinava, na constante falta de recursos materiais e perante um sistema fundamentado em boas notas, cujo objetivo fazia lembrar o filme *Tempos Modernos*¹: os alunos não passavam de componentes despachados numa linha de montagem. Quanto aos docentes, eram meros operários da fábrica que valorizava a quantidade, não a qualidade.

Como diretora do Museu, ver-se-ia livre dos tormentos éticos e estudantis, da reclamação dos pais, de infundáveis exames por corrigir. Poderia dedicar-se ao patrimônio histórico da cidade onde nascera e amava, estudar o passado do município, aprender com cada peça que lhe viesse às mãos.

— Políticos que se danem. Preciso pôr mãos à obra.

Gostasse ou não, teria que escolher bem as palavras ao falar com o marido.

A ida de Melissa à avó teria de ser adiada.

3 - O MUSEU

Era tarde da noite.

¹ *Modern Times*, Charlie Chaplin, 1936.

As ruas estavam desertas.

Vira-latas faziam rondas solitárias.

A maior parte da população deitara-se cedo.

No antigo casarão dos Mendes, estava frio e silencioso, exceto pela ventania a uivar seus medos nas altas janelas de veneziana e o farfalhar irrequieto das árvores ao redor do velho edifício em promessas de chuva. De vez em quando, galhos mais longos arranhavam algumas das vidraças do andar superior feito ecos de criaturas do subconsciente desejando entrar.

O Museu Municipal de Cascata do Norte estava quase às escuras, exceto por algumas luzes. As paredes grossas de tijolos de barro maciço realçavam a atmosfera pesada e estagnada. As trevas sobressaíam-se especialmente nos cantos e no teto. Havia o odor de madeira mofada misturado ao de pintura recente. A maioria do acervo ainda teria de ser limpa e inventariada, encontrando-se encaixotada ou sob lençóis empoeirados.

Michelle encontrava-se num dos antigos quartos agora convertido em escritório. Além de quarto, o aposento também podia ter sido um consultório de hospital, ou, a julgar pelas grades de ferro fundido na janela, uma das celas da penitenciária. Quantas pessoas não teriam caminhado por lá? Quantos dramas não terá presenciado? Se as paredes pudessem falar, será que ela gostaria de ouvir? Bem que Michelle desejava voltar para casa antes da chegada da tempestade. Mas era impedida pelo senso de dever. Dava tudo de si no esforço de catalogar as peças. O prazo urgia. Consultou o relógio: 22h40min.

— Merda!

Não tinha costume de falar palavrão, mas esse veio em boa hora. Sentiu-se mais aliviada. Ah, se Melissa tivesse escutado! Faria um escarcéu tão grande a ponto de toda vizinhança ficar sabendo.

Continuou a registrar os dados sobre as antiguidades. A cabeça doía e os olhos ardiavam. Naquele momento, não sentia ânimo algum em relação à memória da cidade. Uma amnésia seria bem-vinda.

— Uma cama hospitalar, série LEM211108... Um velho par de algemas GWCS... Um pilão de madeira... P-i-l-ã-o. Nada: sem data, sem procedência, sem informação alguma. Quem iria se interessar por um estúpido pilão, os cupins?

Sob outras circunstâncias, teria se detido no artefato, perguntando-se sobre quem o talhara de um pedaço de tronco, como teria sido a vida dessa pessoa, o mundo que a rodeava, as pessoas que do pilão se utilizaram para moer os grãos na labuta diária num tempo que ficara para trás. Agora, porém, fatigada, sentia o latejamento nas têmporas, o dolorido nas costas, a fome e o cansaço.

— Porcaria de pilão!

Prosseguiu no passatempo que vinha cultivando nos últimos dias: xingar o prefeito dos nomes mais feios que conseguia imaginar. Mal se deu conta do quão prolixa e erudita se tornara em obscenidades. Que diriam seus ex-alunos? Por piores que fossem, talvez até ficassem enrubescidos. Certamente, parte do vernáculo herdara dos tempos de faculdade, enquanto exercitava o lado rebelde, bebericava com as colegas nos barzinhos e transava nos bancos traseiros dos carros dos namorados sem desejar qualquer compromisso. Era uma outra Michelle, bem mais peralta, desconhecida por Mário. Um de seus casos,

particularmente mais velho e experiente, ensinara-lhe diversas coisas na arte do prazer. Praticaram diferentes posições, baseadas em um famoso livro indiano. Dentro de um veículo fechado, por si só, constituíam-se incríveis números de malabarismo. Sem mencionar o uso de acessórios eróticos. Aquele povo sabia das coisas. A lembrança dos momentos mais intensos, contudo, trouxe-lhe um calor na virilha bastante inconveniente, acompanhado do enrijecer dos mamilos. Mordiscou o lábio inferior e remexeu-se na cadeira estofada, sentindo-se umedecer. Se o marido estivesse ali, mandaria o serviço às favas. Iriam a um aposento próximo, arrancariam as roupas e, na cama de dossel de quase um século, fariam um amor ruidoso sobre o colchão de penas de ganso.

— Voariam penas para todos os lados. Até os fantasmas se assustariam...

Sorriu ante o pensamento.

De repente, foi tomada pelo calafrio.

As sombras aparentaram ficar mais escuras.

Seus dedos congelaram sobre o teclado do computador.

Alguma coisa chamou a sua atenção, sem saber ao certo o quê.

A princípio, libido apaziguada, supôs ser o lamuriar do vento ou as extremidades dos ramos nas vidraças. Foi quando se deu conta de que o barulho vinha de *dentro* do casarão. Ficou alarmada. Seu primeiro pensamento foi: ladrões. Porém, o que ladrões quereriam no Museu? Bugigangas do tempo do zagaia? Não havia peças de ouro ou prata. Nada de precioso para meliantes, não obstante o valor histórico. Vários artigos possuíam importância sentimental para o povo de Cascata do Norte. Certamente, uma máquina tipográfica de um dos primeiros jornais do município era valiosa, assim como um relógio carrilhão de pedestal que pertencera a uma proeminente cidadã local, ou o primeiro livro de visitantes da biblioteca. Mas que gatuno se interessaria por essas coisas?

Seu lado feminino cuidou de ir em outra direção: ela própria poderia despertar interesse... Não tanto por seus pertences pessoais — embora tivesse algum dinheiro, o celular e uma pulseira de ouro —, mas por si própria. Era uma mulher bonita, de exuberante cabeleira negra, seios generosos e quadris largos. Embora fosse mãe e tivesse passado dos trinta anos, seu corpo atraía a atenção de homens dez anos mais jovens. Relembrou o olhar do prefeito Muriçoca: voluptuoso, despindo-a de seu *tailleur* com os olhos, apalmando-a em pensamento. A boca de Michelle Mower se torceu de repulsa.

"Porco desgraçado!"

Movida pelo pavor, apanhou o socador do pilão, apagou a luz do escritório e refugiou-se entre sombras e penumbras. Imaginou-se caída, nua e ensanguentada no chão do museu. Os jornais viviam tão infestados de manchetes sobre maníacos sexuais quanto ignoravam o sofrimento das vítimas e familiares. Pensou na família. Mário. Melissa. Sua mãe. Não era de violência, mas usaria o socador feito uma borduna na cabeça do infeliz até o cérebro esguichar. Não iria se entregar de modo algum ao covarde sem reagir.

Tornou a apurar os ouvidos.

Eram sons confusos como murmúrios abafados.

Cresceu a sensação de temor e o corpo dela tremeu de alto a baixo.

Cogitou de apanhar seu celular e ligar para a polícia, todavia, alguma coisa a deteve.

Não era mulher religiosa, contudo, rezou baixinho a medida em que dirigia ao topo da escadaria.

Amaldiçoou as trevas que a cercavam. No dia anterior, ouvira uma das funcionárias comentar com outra sobre histórias estranhas envolvendo o casarão. Suicídios de presos. Assassinatos de pacientes. Depravação dos primeiros moradores no tempo da escravidão. Pederastia. Sodomia. Rituais. Torturas. Execuções. Não prestara maior atenção devido à correria, mas a palavra "assombração" fora citada diversas vezes, destacando-se das demais. Toda construção centenária era cercada por histórias sobrenaturais, não era? Rostos nas janelas. Mortos que se levantavam. Vozes.

Assaltante.

Perverso.

Fantasmas.

Não eram boas opções em nenhuma prova que se prezasse e, certamente, se estudante voltasse a ser, a ex-professora escolheria a alternativa "d": NDA.

Os ruídos prosseguiram.

"O que pode ser?"

Temor e dúvida a consumiam. Reunindo toda a coragem que tinha e a que jamais julgara possuir, começou a descer a escadaria de cedro. Havia sido restaurada, lixada, envernizada e lustrada até brilhar feito espelho. Cheirava a aguarrás. Acrescentou em sua oração o pedido para que não escorregasse dos degraus. A medida em que se aproximava do salão principal, o barulho tornava-se mais audível. Chegava até ela como sussurros, todavia, embora não conseguisse distinguir as palavras, tornava-se claro que os interlocutores não falavam baixinho. Não havia a menor preocupação quanto a serem ouvidos. Estranhou. Seriam vândalos? O som vinha abafado porque algo se interpunha entre ele e a diretora. Uma parede? Um recinto fechado?

Michelle Mower alcançou o pavimento inferior. Virou a esquerda e, sobressaltada, sufocou um grito de horror. Uma farpa de gelo empalou-a de alto a baixo.

"Putá que pariu!"

Era um vulto esbranquiçado de braços estendidos e sem cabeça. O tecido a envolver a coisa movia-se na cadência de uma réstia de vento.

Diante da figura espectral, levou um segundo para Michelle se recompor e compreender do que se tratava. Xingou a coisa uma dezena de vezes e a bendita alma que a deixara ali. Era um dos manequins a trajar um vestido de época. A cabeça jazia sobre um móvel e lançava um olhar arregalado e sem vida, cabelos ruivos presos num coque alto por um pente de osso.

— Putá que pariu! — repetiu num sussurro.

"E a mulher amedrontada, ao se dar conta de tratar-se somente de um velho manequim num vestido empoeirado, ri de si própria feito louca. Para abafar a raiva contra o infeliz que deixara a coisa naquele lugar, grita: 'Que susto medonho!' Então, escuta uma voz cavernosa vinda da cabeça da coisa: 'Eu que o diga!'"

De fato, Michelle sorri meio insana diante da situação e sua fértil imaginação.

"Céus! Eu devia vestir uma camisa de força."

Seu cérebro gritou para que fugisse dali. Entretanto, replicando as improváveis cenas de filmes de suspense nas quais a mocinha caminhava a sós por becos imundos, sombrios e desertos, continuou a procurar a fonte do falatório. Sua mente gritava:

"Louca! Louca! Louca!"

O socador do pilão pesava nas mãos e os saltos de seus sapatos faziam um denunciador *toc-toc-toc* a medida em que andava pelo piso de tábuas. Retirou os sapatos. Sentiu-se melhor diante do contato das plantas dos pés no piso frio. Pensou no marido telefonando-lhe justamente agora, alertando os invasores. Definitivamente, sua imaginação não ajudava e funcionava na contramão.

"Merda, eu devia ser escritora de histórias de horror!"

Então, outro pensamento aflorou:

"Se são ladrões, por que não há sinal de arrombamento? Por que não ouvi estalos de madeira ou vidros sendo quebrados?"

Eliminada a opção de assaltante e — esperava — pervertido, restava a terceira que, decerto, não era a mais tranquilizadora:

— Fantasma! — sussurrou.

Coincidência ou não, o falatório silenciou.

O sangue de Michelle congelou nas veias, olhos arregalados feito um par de ovos cozidos.

Gradualmente, o burburinho reiniciou.

"Teriam me escutado?"

Nas paredes, em ornamentadas molduras, retratos de antigas personalidades do município fitavam-na de uma outra era. Figuras carrancudas e pouco fotogênicas. Clérigos. Políticos. Juizes. Delegados. Fazendeiros. Damas da sociedade cascatense. E ilustres desconhecidos. A sós ou em grupos.

"Gente morta."

Repreendeu-se de novo pelo pensamento nada conveniente. De repente, percebeu estar bem em cima da origem dos ruídos. Fitou seus pés descalços.

Não obstante a penumbra, pelo tato, ela sabia que pisava num tapete. Era uma tapeçaria enorme com uma paisagem retratando Cascata do Norte no início do século passado, quando carroças de boi trafegavam e casas de taipa eram a regra.

Franziu a testa.

"O porão?"

Chegara a vistoriar o porão. Tudo que havia lá embaixo eram restos de materiais de construção, vigas de madeira, teias de aranha, alguns objetos enferrujados sem valor, muita sujeira e morcegos, muitos morcegos e o fedor de suas fezes.

Cautelosa, afastou o tapete. Ficou chocada.

"Um alçapão!"

4 - A REUNIÃO

Alçapão?

Como era possível?

Michelle passara por aquele ponto do salão dezenas de vezes, talvez centenas, antes de colocarem o tapete. Nunca vira aquilo e tampouco os funcionários ou aqueles que trabalharam na reforma. Agora, lá estava o contorno quadrado da tampa e a argola de ferro.

O que estaria acontecendo?

A cabeça começou a doer em pulsações de dor. Sua consciência insistia em berrar para fugir do Museu. Todavia, outra força acima de sua vontade empurrava-a para frente. Embora duvidasse de que teria força para erguer a tampa, surpreendeu-se ante a sua leveza. Temeu ser atacada pelos morcegos. Assim que a ergueu, sentiu uma lufada de ar vinda de baixo. Nada dos bichos.

Era morno.

Cheirava a mato.

E terra após a chuva.

Contudo, a noite estava fria lá fora e tomada pelo vendaval.

Seus pensamentos confusos foram ofuscados pelo vozerio. Ainda não reconhecia o que estavam falando. Apavorada e curiosa, esquecida da prudência e utilizando o celular como lanterna, desceu a escada de madeira sob seus pés. A luz do aparelho, apesar de possante, só conseguia iluminar em torno de dois metros adiante. Era como se a escuridão se alimentasse dela. Michelle se surpreendeu com o número de degraus. Já devia ter alcançado o fundo após a primeira dezena, mas, de dez, tornaram-se vinte, trinta, quarenta e, por fim, cinquenta. Refletiu sobre a subida que teria de fazer, porém, afugentou imediatamente tal preocupação.

"É impossível!", gritou sua mente.

Alcançou o que seria um túnel.

"Não havia túnel algum!"

Seus pés tatearam.

Oh, esponjoso!

Pântano?

Naquele ponto, seu cérebro parou de fazer perguntas cujas respostas fugiam completamente da razão. Apesar da hesitação, seguiu adiante. Desejou não ter largado os sapatos lá em cima. O solo úmido e o que parecia ser mato entremeando seus dedos davam-lhe arrepios. Michelle andou feito sonâmbula. Não era mais dona de seu corpo e de sua vontade. Não se sentiu *Alice no País das Maravilhas*². Não havia coelho e tampouco era maravilhoso.

Uma névoa rasteira surgiu no caminho, acinzentada feito nuvens de tempestade. Tornou-se mais densa e volumosa à medida em seus pés chapinhavam e o volume das vozes crescia. Chegou num ponto em que, a custo, interrompeu suas passadas e perguntou-se o que faria, caso a bateria do celular terminasse. Olhou para trás e tudo o que viu foi uma penumbra leitosa sendo devorada pelo véu de escuridão; à sua frente, a situação não era melhor. Sua impressão era a de estar na garganta de algum monstro gigantesco. Voltou a pensar na filha e no marido e isso só fez piorar o torvelinho no qual suas emoções se encontravam. Esforçou-se para não desmoronar diante das lágrimas. As pernas seguiram em frente e, após alguns minutos, alcançou finalmente a saída. Arregalou os olhos, boquiaberta.

— O que é isso?

Diante de si, deparou-se com uma floresta sinistra, diferente de tudo que vira em sua cidade ou em qualquer outro lugar. Os troncos das árvores possuíam um diâmetro de

² "As Aventuras de Alice no País das Maravilhas" (*Alice in Wonderland*), Lewis Carroll, 1865.

dezenas de metros e eram tão altas quanto sequóias, porém, erguiam-se de maneira tortuosa como se travassem uma luta consigo próprias a fim de ocar o céu. A textura era escamosa; e os galhos, robustos e cobertos por folhas espinhosas. A bruma entremeava as árvores, dando-lhes um aspecto mais tenebroso. O solo pantanoso intimidava, mas, felizmente — ainda que de feliz, nada tivesse —, uma trilha de pedras indicava o caminho. Fazia uma temperatura agradável, provavelmente a única coisa boa naquele lugar. Seus pés guiaram-na pelo caminho rochoso. Tentou enxergar o céu, mas foi impedida pelas copas das árvores. Deveria ser noite, como o era no Museu, mas, nesse caso, não deveria enxergar coisa alguma, o que não era o caso. Riu de si própria. Não havia lógica alguma desde que começara a escutar barulhos. Por que esperar algo racional agora? Nada de ruídos de pássaros ou insetos, nenhum animal, porém, sentiu-se vigiada todo o trajeto.

As pedras terminaram em uma clareira.

Ansiosa, tornou a mirar para o alto. Se era o céu, encontrava-se completamente tomado por nuvens opressoras. Desviou a vista para frente.

No centro da clareira, brilhava uma fogueira. A madeira e as brasas crepitavam. Fagulhas subiam em rastros sinuosos, empurradas pelas chamas, talvez desejosas de se tornarem estrelas, mas fracassando alguns metros acima numa frustração de Ícaro.

Afastou as mechas de cabelos pretos dos olhos, espantada e incrédula daquilo que chamava a sua atenção. E não se tratava do fogo.

— Mas o que...

Engoliu em seco.

Ao redor da fogueira, viam-se sete criaturas saídas do imaginário sombrio da humanidade: um vampiro, uma bruxa, um lobisomem, uma múmia, um fantasma, um corpo-seco e uma linda sereia. A bruxa fatiava algo com um cutelo. Conversavam de modo desordenado uns com os outros.

Michelle se deu conta da razão de não entender o que diziam: era um linguajar sem significado para ela, diferente de tudo o que já ouvira. Um idioma comum àquelas criaturas do umbral. Além delas, pressentiu várias outras movendo-se lentamente no interior da floresta, em meio à bruma. Não passavam de formas escuras desfilando no nevoeiro como se dele fizesse parte: caminhando, rastejando, voando, esgueirando-se por troncos e galhos, condensando-se e dissipando-se num arrepiante bailado.

Então, o ar morno foi substituído pela friagem. Ao menos era o que a diretora do Museu supôs a princípio, até concluir que o calor de seu corpo estava sendo sugado por aquelas coisas, aquele lugar. Algo análogo ao que ocorria quando se encostava num metal no inverno. Só que não havia contato físico, exceto pelas plantas dos pés. Sua essência estava sendo absorvida. Abraçou-se a fim de conter o calafrio e, em vão, o temor crescente em seu espírito.

De repente, a bruxa parou de fatiar e falar. Fitou Michelle diretamente nos olhos.

— Temos companhia — disse.

Michelle recuou ante a súbita compreensão daquelas palavras. Julgava-se bem oculta na escuridão, porém, para o seu terror, viu todas as criaturas daquela roda voltarem

seus olhos para ela. Alguns olhos brilhavam feito brasas. Fê-la recordar-se de um conto que lera certa vez, intitulado *A Escuridão Tem Olhos de Fogo*³.

Foi quando a mulher deu-se conta de que havia um caldeirão no meio do fogo e algo no interior dele borbulhava sob o vapor. Era um líquido espesso, esverdeado, contendo pedaços sólidos em convulsão.

— Aproxime-se, criança — continuou a bruxa, acrescentando o que quer que tivesse cortado à sopa no caldeirão. — Não mordemos... não muito.

A roda se alargou para dar espaço a Michelle Mower.

Os pés descalços se puseram adiante, contra a vontade dela. A medida em que chegava mais e mais perto e começava a sentir o calor emanado das chamas bem como o odor do conteúdo do caldeirão, reparou: cada criatura possuía várias sombras projetadas no chão e cada qual se mexia se forma independente como se dançassem em volta do fogo. Intrigada, olhou para trás e para baixo, descobrindo que, de si própria, três sombras se estendiam pelo solo, agindo de forma semelhante.

A bruxa sorriu. Aparentava pouco mais de trinta anos, contudo, trajava vestes pesadas onde predominavam o cinza e o preto. Fazia-a se parecer mais velha e de um passado remoto.

— Isso, venha. Sente-se conosco... MM.

Como sabia o seu apelido? Espantada, foi o que Michelle fez, menos por sua vontade do que por aquilo que a dominava. O cintilar do cutelo a fez engolir em seco, assim como as presas do lobisomem e do vampiro, a visão descarnada da múmia e do corpo-seco, o aspecto diáfano do fantasma e a beleza hipnótica da sereia. A sopa sobre a fogueira a perturbava; só de imaginar o conteúdo, embrulhava o estômago. Talvez ela própria fosse o próximo ingrediente.

Como se pudesse invadir os pensamentos de Michelle, o vampiro, cujos olhos eram como duas esferas negras de vidro, sorriu divertido. Possuía um porte aristocrático e, não fosse por sua natureza singular, seria um homem atraente. A criatura da noite falou:

— Agora, saberemos de suas histórias.

Tornou a sorrir e, entre os lábios carmesins, destacaram-se os caninos afiados.

Instintivamente, a diretora do Museu levou uma das mãos ao pescoço.

5 - HISTÓRIAS

— Histórias? — conseguiu dizer, após se sentar entre a bruxa e o lobisomem.

A fera lupina rosnou. Apesar do aspecto horripilante, seus olhos carregavam uma tristeza infinita.

— Todos nós temos uma história a contar, ou melhor, dezenas, centenas, milhares delas! Meu nome é Christopher. Há séculos, tive uma esposa, Audrey. Ambos éramos licantropos. Acredite ou não, vivíamos em paz num vilarejo, protegendo-o e sendo protegido por seus habitantes. Até um deles nos culpar pela morte do seu filho. Não fomos nós. Enlouquecido pela dor da perda, em minha ausência, chacinou minha mulher

³ <https://www.redewtv.com/2020/07/antologia-lua-negra-capitulo-02.html>

e nosso filho ainda em seu ventre. Ah, querida Audrey! A partir de então, a paz se encerrou para todos. A paz terminou para mim. Esta é uma de minhas diversas vidas, a mais dolorosa.

— Também tive um amor perdido no tempo — sussurrou o vampiro, concentrado na fogueira. — Chamava-se Nadia. Nascidos em uma era de castelos, guerreiros, intrigas, traições e o retinir das espadas, nós crescemos, vivemos e nos amamos. Era um mundo violento e sanguinário. A fim de deter meus inimigos, fui transformado no que ora sou. Enquanto arauto do inferno, assim o fiz e enviei inúmeras hostes para o limbo. Entretanto, minha preciosa Nadia — sempre temente a Deus — apavorou-se diante do monstro que me tornara. Ela se foi para um refúgio que jamais encontrei. Deixou um vazio para trás e dentro de mim. Por fim, estivesse onde estivesse, o tempo a consumiu. Enquanto imortal, permaneci entre castelos e planícies, testemunhando as mudanças no mundo. A Valáquia que conheci não mais existe, exceto em minhas memórias.

As demais criaturas anuíram, compadecidas.

Como se seguissem um ritual, cada qual dos restantes começou a se manifestar. O seguinte foi o fantasma. Longe de aparentar ser um lençol com dois buracos para os olhos e correntes nos pés, dava a impressão de ser somente um garotinho translúcido de boné e botinhas.

— Meu nome é Hélio... Como o deus-Sol — acrescentou num orgulho infantil. — Nasci e morri no início do século XX. Pouco mais de um século depois, conheci uma menina que veio a se tornar uma amiga muito especial. Chamava-se Selene. Quando a conheci, ela tinha cinco anos. Era a minha idade ao falecer. Como eu, ela era solitária. Dessa forma, tornamo-nos amigos. A saúde dela era fraca e ajudei como pude a melhorar. Salvei a vida dela e, de certo modo, ela salvou a minha.

— Salvou sua "vida"? Mas você é um fantasma! — retrucou Michelle sem se conter. — Desculpa...

— Não tem do que se desculpar. Eu amava Selene, mas havia um abismo de tempo entre nós. Quando se tornou adolescente, ela partiu. Não pude acompanhá-la. Estava preso à casa a qual compartilhávamos. Mas, então, já adulta, Selene retornou e conseguiu me libertar. Ela ainda vive. E eu ainda a amo. Embora não saiba, continuo a vigiá-la e protegê-la. Juntos, compomos um eclipse: o Sol e a Lua.

Michelle fez um muxoxo, quase esquecida de sua fantástica situação. Quase.

— É uma história bonita e, ao mesmo tempo, triste.

O espectro de criança balançou a cabeça negativamente.

— Não penso assim, Mi. Sem pretender entristecê-los, Christopher e Nandru, ao contrário de vocês, não vivi um amor de gente grande, suas aflições, tristezas e expectativas, porém, foi lindo a sua maneira. Ademais, tenho a perspectiva de reencontrar Selene um dia. Ao menos, é o que espero, se o nono membro do grupo assim o permitir...

"Nono?"

Havia sete seres extraordinários ao redor da fogueira. Ela poderia ser considerada o oitavo membro. Quem seria o outro? Antes que pudesse mais uma vez abrir a boca, a linda sereia pediu a vez para narrar sua história. Agitou os braços, impaciente. Os seios fartos tremeram por trás das mechas de cabelo e sob a luz das chamas numa explosão de sensualidade. Embora as entidades masculinas fingissem não perceber, ela própria movia-

se numa provocação instintiva. As escamas de sua cauda possuíam um brilho metálico e cintilavam num milhar de pequeninas estrelas.

— Ao contrário das sereias na Odisseia, sou de água doce. Qual a diferença? Ora, nós sereias de água doce somos mais bonitas! Meu mundo é mais limitado. Meu nome não importa. Vivía na foz de um rio com o mar. Ao contrário de vocês, não tenho um romance para contar... Não quero contar! Claro, certa feita, eu também amei. Apaixonei-me por um homem da superfície por mais improvável ou impossível que fosse. Nutri fantasias. Imaginei-me mulher humana. Talvez eu pudesse viver sobre a superfície e conhecer suas cidades, ruas e casas. Talvez ele pudesse respirar sob às águas e eu o levaria para conhecer o paraíso subaquático dos peixes. Mas, de repente, ele me abandonou. Jamais respondeu ao meu canto ou confortou meu pranto. A indiferença é mais cruel do que mil punhaladas. Jurei nunca mais amar alguém. Passei a odiar os homens, suas traições e mentiras. Daí em diante, minha existência foi devotada a atrai-los para o rio utilizando-me de meus encantos, hipnotizá-los com minha beleza e, a seguir, afogá-los nas águas frias para que jamais pudessem me magoar novamente.

O corpo-seco opinou numa voz ressequida:

— Ora, não deixa de ser uma história de amor, ainda que sem o final feliz. De traição eu entendo. De sua raiva eu compartilho. Mas talvez um desses afogados tivesse o amor genuíno para lhe dar.

— Quem poderia me dar uma certeza? Lutécia talvez, numa leitura de cartas, de mãos ou pela bola de cristal. Mas ela vivia numa cidade longe de onde eu estava e distante de qualquer trecho de rio. De ônibus é que eu não iria! Em se tratando dos homens, pelo sim, pelo não, para mim é tudo canastrão! — retrucou ela numa voz molhada e rima proposital. — Não me julguem mal, rapazes. E quanto a você, Das Dores, qual sua história mais marcante? Um romance ardente?

O corpo-seco balançou os ossos, desalentado. Incrível imaginar que, um dia, fora uma bela mulher. Contudo, sua beleza de rosto e de corpo não fora acompanhada por um caráter compatível. Por força de uma maldição, não passava de restos de carne apodrecida sobre ossos sem tutano, cobertos de farrapo do que um dia fora um vestido. Felizmente, a passagem do tempo cuidara de privá-la dos odores da decomposição.

— Não tenho muito para contar. Nem sei se quero. Pra quê tudo isso? Pra que lembrar? Estamos a meio passo do vazio. Se é pra terminarmos, que chegue logo o fim!

A múmia, coberta por suas bandagens apodrecidas, resquícios de mel e resina fez seus ossos empoeirados estalarem. Resmungou através do corredor das eras:

— Deixa disso, Das Dores. Fale de uma vez. Dê voz a última oportunidade. Somos parecidos, só que tenho cinco mil anos a mais do que você. Ouça a voz da experiência: se é para acabarmos de vez, que ajustemos as contas com nosso passado. Tenhamos um mínimo da dignidade que não tivemos em vida. Fale, mulher!

O corpo-seco se agitou.

— Arre! Não mencione dignidade porque nunca tive isso. Você não é um corpo-seco, Tarik. O Céu e o Inferno não se negaram a recebê-lo. Mas se é pra calar sua boca sem dentes, eu conto. Deixe-me ver... Oh, raios parta, malditas sejam as lembranças! Sempre tive um gênio ruim, não me perguntem o porquê. Ele só piorou quando meu companheiro — que o desgraçado esteja em tortura eterna — me passou pra trás por

causa de um rabo de saia com metade da minha idade. Nisso concordo com nossa tilápia: os homens não prestam. Pensam com a parte de baixo. A partir daí, tratei nosso filho pior do que burro de carga ou cachorro de rua. A criança tremia de medo só de ouvir meus passos pela casa. Sorvi seu pavor como um alimento durante anos. Só que a lei do retorno se fez valer: envelheci e meu filho se tornou adulto, um homem tão cruel quanto eu. Lidou comigo de um jeito tão ruim quanto eu tinha sido uma peste pra ele. Mas eu não era de baixar a cabeça não! Teria envenenado o capeta se ele não tivesse me matado primeiro. Do purgatório, não fui a lugar nenhum. A terra não quis receber meus restos; o céu, muito menos acolheu minha alma. O diabo dos infernos achou que se divertiria mais não me recebendo. Virei isso que estão vendo: um corpo-seco para assombrar os vivos. E fiz muito por merecer essa porra de castigo! Tão satisfeitos?

O fantasma Hélio havia se encolhido diante do rancor e ira da mulher.

A múmia confirmou com a cabeça e o movimento fez um som de ossos raspando um contra o outro.

— Muito bem. É a minha vez. Eu sou Tarik. Quanto a mim, conforme mencionei, vivi há cinco mil anos. Foi numa terra longínqua além do oceano. O mundo era tão diferente! Mais simples, mais direto, mais franco. Cleópatra e Júlio César estavam mais próximos de vocês na linha do tempo do que de mim. Não fui um faraó, mas um servo leal, um escriba. O responsável pela preservação da memória sem a qual nossa história jamais seria conhecida. Minha maior ambição, assim como a de qualquer egípcio, era ser mumificado conforme os ritos e dispor de um papiro do "Livro dos Mortos" para me guiar na Eternidade. Meu coração seria pesado contra a pluma da deusa Maat perante o julgamento de Osíris. Porém, fui traído. Pelo visto, "traição" é uma palavra comum entre nós. Um homem invejoso corrompeu os ritos e condenou a minha alma a permanecer aprisionado em meu corpo inerte, trancafiado por milhares de anos em meu sarcófago. Quero crer que, em breve, estarei na presença dos deuses para que seja feita a justiça. Que a alma do traidor encontre o merecido castigo!

A bruxa exibiu um largo sorriso, todavia, não havia felicidade em seus olhos, outrossim, melancolia.

— Vejo que é chegada a minha vez... Vou contar minha última história, pois há um ponto de coincidência com a nossa convidada, além do fato de termos cabelos pretos.

Michelle Mower franziu a testa.

— Eu?

— Quem mais, meu bem? Como você, fui professora. Ensinava História. Falava dos sumérios, dos assírios, dos babilônios, do povo de Tarik, dos gregos e tudo o mais. Haviam me entregue as piores classes de uma escola que não abrigava santo algum. Meu nome é Lutécia. Desde criança, minha vida foi incomum. Não me tornei uma bruxa: nasci assim. Tentei levar uma vida normal, porém, a normalidade não era para mim. A semente do mal já se encontrava semeada em minha alma. Desde pequena tinha gostos peculiares como o apreço à solidão e torturar animais. Lecionar para aqueles garotos endiabrados somente avivou-me o desejo por devolver-lhes em dor os insultos e provocações que me dirigiam. E esse dia chegou. Foi num final de tarde tempestuoso, durante um blecaute, quando apanhei meu cutelo de estimação... Este aqui. Ah, foi magnífico! A escuridão. Os relâmpagos. Os trovões. Os gritos. O cheiro de sangue. O piso escorregadio...

— Desperdício de alimento — falou Nandru.

Lutécia concordou. Sua voz era pausada e pastosa.

— Pena que não estivesse lá, meu amigo sugador de sangue.

A bruxa, então, retornou sua atenção a Michelle.

— Suponho que não deseja saber os detalhes sórdidos do massacre...

Michelle estremeceu, fitando a bruxa, o cutelo, o caldeirão e retornando para a outra.

— Nã-não precisa — gaguejou. — Estou satisfeita.

Lutécia, tão pálida quanto o vampiro, riu.

— Ah, ah, ah! Ela está satisfeita. Nada de orelhas decepadas e gargantas cortadas. Pois bem, querida, é a sua vez de narrar as suas histórias.

— Histórias? — repetiu feito um disco riscado.

— Ela não sabe — falou meio rosnando o lobisomem. — Não se recorda.

— A ignorância é uma bênção — completou o vampiro.

— Não hoje, não agora — arrematou Lutécia.

A bruxa gesticulou as mãos em forma de garras e recitou uns versos em linguagem desconhecida. Os vocábulos profanos aprisionaram a consciência da diretora. A seguir, Lutécia soprou na direção de Michelle.

— Faça de sua voz inúmeras vozes! — ordenou.

O encantamento agiu feito o impacto de uma locomotiva sobre a cabeça da mulher, deixando-a aturdida e com uma fortíssima dor de cabeça. Se tivessem aberto seu crânio com um machado, a sensação não seria tão diferente, supôs.

Ao passar o efeito, Michelle viu-se rodeada por névoa a qual foi clareando aos poucos.

Mas foi a realidade de um sonho dentro de outro sonho o que vislumbrou.

Imagens surgiram de mundos que não deveriam ser dela.

Porém, de algum modo sabia: estivera lá.

Em todas as três épocas.

Residência.

Hospital.

Prisão.

O casarão onde, atualmente, estava instalado o Museu Municipal de Cascata do Norte, assim como os seres humanos, possuía inúmeras histórias e vivera inúmeras vidas. Contudo, havia pelo menos três histórias que possuíam um ponto de convergência.

— Diga-nos o que está vendo, MM — mandou a bruxa.

Michelle, cujos cabelos caíram sobre seus olhos qual uma cortina cerrada, parecia em transe, perdida, distante. Respirou profundamente, baixou a cabeça e, numa voz impassível, principiou a falar sobre histórias que não deveriam ser suas...

... mas eram.

6 - RESIDÊNCIA

É minha casa. Ela é enorme e elegante. Já antiga em meu tempo. Eu moro aqui.

Meu nome é Adelaide de Albuquerque Mendes. Tenho dezoito anos. Sou a filha única e mimada de um rico fazendeiro, o coronel Teotônio Mendes. Todas as terras ao redor, até onde a minha vista alcança, pertencem ao meu pai. Pertencem à mim. Todos os empregados tratam-nos com exagerado zelo e, eu diria, temor, pois meu pai é um homem demasiado severo, guarda a tudo e a todos com punhos de ferro. Mais de uma vez açoitou um criado ou ordenou ao capataz que assim o fizesse. Os empregados não têm escolha, não têm aonde ir. Ou cumprem as ordens a risca ou são expulsos da fazenda com uma mão na frente e outra atrás. Nada daqui lhes pertence: as casas onde moram, as mobílias, os utensílios, e, segundo meu pai, até suas almas. Ouvi boatos de que, certa feita, ele empurrou de tal forma uma criada que ela bateu a cabeça na quina de um móvel e morreu. Foi enterrada longe do casarão, em sigilo, mas como pode haver segredo tendo dezenas de empregados ao redor? Comentaram que ela engravidara. É o que dizem.

Sou cuidada feito uma princesa. Até na hora do banho sou lavada por duas mulheres. Não preciso me preocupar com a temperatura da água, as essências florais, a esponja, o deslizar do sabonete em meu corpo, as toalhas macias, as roupas a vestir. Gosto do toque gentil e impetuoso daquelas mãos delicadas sob a água. Acariciam-me todinha. Elas também demonstram apreciar o trabalho, pois demoram-se em certas partes de meu corpo, partes que me fazem gemer de satisfação feito um instrumento de cordas a ressoar sob os dedos. E eu me sinto molhada pela umidade de meu próprio corpo.

O fiel capataz de meu pai chama-se Atílio. É alto, forte e amorenado de sol. Dentro de casa, papai refere-se a ele como o seu "cão de guarda". Eu não gosto. Acho Atílio bonito. Sou atraída por sua barba, seu rosto suado, seu aspecto brutal e simplório. É uma força da terra em seu estado natural.

Um dia, enquanto papai está fora da fazenda a negócios e mamãe vigia o serviço das cozinheiras feito uma tirana, invento um pretexto para atrair Atílio até o estábulo. Ele supõe que seja para selar um dos cavalos. Pobrezinho! Lá, de santa faço-me de devassa. Deixo cair as alças de meu vestido, revelando-lhe os ombros nus. Também me abaixo e exponho o colo de maneira generosa e convidativa, qual vale de carne a ansiar pelo vento de um hálito libertino.

Atílio é homem dedicado ao meu pai. Fica rubro feito pitanga e faz menção de dar meia volta a pretexto de algo urgente que esqueceu de tratar.

Sou jovem, mas não me deixo enganar. Apesar de disfarçar, sei que sente atração por mim. Deve julgar ser um relacionamento proibido, um atrevimento impensável e impossível. Não deixa de estar certo. Porém, sou eu quem está a oferecer a porteira e cá estou a destrancá-la. Estou disposta a concretizar seus sonhos — e os meus, claro —, e posso ver no volume a se formar entre suas pernas que o desejo é recíproco. Mas o medo do coronel Teotônio Mendes é mais forte naquele homem sabidamente corajoso.

Ante sua hesitação e minha excitação crescente, tomo uma medida drástica: baixo de vez o decote do vestido. Exibo a alvura quente, carnuda e macia. Meus mamilos rapidamente endurecem. Solto um suspiro e fecho os olhos.

Como o ferro que, por mais rígido, dobra-se ao fogo, Atílio não resiste mais e atira-se desajeitadamente sobre mim, ansioso por aliviar seus ímpetos selvagens.

A porteira se escancara. Sinto seu cajado cutucar-me a parte íntima. Porém, assumo o controle e ordeno, enérgica, que se acalme. A custo, ele cede. Então, trêmula de curiosidade, baixo uma das mãos e apalpo a carne quente, firme e pulsante.

Atílio geme e põe a língua para fora.

É hora do garanhão atravessar a porteira.

Sobre o feno, fazemos amor como eu sempre imaginei que seria. Sinto-me dolorida, voluptuosa e molhada. Estou acima dos pudores. Sou uma gata selvagem no cio. Exultante, aperto e arranho. Gosto

do barulhinho de monjolo no vai e vem certo dentro do pilão. Soca, soca e soca! Meus quadris se mexem e, sem remorso, sinto-me uma mulher da vida. Eu que não confessarei isso ao padre! Quisera esse momento e essas sensações durarem para sempre. Todavia, o destino pode ser tão ardiloso quanto meu pai.

Justamente quando meus gritos excitados não podem mais ser abafados, o enérgico coronel Teotônio Mendes abre violentamente a porta do estábulo. Retorna antes do previsto e surpreende a mim e a Atílio como se fôssemos esposa e amante na alcova.

Entre o prazer e o desespero, Atílio inunda-me de seu sumo quente, o qual escorre porteira abaixo.

— O que está acontecendo aqui? — grita meu pai, possesso.

Como se não tivesse feito a mesma coisa com a maioria das criadas.

Mas não sua filha.

Sua filha não!

Desesperada, faço a única coisa plausível a uma mulher direita de família importante e com um nome a zelar na sociedade cascatense: berro que estou sendo atacada por Atílio!

O capataz, pasmo feito ladrão pego com a boca na botija e por minhas palavras, sai ainda ereto de dentro de mim.

Rápida, cubro minha virtude, levanto-me do feno e corro para trás do coronel Teotônio Mendes.

Atílio tenta explicar o inexplicável. O que podia ser mais eloquente do que aquilo que carrega entre as pernas? Gagueja feito garotinho, e — eu posso jurar — chora feito bebê.

Meu pai, atônito diante de tamanha traição, sem mencionar mais nenhuma palavra, saca seu revólver importado e aponta.

Boquiaberto, o capataz não esboça reação.

O coronel descarrega a munição em Atílio.

A cada estampido vejo surgirem as manchas de sangue.

O falo do capataz permanece rígido feito um mastro de veleiro. Essa visão até hoje perturba-me o sono de uma maneira libidinosa.

O pilão.

A porteira.

Sou acarinhada, consolada e gratificada com inúmeros presentes a fim de aplacar o trauma. Por precaução, fazem-me tomar um horrroso chá de ervas a fim de evitar qualquer gravidez.

Não sei ao certo como se livraram do corpo de Atílio, bem como dos detalhes sobre o abafamento do assunto. Meu pai possui o poder e os recursos financeiros para tanto. É um rei em seu castelo. Até o delegado e o juiz o temem.

Assim, a história morre e eu tenho meu capricho satisfeito.

Doravante, prossigo a desfrutar as carícias das criadas. Delas nada tenho a temer e, continuando boazinhas, tampouco elas de mim.

Se sinto remorsos por Atílio? De forma nenhuma.

Sou Adelaide.

Sou uma princesa.

Sou dona dessas terras.

Que ninguém se atreva a me contrariar.

7 - HOSPITAL

Hospital da Misericórdia Divina de Cascata do Norte.

Era nisso que o que o casarão se tornara e passara a se chamar gerações após o falecimento do coronel Teotônio Mendes e o misterioso desaparecimento de sua filha única, Adelaide de Albuquerque Mendes. Comentários do populacho davam conta que, certa feita, ela caminhava durante a madrugada pelo salão principal. Diziam que trajava apenas uma camisola, sem nada por baixo além daquilo que a mãe natureza lhe deu, falava sozinha, trejeitos desvairados. Ouvindo as criadas seus passos por causa dos saltos dos sapatos — por mais estranha que fosse a combinação de camisola e sapatos —, de repente, deram-se conta de que os ruídos e os resmungos cessaram. Apesar do receio diante do mau temperamento da patroa, foram averiguar. Contudo, nada encontraram. Nunca mais a solteirona foi vista.

Lendas a parte, tudo o que Abelardo queria era ter a sua tuberculose curada e retornar para a capital. Não gostava da quietude do campo. Não gostava do clima funéreo do hospital. Não gostava de ficar naquela construção tenebrosa e mal cuidada, não somente pelas histórias de assombração sussurradas pelas senhoras da limpeza, quanto pelos barulhos esquisitos testemunhados por seus próprios ouvidos. Os sons iam e vinham pelos corredores tarde da noite, quando o silêncio se fazia mais presente. Isso não deveria surpreendê-lo, afinal, num hospital as atividades nunca cessavam. Entretanto, seu leito ficava próximo à porta do quarto e, numa ocasião, a porta permanecera entreaberta. Assim, ele escutara nitidamente no corredor o ruído de passos e os sussurros, acompanhados por um leve mau cheiro. Porém, ao atingir a altura em que seu quarto se encontrava, não havia nada visível a produzir os sons. Mas o fedor permanecera um bom tempo no ar, um cheiro de cadáver começando a se decompor. Não fora alucinação! Podia jurar por tudo que havia no mundo de mais sagrado. E o necrotério era distante dali.

Entre as enfermeiras escaladas para ver seu estado, estava uma mulher robusta, cabelos louros e encaracolados chamada Soraya. Muito embora tenha se comprometido no auxílio aos médicos e, principalmente, cuidado caridoso para com os pacientes, a mulher abrigava um lado obscuro. Por fora, todos a tinham em consideração por seus modos gentis, fisionomia afável e gestos piedosos. No interior, porém, alimentava uma satisfação sádica, quase carnal, ao observar o sofrimento alheio e, mais ainda, infligi-lo deliberadamente. Não o fazia, porém, abertamente, mas de modo sutil, misturando veneno aos medicamentos, por exemplo, em doses minúsculas a fim de provocar e prolongar a angústia da pessoa sob seus cuidados. Quando, enfim, o infeliz sucumbia, Soraya debulhava-se em lágrimas fêngidas, como se seu parente fosse.

Abelardo não sabia como contrairia a sua moléstia. Provavelmente enquanto caminhava no centro da cidade a exercer o ofício de caixeiro-viajante, ou em algum botequim onde houvesse lanchado. Alguém que tivesse a doença podia ter espirrado perto dele. Como saber? Agora, sentia-se fraco, perdera mais de dez quilos, tossia dolorido e, vez ou outra era acometido de febre e intensa sudorese. Quem vivia na lida diária em meio ao público sujeitava-se a isso, lamentava.

Seu único consolo era a enfermeira mais cheinha de cabelos claros, a tal Soraya. Sempre apreciara as mulheres fartas, pois, como diziam por aí, quem gostava de osso era cachorro. O negócio dele era poder enterrar as mãos nas carnes. Claro, não podia pensar nisso em seu estado atual. Mas diante daquele olhar maternal, dos toques quentes e afáveis da mulher enquanto o lavava, imaginava-se um bebê de colo diante dos cuidados da mãe, por mais absurda que fosse a comparação. Só fantasiava quando seria o momento dela amamentá-lo em vez daquela gororoba horrorosa do hospital. Qual seria a sensação daqueles peitos enormes no seu rosto? Sorria só de pensar.

Tentou conversar com Soraya a respeito das coisas esquisitas vindas do corredor.

Soraya negou saber de qualquer coisa, embora o eriçar dos pelinhos em seus braços e o brilho gelado nos olhos desmentissem-na. Sim, Abelardo teve certeza: ela já experimentara certos eventos aos

quais não encontrara explicação. O que ele não adivinhou foi que tais eventos só contribuíram para deixá-la mais excitada em sua tarefa de dar cabo dos pacientes. Tornava tudo mais misterioso e emocionante. Esse novato, Abelardo, era um homem bonito; medíocre, mas bonito. Dava quase pena ter de acabar com ele. Seu medo do sobrenatural era genuíno e ninguém iria desconfiar, caso tivesse um aparente infarto. Conforme o diretor do hospital comentara, intrigado, isso vinha ocorrendo com frequência ultimamente. A proposta do caixeiro-viajante para que ficasse com ele de madrugada em razão de seu medo soou a enfermeira bastante conveniente. Não deixara de perceber os olhares gulosos que lhe lançava e até uma mão boba que, "acidentalmente", roçava-lhe a coxa. Ora, fazia tempo que a enfermeira não era alvo desse tipo de atenção. Por que não poderia tirar proveito nessa área também? Seria matar dois coelhos com uma só paulada, não seria? Dois prazerosos coelhos suculentos. Afinal, ansiava por satisfazer tanto o seu ímpeto homicida quanto saciar a impetuosidade de sua luxúria.

Não foi difícil para Soraya convencer a colega da madrugada a trocar de turno.

Abelardo se mostrou aliviado. A outra enfermeira, apesar de atenciosa, mostrava-se estritamente profissional e impessoal: eficiente feito um relógio, mas de nenhuma conversa. Além de ser magérrima feito uma tábua de passar roupa.

Soraya, pelo contrário, era diferente.

"Tenra como um pernil", era o seu pensamento antropofágico.

E quão diferente ela se mostrou ao fazer questão de limpá-lo cuidadosamente com a toalha umedecida na água quente do balde, passar sem pressa o pano seco por seu corpo todo, detendo-se na virtude, rapidamente, ficou em posição de sentido, ansiosa pelo aconchegante toque de mão e, quem sabe, dos lábios. Não tardaram a chegar. Abelardo arfou, acreditando-se na alturas. Um tremor involuntário percorreu seu corpo à medida em que Soraya executava movimentos rítmicos. Ao mesmo tempo e na mesma medida, os braços e as mãos dele se mostraram atrevidos. Afundou os dedos na carne generosa, enquanto lhe sugava os tão sonhados peitos. Até os dedos descobrirem os orifícios de Soraya. Foi a vez da mulher arquejar.

O leito hospitalar rangeu.

Abelardo, debilitado pela enfermidade, congratulou-se por ainda poder dar e sentir prazer. Pensou por acaso que, se tivesse que morrer da tuberculose, aquela seria a melhor maneira. Como a mulher era hábil com a língua! Era o paraíso.

Foi quando Soraya, enfermeira encorpada, decidiu deixar-se penetrar por Abelardo — ambos incertos quanto a resistência do leito — que o caixeiro-viajante pressentiu o quão perto da verdade se encontrava. Durante o incerto, ruidoso e monótono nhec-nhec, a mulher fogosa apanhou o travesseiro e meteu-o sobre a cabeça do enfermo, pressionando com toda a força. Entre o prazer, a escuridão e a falta de ar, o homem atingiu o clímax, esgotando suas reservas de energia no interior de Soraya. Sua ereção prolongou-se um pouco além da morte e o bastante para a enfermeira dela usufruir e alcançar o próprio orgasmo.

Enquanto arrumava o cadáver no leito, algo chamou a atenção de Soraya.

Eram ruídos.

Murmúrios.

Passadas.

Supondo tratar de algum funcionário, ensaiou um ar desolado a fim de comunicar o falecimento do doente. Abriu a porta do quarto. Franziu a testa e afastou as mechas loiras dos olhos. De início, não avistou ninguém. Então, no fim do corredor, surgiu uma escuridão incomum. E foi crescendo. De seu interior, avistaram-se pares de olhos cintilantes. Emanavam maldade. Destilavam ódio. Emergiam

através de uma passagem invisível entre mundos. O resquício de lascívia mesclou-se ao medo. Na calcinha, sentiu a mancha viscosa e fria da essência de Abelardo. Sem ter nada que identificasse aquelas coisas, um instinto murmurou a atônita enfermeira do que se tratavam. Compunham-se dos espíritos inquietos daqueles que ela matara no decorrer dos anos. Agora, regressavam do mundo dos mortos a fim de puni-la. O fedor de putrefação cresceu na mesma proporção do terror a dominá-la. Soraya gritou a plenos pulmões, mas não havia ajuda no mundo — ou além — que pudesse salvá-la. O horror de sua própria morte, não lhe trouxe o menor prazer.

O encontro de ambos os cadáveres tornou-se mais um dos enigmas ocorridos entre as grossas paredes do Hospital da Misericórdia Divina de Cascata do Norte. Particularmente no caso da enfermeira Soraya, ninguém foi capaz de explicar como sua carcaça fora feita em pedaços sem o uso de instrumento de corte a tal ponto que abalaria até o nefando assassino inglês, Jack, o Estripador.

8 - PRISÃO

Georgina.

Ela estava presa.

Uns diriam: pobrezinha!

Outros dariam graças à Deus.

Mulher franzina nos seus quarenta e poucos anos, aparentava ser uma senhora reservada e inofensiva. Quem poderia imaginar que, por baixo da aparência frágil de louça quebradiça, ocultava-se uma assassina em série desapiadada?

Ao longo de vinte anos, enviara para o além um total de doze maridos. O seguro de vida fora a motivação clichê, todavia, além disso, havia um rancor não resolvido contra os homens. Desde a juventude, o padrasto abusara dela e da mãe mediante ameaças físicas. Não compreendera na época o porquê da mãe não a defender ou a si própria. Quando fortalecera na mente o desejo de exterminá-lo, o desgranhento acabara morto numa reles briga de bar. Esse gosto lhe fora tirado. Se o alívio diante da ausência do padrasto viera, também chegara um tempo de aflições porque a mãe não trabalhava. A situação só melhorara após receberem o seguro, a pensão do falecido e a mãe arranjar serviço como doméstica.

Contudo, a vontade de matar permanecera enraizada em seu cérebro.

Era um furúnculo insidioso a clamar por sangue.

A cada cônjuge, via seu pai.

Morra!

Misto de vingança e ambição, Georgina enganara as autoridades durante anos. Fizera uso do instrumento típico das mulheres homicidas: veneno. Aplicava na comida em doses regulares e diminutas, de tal modo a provocar o adoecimento progressivo do cônjuge até levá-lo a óbito. Depois, a necessitada e pesarosa viúva procurava os bancos atrás daquilo que, acreditava, era seu por direito.

A psicopata só fora apanhada porque o último marido, Eurico, queixara-se a um parente sobre suas contínuas dores no estômago. Tal parente, um médico, desconfiara e alertara a polícia sobre suas suspeitas. Um exame laboratorial dos restos da última refeição de Eurico trouxera a certeza. Georgina estava matando lentamente o marido. Eurico recusara-se a aceitar o fato mesmo diante das provas. Pesquisando-se o passado da mulher, os investigadores levantaram as outras mortes. Exumações foram realizadas, corroborando o seu modus operandi. Georgina fora condenada por unanimidade do júri.

Ficara presa no antigo casarão e hospital, agora transformado na Penitenciária Municipal Teotônio Mendes de Cascata do Norte. Sua cela situava-se no antigo porão, onde eram trancafiados os detentos mais perigosos.

Apesar dos protestos de familiares, Eurico se recusara a processar a esposa. Continuava a amá-la e ia visitá-la regularmente.

Ele sempre fora de uma ingenuidade extrema a ponto de beirar a estupidez. Acreditava em demasia na boa-fé das pessoas. Confiava nos comerciais de TV, no advogado da esposa, nos corretores de imóveis, nos mercadores de igreja, nos vendedores de loja e até nas palavras de políticos. Chegava a despertar raiva naqueles que pretendiam abrir seus olhos e ele insistia em permanecer cego, em particular no parente a quem devia a vida. Profissionalmente, tivera sucesso na vida num cargo administrativo. Socialmente, fracassara, até conhecer Georgina. Ela fora a primeira mulher a demonstrar interesse por ele, do que gostava, no que estudava, em que trabalhava.

Fora a primeira a se mostrar compreensiva.

Fora a primeira a aparentar afeição.

Fora a primeira a tocá-lo.

E como transava!

Não, de jeito nenhum ela poderia ser o monstro que afirmavam!

Verdadeira ou não, Georgina fora a única mulher que dera a ele aquilo que ele jamais achara possível ter. E não se tratava somente de sexo. Eurico erguera todo um castelo de cartas ao redor de seu relacionamento com ela. Venerava-a. Elevara a esposa às alturas, sob o sólido alicerce de solidão no qual até então vivera.

Então, fora a própria Georgina quem cuidara de fazer todo o mundo de Eurico ruir.

Na última visita que o sujeito fizera à mulher — de quem ainda se encontrava casado — ela atirara-lhe a aliança e falara-lhe um monte de impropérios, afirmando o quanto nutria nojo por ele, como ele era repugnante e imbecil, que tudo o que quisera era o seu fim e dinheiro, mas que nem toda a fortuna do mundo compensaria o sacrifício de ter ido para a cama com ele. Só lamentava não ter conseguido fazer um favor à humanidade dando cabo da vida inútil que ele representava. Um violento tapa no rosto fora o ponto final da história de amor. Servira para, enfim, destruir toda a ilusão do pobre Eurico.

Agora, lá estava ela cumprindo sua pena. E penou na úmida escuridão entre as grades.

Georgina passou duas décadas na penitenciária. Nunca mais viu a luz do dia, pois enlouqueceu, alegando ouvir vozes e ter visões aterradoras naquele lugar: assombrações, monstros, a noite de olhos de fogo. Berrava sobre silhuetas diabólicas a emergir da escuridão. Dizia que rodeavam-na, abusavam dela e sussurravam coisas horripilantes sobre como seria o inferno a sua espera. Os carcereiros tiveram de amordaçá-la e algemá-la à cama. Dali, foi direto para um sanatório, vestindo camisa de força, onde definhou em meio a pesadelos até perecer.

Mas ao contrário do que se pensava, ela tivera sucesso. Conseguira matar Eurico. Senão fisicamente, destruíra a essência do homem que um dia existira.

Nunca mais confiou nas pessoas.

Nunca mais se viu como ser humano.

Nunca mais se importou com coisa alguma.

Por derradeiro, cometeu suicídio em seu quarto.

Como?

Tomando veneno.

9 - MUITAS VIDAS EM UMA VIDA

A pausa se derramou feito folha seca.

As brasas crepitavam na fogueira.

A sopa no caldeirão fumegava.

Fagulhas e vapores subiam.

Michelle Mower, cabisbaixa, ofegava. Abraçada a si mesma, dir-se-ia haver empreendido uma longa viagem. Não fora uma jornada agradável.

Todos fitavam-na em silêncio, lembrando o que fora contado e perdidos em seus devaneios.

— Histórias assaz interessantes — murmurou Tarik, a múmia. — Apesar dos milênios, os dramas humanos nunca deixaram de me fascinar. São como as finas areias do deserto: sempre mutáveis à mercê dos ventos do destino. Ora sob as profundezas das dunas, onde repousam na escuridão e no frio, sob a pressão do esquecimento. Ora sob a superfície: leves, irrequietos, dolorosos, ansiosos pela primeira brisa a fim de se fazerem conhecer. No final, porém, a poucos é reservado o conforto de um oásis, a frescura de sua sombra, o alívio de sua água e o regalo dos frutos das tamareiras.

A sereia fitou-o, admirada, seios empinados.

— Por baixo dessas bandagens corroídas, há um poeta!

O espírito infantil chamado Hélio, farto de narrativas tristes, concordou animadamente:

— Poeta! Poeta! Poetaaaaa!

Entretanto, Das Dores, o corpo-seco, sempre amargurada, resmungou:

— Poeta uma ova! Um monte de lero-lero. Decorou isso de alguma revista, esparadrapo? Não passa de um saco de ossos velhos.

O vampiro Nandru e o lobisomem Christopher tinham seus próprios dramas por recordar. Nada disseram, tocados pelas palavras da múmia e consumidos por suas memórias de romance, aventuras e enlances sensuais com suas amadas. O vazio e a saudade eram duas feridas poderosas, difíceis de cicatrizar.

Restou a bruxa Lutécia, a qual, em vez de prolongar o assunto, lançou um olhar apreensivo para as sombras atrás. Depois, fitou a mulher ao seu lado.

— Não percamos tempo. Michelle, retorne do abismo.

Murmurou outra enxurrada de frases incompreensíveis. As mãos em garra se fecharam como se apanhassem uma presa. E puxaram.

A bruma ao redor de Michelle pouco a pouco evanesceu. Era como se nadasse num líquido tão espesso quanto mel, desesperada por ar fresco. Enfim, conseguiu respirar. Ergueu vagarosamente a cabeça e afastou os cabelos. Suas pupilas se contraíram. A dor foi diminuindo a exemplo das ondas que, em uma praia, morriam em tiaras de espuma. A realidade de um sonho dentro de outro sonho — melhor seria dizer pesadelo — ficou para trás. E sua consciência livre ressurgiu nessa outra realidade na qual via-se cercada por extraordinárias figuras das noites insones.

Porém, de algum modo sabia: estivera lá.

Em todas as três épocas.

Residência.

Hospital.

Prisão.

— Eu... Eu... — balbuciou. — Onde...

— Calma, MM — falou Lutécia. — Respire. Empreendeu uma boa viagem.

— Não vi nada de bom por lá, seja "lá" onde for.

O fantasma de criança falou numa voz doce de ouvir:

— Decerto, ao chegar até aqui, reparou que cada um de nós possui várias sombras.

A diretora concordou. Acrescentou:

— Inclusive eu.

— Sabe o que representam, Mi?

Lutécia, a bruxa, retomou a dianteira, contrariando o espírito:

— *Muitas vidas em uma vida. Uma vida em muitas vidas.*

— Ei, era para eu dizer isso! — protestou o fantasma.

— Só que a frase é minha, Hélio — replicou a bruxa. — Aquiete-se.

— O que significa? — indagou Michelle.

— Você teve vislumbres de suas vidas passadas, meu bem — intrometeu-se Das Dores, sarcástica. — E, pelo jeito, foi uma diabinha depravada em todas elas.

A risada malévola saiu rouca da garganta ressequida.

Lutécia se enfureceu.

— Ora, deixem-me falar!

— À vontade, querida — falou o corpo-seco. — Melhor se apressar porque o nono colega está inquieto.

Lutécia estremeceu, lançando novo olhar sobre o ombro.

Michelle acompanhou e rosto da bruxa. Tudo o que viu foi uma escuridão densa adiante, na borda da floresta enevoadas. Parecia quase ter consistência física. Pulsava. Arrepiou-se e não soube dizer o motivo. Sentiu-se criança a xeretar debaixo da cama, no fundo da gaveta ou dentro do armário. Lembrou-se da vez que Mário, a pretexto de assustá-la, escondera-se atrás de uma porta com uma máscara monstruosa de palhaço enfiada na cabeça. Xingara-o até a quinta geração. Só se acalmara diante dos beijos incessantes do marido por todo o seu corpo, detendo-se nos locais onde a pele era mais sensível. Quando fizeram amor, ela demonstrara tanta elasticidade que faria inveja a uma praticante de ioga. Fora um susto tremendo. Ela odiava ser assustada. Mas não se comparava a essa escuridão silenciosa de mau agouro. Era um milhão de vezes pior, como se o terror houvesse se destilado em trevas pronta a agarrá-la.

Tornando a virar-se para a mulher ao lado, Lutécia explicou:

— Suas vidas têm se repetido no velho casarão de tempos em tempos. Algo prende seu espírito aqui. Adelaide, Soraya e Georgina foram suas encarnações anteriores. Assim como Atílio, Abelardo e Eurico são as encarnações daquele que, hoje em dia, você chama de Muriçoca.

Michelle fez uma expressão de nojo.

— O prefeito?

— Sim, ele. Como você, Muriçoca está amarrado ao vórtice desta construção.

— Reencarnação? Não sou espírita — afirmou Michelle. — Sou católica de nascimento, mas não vou à igreja.

Para Michelle, igrejas não passavam de instrumentos de manipulação criadas a fim de amansar o gado e conduzi-lo ao abate.

Lutécia pestanejou.

— Religiões são rótulos! Templos são edifícios! Invenções mundanas dos homens que pouco ou nada significam. A questão é que, na vida atual, você tem a oportunidade de se libertar de um ciclo sem fim. Excepcionalmente, houve uma mudança no padrão.

— Como assim?

Nandru riu sem vontade.

— Uma mulher sempre tem uma interrogação na ponta da língua.

Lutécia olhou feio para ele que, sem temê-la, sustentou altivamente seu olhar. Por que um vampiro de ascendência nobre, um guerreiro que enfrentou intrigas e combateu exércitos iria temer diante de uma reles feiticeira? Ela pode se achar a líder do grupo, mas de modo algum Nandru daria sustentabilidade a tal ilusão.

A bruxa tornou a pestanejar.

— Com certeza, percebeu que as mulheres de suas vidas passadas não foram exatamente modelos de existência exemplar — explicou a Michelle. — Ao contrário, os homens com quem se relacionou eram essencialmente bons. Por outro lado, nesta vida, no papel de diretora do Museu, esposa e mãe, você é uma boa mulher, ao passo que o tal prefeito... Humpf! Sabe melhor do que eu. Aqui, ele é o ícone mau que a acompanha. A quebra do paradigma permitir-lhe-á alterar seu destino futuro. É a oportunidade de se livrar de Muriçoca enquanto sua nêmesis e do vórtice representado pelo casarão.

A cabeça de Michelle Mower rodopiava.

Noite.

Bruxas.

Alçapão.

Vampiros.

Lobisomens.

Vida anterior.

Floresta sombria.

Michelle balançou negativamente a cabeça.

— Nunca fui um modelo de boa moça.

— Suas experiências sexuais não a definem. Se sexo não fosse bom, não teria sido inventado. Ademais, enquanto ligada a um homem, jamais o traiu. A depravação a que se refere Das Dores é um mal da alma, uma corrosão do caráter, uma podridão do espírito. E disso, tanto ela quanto eu compreendemos.

Michelle não cogitava de se afastar do casarão por sentir que o serviço no Museu seria o melhor para si. Não suportava mais o magistério. Todavia, livrar-se de um néscio repulsivo feito o prefeito, mais do que um alívio, seria uma bênção. Todavia, o que significava "se livrar"?

— O que preciso fazer?

— Ah, minha cara, você tem trabalhado o dia inteiro, beirando a madrugada. Nesse ínterim, o vagabundo do Muriçoca apenas sonha em possui-la, com ou sem seu consentimento.

— O que isso significa?

— Nesta noite, enquanto está diante do computador, o prefeito — que obteve um molho de chave extra do Museu — virá sorrateiramente até o prédio. Verá a luz no andar superior. Lamberá os beijos qual fera faminta. Entrará, subirá a escadaria até o escritório e, pegando-a de surpresa, procurará violentá-la. Você deve, pois, dar fim nele, antes que ele cause o seu.

— Matá-lo?!

— Creio ser esse o termo.

Tal pensamento jamais passara pela cabeça da mulher, mesmo em se tratando daquela morsa grotesca. Imaginara algo mais exemplar, como um tapa bem dado ou um pé no traseiro.

— Sei que é incapaz de esmagar uma mosca, MM — prosseguiu a bruxa. — Basta fazê-lo pisar na porta do alçapão. Ele será transportado a esta floresta onde os espectros o aguardam ansiosamente.

Em resposta, a folhagem farfalhou, galhos se partiram e ruídos medonhos fizeram-se ouvir.

Michelle ficou trêmula.

— Mas eu...

— Depois de estuprá-la, o maldito a matará para que não o denuncie, comprometa sua carreira política e, tampouco seu casamento, por mais que seja só de fachada — afirmou Lutécia. — Afinal, em se tratando do calhorda, tudo é falso, à exceção da cobiça pelo poder, da posse pelo patrimônio público e do gosto por aquilo que você chama de "breganojo". Ademais, deve pensar em Melissa...

À menção da filha, Michelle empertigou-se.

— O que tem minha filha?

— Ao contrário das outras existências, além de boa pessoa, você é a única que teve uma criança. Desejará que cresça órfã de mãe diante de um destino incerto? Desejará deixar de vê-la crescer sob seus cuidados? Não? Pois bem, entregue Muriçoca às sombras e rompa o ciclo que a converge ao casarão!

A floresta murmurou ao redor.

As sombras se agitaram.

O vento uivou.

10 - O NONO MEMBRO

Mil pensamentos passaram pela diretora. Sussurrou para si:

— Agora não me parece tão ruim...

Christopher, o lobisomem, de ouvidos apurados, indagou:

— O que quer dizer?

— Do modo como sabem a meu respeito, achei que lessem pensamentos. A essa altura, dar aula para os pentelhos não me parece tão ruim. — Então, virou-se para o outro lado, para Lutécia. — Um momento... Você falou que estou diante do computador, porém, estou aqui! Então, não há como Muriçoca me pegar.

Christopher expôs as mandíbulas de dentes afiados:

— Onde você acha que é aqui? Um túnel? Uma clareira? Uma floresta? Antigas são as histórias contadas e ouvidas ao redor da fogueira sobre a escuridão, o horror, criaturas medonhas, ruídos estranhos, ranger de portas, sons de correntes arrastadas, lamúrias, pesadelos. O medo integra não só a sua infância, mas de toda a humanidade. Seu medo criou este lugar.

Os demais concordaram.

— Esta é a nossa última reunião — suspirou a sereia cheia de melancolia. — Sentirei falta.

O vampiro se manifestou:

— Se é que sentiremos algo.

— Ora, Nandru, Das Dores, Hélio e Tarik — até você! — não são provas de uma existência posterior?

— Peixinho — Das Dores sorriu cinicamente —, *esta* já é a existência posterior.

A mulher-peixe emitiu um gritinho aflito. As escamas cintilaram num milhão de estrelas.

O silêncio tornou a cair sobre a roda de criaturas fantásticas.

Era o último encontro após tanto tempo. A maioria nutria um misto de alívio e pesar.

A floresta sussurrava.

A madeira crepitava.

As fagulhas subiram.

As sombras gemiam.

As trevas esperavam.

Vendo estar a sereia prestes a cair em pranto, Michelle atreveu-se a perguntar:

— Por que é a última reunião?

Tarik apontou um dedo ossudo para a escuridão adiante dele e atrás dela. Era um canto mais tenebroso do que os arredores, onde árvore alguma abrigava o dom da vida.

— Por que ele assim o determinou.

— "Ele"? Quem é ele?

— O nono membro desta reunião, contando com você, criança — prosseguiu a múmia não sem dificuldade devido ao remanescente de carne enrijecida.

— Aquele que está acima de nós, sem de nós fazer parte — murmurou a sereia, medrosa.

Michelle virou-se para o canto indicado e nada viu.

De súbito, porém, a área foi banhada por uma luz mortiça.

Um tremor maior do que aquele que ela sentira ao descer pelo alçapão tomou conta de seu corpo.

Afinal, lá estava o nono membro, o qual permanecera isolado, apenas observando e aguardando. Qualquer um saberia de quem se tratava ao ver o sorriso perpétuo, as feições

descarnadas, o manto negro em ruínas e, principalmente, a foice enferrujada através da qual ceifara a vida de milhões desde o princípio de todas as eras.

A Morte.

— Satisfeita? — indagou o Senhor dos Infortúnios. — Venha aqui.

Não era um pedido.

Michelle obedeceu, incapaz de resistir ao vazio daquele olhar. Todavia, passo a passo, pés descalços no chão úmido e esponjoso, quanto mais se aproximava, mais foi tomada por uma fraqueza crescente.

A Morte murmurou em voz cavernosa:

— Não perto demais. Pare aí, senão sua vida será sugada antes do tempo. Agora, pergunte.

— Pe-perguntar?

— O que vai em seu coração neste momento.

Michelle hesitou, por fim, decidiu-se.

— Por que eles precisam morrer?

Se a Morte tivesse ânimo para sorrir, tê-lo-ia feito.

— Alguns por suas naturezas já estão mortos: o vampiro, o corpo-seco, a múmia e, evidentemente, o fantasma. Outros, pereceram de outras causas. Neste momento, todos desfrutam de uma existência na não-vida. Eu apagarei esta imitação da vida e concederei a absolutez do Nada.

— Po-por quê?

— Pelo mesmo motivo que, um dia, colherei sua vida e a de seus semelhantes: para dar lugar ao próximo.

Michelle fez um muxoxo ao pensar no próprio fim e daqueles a quem amava.

— Não obstante — disse a Morte. — Diante de sua ousadia e piedade, permitirei que eles continuem para além da meia-noite, até o raiar do novo dia...

Os participantes da reunião deram vivas e chamaram-na de volta.

Contudo, a Morte não havia terminado.

— ... Mas com uma condição.

Michelle fitou a Morte. Um arrepiou percorreu a espinha.

— Qual?

— Por cada um deles, você me entregará um mês de sua vida.

Um burburinho indignado passou por entre as criaturas.

Sete meses a menos de vida.

A Morte insistiu:

— Aceita? Responda!

— A-a-aceito — gaguejou a mulher.

— Então, temos um trato, Michelle Mower.

A Morte voltou a se fundir à escuridão, cujas trevas, em verdade, dela emanava.

Cambaleante, a diretora retomou o seu lugar na roda.

O fantasma de criança sussurrou:

— Nossa, você foi corajosa e generosa. Tome sopa com a gente.

Michelle, perturbada pelo acordo que realizara, hesitou ao olhar o caldeirão.

Das Dores riu a valer.

— Não se preocupe — sorriu o vampiro. — É apenas sopa de legumes.

— Ma-mas você é um vampiro! Alimenta-se de sangue; o lobisomem, de carne; o fantasma... não faço a menor ideia; a...

Nandru ergueu sua mão, interrompendo-a.

— É uma noite especial. Todos poderemos provar a sopa. Anseio por isso há séculos!

— Verdade — concordou a sereia. — E Michelle nos deu um presente que lhe é particularmente especial, não é, Nandru?

O guerreiro medieval meneou a cabeça.

— De fato. Estou em débito. — E virando-se para Michelle. — Por isso, ser-lhe-ei eternamente grato.

Havia veracidade à menção do eterno.

— O que foi que eu fiz? — indagou a mulher.

— Passado tanto tempo, testemunharei o nascer do Sol. Você me devolveu o alvorecer. Obrigado.

— Poderei me despedir de Selenel! — gritou Hélio.

— Nadarei no rio Itanhaém uma última vez! — disse a sereia.

— Correrei pelas montanhas e dedicarei meu derradeiro uivo à Audrey — murmurou Christopher.

— Apavorarei um último infeliz que cruzar meu caminho na estrada — falou o corpo-seco.

— Quem sabe, eu consiga apanhar mais um aluno — riu Lutécia, erguendo o cutelo.

— Espero subir na duna mais alta do Saara e sentir o toque do vento em meu rosto — murmurou Tarik.

Então, o grupo silenciou enquanto saboreavam a sopa feita pela bruxa.

— Que tal? — indagou Lutécia.

— Saborosa! — foi a opinião unânime das criaturas.

— Deliciosa — reconheceu a diretora do Museu.

Ruídos fizeram-se ouvir no interior da floresta.

11 - FIM DO CICLO

As pálpebras de Michelle se ergueram.

De algum modo, estava de volta ao escritório e diante do computador.

Os braços encontravam-se entorpecidos. Certamente, adormecera.

Adormecera? Mas não havia descido a escadaria? E quanto ao socador do pilão?

O que dissera o lobisomem sobre ser aqui?

Lobisomem, vampiro, múmia, sereia, fantasma, bruxa, corpo-seco... Que sonho! Sonho?

Examinou o relógio: 22h45min.

— Só isso? Impossível!

O som de tilintar de chaves no piso inferior trouxe Michelle de volta à realidade.

Insanidade ou não, sabia de quem se tratava.

— Muriçoca!

Apreensiva, procurou pelo pilão e não encontrou o socador no lugar. Ficou intrigada. Então, desligou a luz do escritório e, para não fazer barulho, retirou os sapatos num sentimento de *déjà vu*. Desceu rapidamente os degraus de cedro. O contato gelado sob os pés despertou-a de vez. Caminhou feito sombra por entre as peças do salão principal. Passou por um monjolo, um leito hospitalar e um par de algemas numa vitrine. As velhas personalidades de Cascata do Norte miravam-na de seus retratos emoldurados através do tempo e de olhos mortos. Dirigiu-se ao local onde se encontrava a tapeçaria cuja imagem representava o município como era antigamente. Nesse exato momento, as duas enormes folhas da porta se abriram e o vulto baixo e roliço do prefeito destacou-se diante do pano de fundo da noite e um relâmpago que se fez brilhar. O trovão ecoou pelas grossas paredes e o tremor se fez sentir no piso de madeira. Teve início o temporal.

— Oh, diretora, você está aí... — sussurrou a morsa. — Precisamos conversar.

— Não temos nada a conversar a esta hora.

— Ah, temos sim, ainda que um assunto de tal importância não requeira palavras, mas ação.

Michelle engoliu em seco, recordando-se das palavras de Lutécia. Um fio de pavor percorreu o corpo da ex-professora. Recuou alguns passos.

O prefeito tornou a fechar a porta e ficou oculto nas sombras. Apesar dos olhos diminutos, podia ver a mulher, o que ficou claro quando observou:

— Oh, você está descalça! Minha nossa, que lindos pés...

Se havia alguma dúvida na irrealidade daquele momento e, em particular, nas intenções de Muriçoca, ela se dissipou imediatamente.

— Me-meu marido está me aguardando lá fora — blefou.

— Não vi carro algum, diretora. Venha, aproxime-se para que possamos nos falar.

O odor de charuto cubano impregnou o ar ao redor dos dois.

Michelle recuou mais ainda e o homem calvo adiantou-se, agora, sem disfarçar aquilo que pretendia.

— Vem cá! — gritou. — Acha que fiz de você diretora de graça?

Ela se virou e começou a correr, porém, o homem calvo tomado pelo desejo alcançou-a enlaçando a cintura da mulher com os braços curtos e peludos.

Michelle, ao sentir a protuberância cutucar suas nádegas, entrou em desespero.

— Solte-me, seu merda!

— Não finja que não gosta — sussurrou o prefeito nos ouvidos dela, esfregando o bigode em seu pescoço. — Vi como rebolou em meu gabinete. Ah, cabelos macios... e a pele...

A mão direita de Muriçoca conseguiu alcançar um dos seios de Michelle e esmagou-o a ponto dela sentir dor.

— Delícia — gemeu o político, apertando-a mais contra si.

Michelle procurou se desvencilhar. Deu cotoveladas, chutou, arranhou a cara asquerosa. Num movimento de corpo, girou e fez o prefeito ir para trás. Foi quando este, pisando em algo roliço, escorregou e caiu de costas, libertando-a de seu abraço.

Nesse instante, outro relâmpago cortou o céu do lado de fora.

Através da luz repentina que atravessou as frestas do Museu Municipal de Cachoeira do Norte, Michelle presenciou o inacreditável acontecer:

O pesado tapete se afastou, puxado por mãos invisíveis. No piso de tábuas, o alçapão que não deveria existir se abriu numa garganta negra cravejada de farpas. Esfomeada, recebeu o pretense estuprador com nome de inseto. Mastigou sem pressa.

Muriçoca berrou feito um animal alvejado. Inúmeras feridas abertas surgiram em seu corpo. Sangue gotejou, escorreu, jorrou. A cabeça e o tronco sumiram goela abaixo, restando as pernas agitadas. Gemido agonizante.

A mulher exultou.

— Bem feito! Vá pro quinto dos infernos, desgraçado!

A escuridão retornou e o trovão ribombou entre as nuvens num brado de deuses e demônios.

As apalpadelas, Michelle procurou pelo interruptor e acendeu as luzes do salão principal.

Nada, nada havia de estranho no piso...

... E tudo de anormal.

Nenhum sinal de alçapão.

Nenhuma pista do prefeito. Exceto...

Agachou-se e apanhou o objeto que fizera a besta perder o equilíbrio: o socador de pilão.

— Como?

Então, bateram à porta.

Assustou-se.

— MM! — chamaram.

Era a voz de seu marido.

Trêmula ainda, correu em direção à porta.

— Mário!

— Oi, amor. Me viu chegando? Por isso acendeu a luz?

Sem responder, Michelle agarrou-se a ele em um abraço apertado. Era real. Era sua boia salva-vidas. Era tudo o que importava.

— Oba, isso que é recepção — brincou ele.

Quando se sentiu dona de si, ela perguntou:

— Eu? Hã... O que está fazendo aqui?

Mário deu uma palmadinha no traseiro da esposa.

— Ora, vim cutucar você pra voltar pra casa. Não estou gostando desse negócio de chegar tarde da noite. Mas conta, me viu chegar? O que está fazendo sem sapatos? Por que esse porrete na sua mão?

— Porrete? Ah, é um socador de pilão.

Ainda afoita, amedrontada e confusa por tudo o que aconteceu, sem saber por onde começar ou sequer o que responder, voltou a agarrá-lo e meteu a língua na boca do marido. Foi um beijo ardente como havia tempos não trocavam. O socador fez um baque seco ao cair. Michelle guiou o marido escadaria acima até o aposento onde se encontrava a cama de dossel centenária e o colchão de penas de ganso. Então, enquanto mordiscava a orelha de Mário, lembrou-se e falou ofegante:

— E Melissa?

— A montanha veio à Maomé... — respondeu, enquanto se desfazia do *tailleur* da mulher. — Sua mãe apareceu e ficou com ela.

— Que chato — falou a diretora em tom fingido.

Mário e Michelle se atracaram sobre a cama. Fizeram um amor ruidoso, selvagem e suado. Se ele estranhou toda a volúpia da mulher, demonstrou sua sabedoria em não a questionar. Usufruiu, acariciou e sorveu todo o desejo que ela demonstrava. Quanto a ela, deu vazão a toda fantasia que guardara dentro de si, entregando-se completamente nas mais diversas formas. Foi maneira de expulsar toda a aflição que sentia. Um verdadeiro exorcismo através do sexo. No final, esbaforido, Mário falou:

— Caramba, você devia ter sido nomeada diretora há mais tempo!

— Acho que sim — disse ela, mantendo-o dentro de si. — Mais uma vez!

— Eu topo! Os Mendes que rolem no mausoléu!

E voltaram a se mexer ritmicamente.

Quando chegaram em casa, Melissa continuava acordada. Interrompeu imediatamente o desenho que vinha fazendo. Fitou os pais com suspeita e indagou:

— O que andaram aprontando?

Pega de surpresa, Michelle devolveu a pergunta com outra:

— O que quer dizer?

A menina deu de ombros e começou a rir.

— Nada não, mãe MM. Brincadeira.

Espertinha, muito esperta. Estava crescendo depressa demais, lamentou Michelle. Ao seu lado, Mário era a personificação da inocência: o retrato de um garotinho feliz por haver ganho seu doce favorito.

Ao amanhecer, no Museu Municipal de Cascata do Norte, uma das funcionárias reclamou:

— Dona Michelle, venha ver essa cama! Pintaram e bordaram por aqui. A senhora viu ou ouviu qualquer coisa diferente na noite passada?

— Eu? Não vi não, Martinha. Não sei de nada.

— Diacho, tão achando que isso aqui é motel!

— Que coisa...

— Este mundo tá terrível... Terrível!

Michelle, com um vago sentimento de remorso, sorriu para si própria. Relanceou a vista para além da janela e, diante do Sol pouco acima do horizonte, pensou no vampiro Nandru e nas demais entidades da noite. A essa altura, o destino através das mãos do nono membro da reunião fizera-se cumprir. Levara-os ao esquecimento da não existência. De um modo estranho e inexplicável, Michelle concluiu que sentirá falta dos membros da extraordinária reunião... Exceto um: aquele que reencontrará sete meses antes do programado. Deu-se conta, então, de não haver feito a pergunta mais importante de todas, ou, como diria seu falecido pai: "Fala de tudo, mas não do que precisa". Por que esses seres, em tese tido por malignos, a ajudaram? Não soube responder, apenas agradecer por terem-no feito.

Quanto a Muriçoca, naturalmente todos estranharam o seu sumiço. Uma investigação foi aberta a fim de apurar o caso. Até a diretora foi interrogada. Não se sabia

de nada. Boatos correram dele ter fugido com o erário para o estrangeiro, levando uma mulher da vida a tiracolo. De certeza, o prefeito de passado duvidoso jamais foi encontrado e, a bem da verdade, ninguém sentiu sua falta.

A inauguração do Museu foi postergada e, quando veio, foi algo simples, sem alarde.

Michelle pôde trabalhar tranquila em meio às relíquias da cidade que amava. De quebra, começou a anotar tudo aquilo que ocorrera. Quem sabe, um dia, colocaria no papel mediante pseudônimo, alterando os nomes das personagens e dos lugares? O título poderia ser *A Longa Noite de Fulana*. Tornar-se-ia, de fato, uma escritora de histórias de horror, conforme mencionara.

Ao sair à noite do trabalho — sem horas extras não remuneradas —, passou a dirigir seus olhos para o firmamento. Na escuridão e no silêncio frio, perguntava-se como, sob um mesmo céu, tantas histórias puderam ser vivenciadas, escritas e perpetuadas.

*Das terras, de todos os lugares e horizontes,
Somente as estrelas são as mesmas;
Companheiras mudas que, como eu,
Partilham a solidão e o frio da noite,
Através das eras.
Eternidade.
(Nandru, o vampiro)*

NOTA DO AUTOR:

Um esboço de poucas linhas surgiu enquanto eu trocava mensagens com a escritora gaúcha de suspense e horror Gisele Wommer. Tudo o mais — para o bem ou para o mal — veio de minha cabeça, conforme desenvolvia o conto. A ela minha gratidão, pois o que seria de uma construção sem seus tijolos iniciais?

Roberto Schima:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de cento e vinte antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Ademir Pascale
Escritor e Editor

PATROCINE A

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

entre em contato:

ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.04.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura